

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SUELLEN KOCHINSKI BORGES DE OLIVEIRA

PARTIR, CIRCULAR E RETORNAR: CONSIDERAÇÕES SOBRE O CIRCUITO  
PULSIONAL NA OBRA FREUDIANA NORTEADAS PELO PREFIXO *SELBST*

CURITIBA

2024

SUELLEN KOCHINSKI BORGES DE OLIVEIRA

PARTIR, CIRCULAR E RETORNAR: CONSIDERAÇÕES SOBRE O CIRCUITO  
PULSIONAL NA OBRA FREUDIANA NORTEADAS PELO PREFIXO *SELBST*

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Psicologia, Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Nadja Nara Barbosa Pinheiro.

CURITIBA

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Oliveira, Suellen Kochinski Borges de

Partir, circular e retornar: considerações sobre o circuito pulsional na obra freudiana norteadas pelo prefixo Selbst. / Suellen Kochinski Borges de Oliveira. – Curitiba, 2024.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Nadja Nara Barbosa Pinheiro

1. Circuito pulsional. 2. Freud. 3. Selbst. 4. Sentimento de Si. 5. Dualidade pulsional I. Pinheiro, Nadja Nara Barbosa. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

Bibliotecário: Dênis Junio de Almeida CRB-9/2092

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **SUELLEN KOCHINSKI BORGES DE OLIVEIRA** intitulada: **Partir, circular e retornar: considerações sobre o circuito pulsional na obra freudiana norteadas pelo prefixo *Selbst.***, sob orientação da Profa. Dra. NADJA NARA BARBOSA PINHEIRO, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 01 de Outubro de 2024.

Assinatura Eletrônica

03/10/2024 07:06:18.0

NADJA NARA BARBOSA PINHEIRO

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

12/10/2024 18:17:36.0

EDUARDO RIBEIRO DA FONSECA

Avaliador Externo (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

07/10/2024 13:35:04.0

LÍGIA MARIA DURSKI

Avaliador Externo (ESPAÇO BRASILEIRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS)

## AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Nadja Nara Barbosa Pinheiro, por proporcionar uma orientação cuidadosa, consistente e rigorosa. Por demonstrar, no dia a dia, a possibilidade de sentir prazer com a pesquisa. Por toda paciência e todo afeto, por todo aprendizado sobre psicanálise e – inevitavelmente – sobre a vida.

À Ligia Maria Durski, por plantar a semente que fez surgir essa dissertação. Por acreditar no meu percurso antes mesmo que ele existisse. Por ser uma parte essencial do que me levou a estudar e trabalhar com psicanálise. Por se tornar uma amizade imprescindível.

Ao Prof. Dr. Eduardo Ribeiro da Fonseca, pela disponibilidade em participar da banca e contribuir com nosso trabalho. Por auxiliar na minha formação e no meu futuro como pesquisadora.

À Flávia e Ana, amigas que tive o imenso prazer de conhecer no laboratório de Psicanálise. Agradeço a parceria nesses dois anos e meio (e espero que ela se mantenha por muitos mais). Agradeço, também, a oportunidade de dividir as angústias, o conhecimento, as conquistas e, acima de tudo, as vivências – acadêmicas e pessoais.

À todas as amigas que me deram suporte. Agradeço Bruna, por ser meu porto seguro, por me mostrar que família independe dos laços de sangue. Agradeço Isabella, por me dar todo apoio possível no começo dessa jornada. Agradeço Elisa e Gabi, pela disposição em ler vários dos textos comigo, debater, trocar, (chorar) e construir junto. E agradeço Rafa, Gleici e Even, por estarem sempre à disposição para comemorar, e me acolher, em cada etapa dessa pesquisa.

Ao meu pai e minha irmã, por proporcionarem a base e a sustentação necessária para que eu construísse tudo que tenho hoje.

Aos pets que fizeram parte da minha vida nesse período: Zaia, Pé de Pano, Capim e Toró. Agradeço por ficarem horas deitados no meu colo enquanto eu escrevia. Pela companhia e aconchego que mesmo sem saber vocês me deram.

Por fim, enfatizo que as elaborações teóricas dessa pesquisa são, também, mérito de todos vocês. Vocês já estavam me ensinando, na prática, que destinar amor para o outro também pode ser – em última instância – uma forma de cuidar de si mesmo. Obrigada.

*A gente sempre destrói aquilo que mais ama  
em campo aberto, ou numa emboscada;  
alguns com a leveza do carinho  
outros com a dureza da palavra;  
os covardes destroem com um beijo  
os valentes destroem com a espada.*

*(Wilde, O. apud. Coelho, P., 2020, p.05)*

## RESUMO

A percepção clínica de que inúmeros pacientes endereçam para si mesmos afetos amorosos e hostis que não condizem, necessariamente, com a conquista de metas e de status sociais por eles pré-estabelecidos é o que disparou a presente pesquisa de dissertação. Nela, objetivou-se entender melhor como cada indivíduo constrói o sentimento de Si a partir do qual se mensura e se percebe subjetivamente. Com a questão delimitada, levantou-se a hipótese de que a construção do sentimento de Si está vinculada à dinâmica pulsional e ao estabelecimento do Eu como instância psíquica. Diante da complexidade do tema, nossa investigação foi circunscrita à obra freudiana, ambicionando alcançar um entendimento mais aprofundado sobre essas três dimensões: a dinâmica pulsional, o Eu e a construção, por cada sujeito, de um sentimento de Si. O desenvolvimento da pesquisa se deu em três capítulos, além da introdução e das conclusões. O primeiro capítulo se dedica a apresentar os pressupostos teóricos que sustentam Freud na elaboração do conceito de pulsão. Assim, perpassa os temas da sexualidade infantil, inconsciente e autoerótica, movimentada pelos princípios do prazer e da realidade em suas articulações com o complexo de Édipo. No segundo capítulo, cujo intuito é articular a dinâmica pulsional à constituição do Eu, o mapeamento dos usos efetuados por Freud do termo sentimento de Si [*Selbstgefühl*], entendido como um retorno pulsional de amor ao próprio Eu (tal como proposto por Marilene Carone), evidencia-se o narcisismo e a melancolia como expressões da dualidade amor/ódio, levando à constatação de que todo investimento é ambivalente. Ademais, compreendeu-se que ao considerar a premissa do próprio Eu como elegível a objeto libidinal, a ambivalência será inerente e necessária nesse investimento. No terceiro capítulo, visando a compreensão da dualidade pulsional, a investigação dos usos do prefixo *Selbst* na segunda tópica freudiana elucida um movimento pulsional de retorno ao ponto de partida para além do retorno ao Eu, uma vez que essa instância não é originária. O Eu é constituído ao longo da organização da subjetividade a partir da qual o caráter quantitativo da pulsão assume dimensões qualitativas, tais como: crítica, congratulação, recriminação, rebaixamento, amor, ódio, entre outros. Como conclusão, destacou-se o entendimento da pulsão como circuito que enlaça impulso, objeto, satisfação e Eu. Essa compreensão deixou em aberto uma questão sobre a noção de destrutividade na obra freudiana: se a pulsão de morte pode ser entendida como aquilo que, no circuito pulsional, escapa à libidinização, isso pressupõe a necessidade de que essa parcela, para se satisfazer, contorne um objeto na concretude da realidade material? Por fim, algumas articulações entre teoria e prática clínica foram propostas, apresentando possibilidades para a ampliação e aperfeiçoamento da escuta clínica.

**Palavras-Chave:** Circuito Pulsional; *Selbst*; Sentimento de Si; Psicanálise; Freud

## ABSTRACT

The clinical observation that numerous patients experience addressing to themselves loving and hostile affections that do not necessarily align with the achievement of their pre-established goals and social status is what has triggered this dissertation research. Its objective was to better understand how each individual constructs the sense of Self from which they measure and perceive themselves subjectively. With this issue defined, the hypothesis emerged that the construction of the sense of Self is linked to the drive dynamics and the establishment of the Ego as a psychic instance. Given the complexity of the topic, our investigation was circumscribed to the Freudian theory, aiming to achieve a deeper understanding of three dimensions: drive dynamics, the Ego, and the construction of a sense of Self by each subject. The research was developed across three chapters, in addition to the introduction and conclusion. The first chapter presents the theoretical assumptions that support Freud's elaboration of the concept of drive. It covers themes such as infantile sexuality, the unconscious, and autoeroticism, driven by the pleasure and reality principles in their articulations with the Oedipus complex. The second chapter, which aims to articulate drive dynamics with the constitution of the Ego, maps Freud's uses of the term sense of Self [*Selbstgefühl*], understood as a drive return of love to the Ego itself (as proposed by Marilene Carone). This chapter highlights narcissism and melancholy as expressions of the love/hate duality, leading to the realization that every investment is ambivalent. Furthermore, it is understood that by considering the premise of the Ego itself as eligible for a libidinal object, ambivalence will be inherent and necessary in this investment. The third chapter, aiming to understand the drive duality contained therein, investigates the uses of the prefix *Selbst* in Freud's second topography. It elucidates a drive movement of returning to the starting point beyond the return to the Ego, since this instance is not original but constituted throughout the organization of subjectivity. From this, the quantitative character of the drive assumes qualitative dimensions, such as criticism, congratulation, recrimination, devaluation, love, and hate, among others. In conclusion, the understanding of the drive as a circuit that links impulse, object, satisfaction, and Ego is highlighted. This understanding raises a question about the notion of destructiveness in Freudian theory: if the death drive can be understood as that which, in the drive circuit, escapes libidization, does this imply the necessity for this portion to circumvent an object in the concreteness of material reality to be satisfied? Finally, several connections between theory and clinical practice were proposed, offering possibilities for the expansion and enhancement of clinical listening.

**Keywords:** Drive Circuit; *Selbst*; Sense of Self; Psychoanalysis; Freud

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>2. PRIMÓRDIOS DO SENTIMENTO DE SI: A SEXUALIDADE INFANTIL .....</b>	<b>24</b>
<b>2.1 AUTOEROTISMO E SEXUALIDADE INFANTIL .....</b>	<b>25</b>
<b>2.2 OS PRINCÍPIOS DO FUNCIONAMENTO PSÍQUICO .....</b>	<b>31</b>
<b>2.3 COMPLEXO DE ÉDIPPO .....</b>	<b>35</b>
2.3.1. O desejo de saber e a primazia do falo .....	38
2.3.2. O fator inconsciente do Édipo .....	39
<b>2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>41</b>
<b>3. SOBRE A AMBIVALÊNCIA AMOR/ÓDIO: NARCISISMO E MELANCOLIA ....</b>	<b>45</b>
<b>3.1 NARCISISMO: O EU COMO RESERVATÓRIO DE LIBIDO.....</b>	<b>46</b>
<b>3.2 NARCISISMO: O EU COMO OBJETO DE AMOR/ÓDIO .....</b>	<b>51</b>
<b>3.3 A INSTÂNCIA MORAL INTEGRANTE DO EU .....</b>	<b>59</b>
<b>3.4 O EU E AS IDENTIFICAÇÕES.....</b>	<b>64</b>
<b>3.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>68</b>
<b>4. DO <i>SELBST</i> A PULSÃO: CIRCUITO, DUALIDADE E RETORNO .....</b>	<b>71</b>
<b>4.1 <i>SELBST</i> COMO PRESERVAÇÃO E VIDA .....</b>	<b>74</b>
<b>4.2 <i>SELBST</i> E A DUALIDADE PULSIONAL.....</b>	<b>81</b>
<b>4.3 <i>SELBST</i> E O FATOR QUALITATIVO DA PULSÃO .....</b>	<b>88</b>
<b>4.4 <i>SELBST</i> COMO DESTRUIÇÃO E MORTE .....</b>	<b>94</b>
<b>4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>96</b>
<b>5. CONCLUSÕES.....</b>	<b>100</b>
<b>6. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>107</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A formulação da pergunta de pesquisa presente nesta dissertação deu-se a partir de diversas questões que surgiram da experiência, teorização e prática no atendimento psicanalítico. Seguindo a estrutura do tripé psicanalítico (análise pessoal, supervisão clínica e formação teórica contínua), diversos problemas de pesquisa foram e continuam sendo disparados. Vale ressaltar que essas questões foram fundamentadas, majoritariamente, nos meus estudos sobre a obra freudiana. Entre os anos de 2020 e 2021, cursei uma pós-graduação lato sensu em Psicologia Clínica e Psicanálise (PUC-PR) e, para a formulação do Trabalho de Conclusão de Curso, sistematizei estudos que tinham como foco investigar as proposições freudianas acerca das noções de “masculino” e “feminino”. Para tanto, percorri cronologicamente sua obra entre os anos de 1905 e 1933. Esse percurso contribuiu para um maior contato com o pensamento do autor, que resultou em um aperfeiçoamento inicial na escuta clínica.

Conforme imergi nesses estudos, algumas questões começaram a chamar minha atenção. Durante os atendimentos, foram recorrentes problemáticas relacionadas ao valor que os indivíduos atribuíam a si mesmos. Alguns analisando apresentavam um ideal<sup>1</sup> que acreditavam precisar alcançar para que, assim, pudessem resolver questões relacionadas ao sentimento de não terem valor. Havia, por exemplo, relatos que colocavam como meta alcançar um patrimônio específico, subir de cargo na empresa em que trabalhavam, ter um determinado corpo, escolher uma profissão, ou até mesmo encontrar um hobby para que finalmente pudessem destinar um afeto positivo a si mesmo. Em outros relatos a possibilidade de se verem positivamente era definida como uma “missão impossível”, descreviam-se como incapazes de fazer um julgamento positivo a respeito de si mesmos. O que chamava a atenção era que, após algum tempo, mesmo aqueles que alcançavam o que haviam almejado inicialmente, ou progrediam nessa busca, não alteravam drasticamente a forma como se percebiam, ou os afetos que destinavam a si mesmos. Mesmo ao atingir esses objetivos, continuavam a se descrever como indignos ou impostores, referindo-se a si mesmos com insultos ou críticas.

Ao ouvir esses discursos, era notável que os referenciais utilizados por cada um para se autoavaliar eram distintos. Além disso, os feedbacks positivos e a conquista de metas não

---

<sup>1</sup> A palavra ‘ideal’, aqui, não tem conotação de conceito psicanalítico, é usada apenas em seu sentido de dicionário. Conforme Oxford Languages, segue a definição da palavra ‘ideal’: a) Relativo à ideia; que só tem existência no pensamento. b) que possui, em grau superlativo, as qualidades positivas de sua espécie ou que se ajusta exatamente a um modelo, a uma lei; perfeito.

representavam a totalidade da forma que o indivíduo se via e se avaliava. Os afetos que destinavam a si mesmos não necessariamente correspondiam às conquistas e aos status sociais/culturais. Visando compreender melhor esses pontos observados, surgiram algumas das questões que norteiam essa pesquisa: *como acontece a estruturação do sentimento de Si? Quais fatores compõem essa estruturação? O que baliza os tipos de afeto que um indivíduo destina a si mesmo?*

Fazendo um paralelo com os estudos que eu vinha realizando na obra freudiana, a constituição e as funções exercidas pelo Eu, assim como o sentimento de Si, pareceram relacionar-se com a problemática observada na clínica. Ademais, proposições freudianas como: Inconsciente, Circuito Pulsional, Narcisismo, ideal do Eu, Eu ideal, Identificação, Supereu, Isso, e também as dualidades pulsionais – amor/ódio, aproximação/separação, construção/destruição – mostraram-se essenciais para a investigação<sup>2</sup>. Essas relações me levaram a propor um projeto de pesquisa de Mestrado, que foi realizado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), sob a linha de pesquisa em Psicologia Clínica e vinculado ao Laboratório de Psicanálise da UFPR. A metodologia utilizada por nosso grupo de pesquisa é o método proposto pela Prof<sup>ª</sup> Dra. Nadja Nara Barbosa Pinheiro, denominado como *método freudiano de investigação* – um método propriamente psicanalítico. Pinheiro (2022) sugere que adotemos o método utilizado por Freud na construção da psicanálise como um modelo a ser seguido para relacionar teoria, clínica e pesquisa. Esse método se caracteriza pelo retorno à teoria diante de uma fragilidade no domínio teórico, denunciado pelo fazer clínico, assim como foi feito por Freud durante toda a construção de sua obra. Ou seja, quando o saber teórico que Freud dispunha se mostrava insuficiente diante das questões que a clínica indicava, o autor procurava forjar novos conceitos que permitissem uma melhor compreensão do que estava sendo observado na clínica.

Aplicando essa lógica do método freudiano na pesquisa acadêmica, Pinheiro (2022) indica que iniciamos nosso trabalho clínico na psicanálise com o arcabouço teórico que conseguimos alcançar nos cursos iniciais de formação, usualmente, na graduação em psicologia. Com o desenrolar da clínica, surgem questões que tornam necessário um retorno à teoria, buscando uma formalização conceitual mais rigorosa. Ou seja, uma questão que surge no campo clínico sugere uma dúvida no campo teórico, que poderá ser investigada por meio de

---

<sup>2</sup> Optamos em utilizar a palavra “pulsão” como tradução do termo alemão “*trieb*” utilizado por Freud. Assim como as palavras “Eu”, “Supereu” e “Isso”, como tradução para os termos do alemão “*Ich*”, “*Über-ich*” e “*Es*”, respectivamente.

pesquisas acadêmicas. Após essa formalização, organizamos a dúvida inicial e passamos a entendê-la a partir de um referencial teórico mais robusto, encontrando subsídios para retornar à clínica. Eventualmente, uma nova questão surge e esse percurso é refeito. A pesquisa em psicanálise se desenvolve nesse movimento constante.

O método proposto se dá, portanto, em cinco tempos: “(1) a aquisição de um saber teórico que sustente o início da clínica; (2) o exercício da clínica; (3) a emergência de uma questão que a clínica impõe ao saber teórico; (4) o retorno à teoria e a produção de uma formalização conceitual; e (5) o retorno à clínica, novamente” (Pinheiro, 2022, p.14). A presente pesquisa de dissertação se situa efetivamente no quarto tempo acima anunciado, entretanto, conforme apresentado anteriormente, esse circuito todo é essencial para a construção das questões de pesquisa. O método utilizado não tem a intenção de contrapor o postulado psicanalítico de que a prática não é uma aplicação da teoria, apenas propõe que o retorno à teoria, visando desenvolver um conhecimento conceitual mais rigoroso, é necessário para que a escuta clínica se faça possível. Vale ressaltar que, nesse processo, sempre existirá a possibilidade de que a teoria se mostre limitada frente à experiência clínica e demande novas investigações (Pinheiro, 2022).

Em meio à pesquisa que estávamos desenvolvendo, uma questão veio à discussão e impactou significativamente o entendimento que vínhamos construindo das asserções freudianas. Quando nos deparamos com o termo *Selbstgefühl*, no artigo *Introdução ao Narcisismo (1914)*, nos chamou a atenção sua tradução como “amor-próprio”, uma vez que pode ser entendido como um destino de amor para si mesmo, o que condiz com o objetivo de nossas investigações sobre o direcionamento de afetos para si mesmo. Existem, entretanto, diversas traduções possíveis para esse termo: sentimento de Si (tradutor argentino e italiano); sentimento do valor próprio (tradutor holandês); autoestima (*self regard* na tradução inglesa de Strachey); sentimento de autoestima (edição Imago e Tradução de Marilene Carone); autoconsideração (edição Imago); e autoconfiança (Edição L&PM). Essa variedade de traduções nos levou a iniciar uma investigação de qual seria a mais adequada para nossos estudos e, com isso, encontramos uma proposta feita em nota de rodapé pela tradutora Marilene Carone, em sua tradução de 2016 do texto *Luto e Melancolia (1917[1915])*.

Nessa nota, a tradutora propõe que o prefixo “*Selbst*” “certamente encontra seu sentido mais profundo na articulação teórica do próprio texto e reflete a importância deste movimento de retorno à própria pessoa – descrito em ‘Pulsões e seus destinos’ como o segundo destino pulsional” (Freud, 1917/2016, p.209). O *Selbst* é comumente traduzido para o português com o prefixo “auto”, como no caso da palavra *Selbstgefühl*, que pode ser traduzida como

“autoestima”. Carone propõe a tradução do tempo verbal *Selbst*, no contexto da obra freudiana, para uma voz reflexiva média, correspondendo à partícula apassivadora “se” no português (Freud, 1917/2016). Essa proposta é proveniente do entendimento desse termo “como o tempo [verbal] da transformação da voz ativa, não numa voz passiva, mas numa voz reflexiva média. Neste sentido, o prefixo *Selbst* corresponderia em português à partícula apassivadora ‘se’, como, por exemplo, torturar-se, punir-se etc” (p.209). Compreender o termo *Selbst* dessa forma pressupõe algumas implicações teóricas. Na voz reflexiva média “o papel de Iniciador (controlador ou fonte do estado de coisas) e o Ponto de Chegada (participante afetado) incidem necessariamente sobre a mesma entidade” (Camacho, 2003, p.119). A voz reflexiva média é, portanto, equivalente ao movimento pulsional apresentado na teorização freudiana como destino pulsional de retorno à própria pessoa, em que o papel do indivíduo não se torna completamente passivo, uma vez que ele tomará, simultaneamente, o papel de iniciador/controlador e afetado da situação (Freud, 1915/2010). Essas articulações divergem da leitura da pulsão como impulso do sujeito e coincidem com uma leitura da pulsão como um circuito – resultante do encontro entre impulso e objeto, desdobrando-se em satisfação e retornando ao ponto de início. Nesse momento, compreendemos que nossa pesquisa iria se debruçar no estudo das pulsões.

A construção dessa dissertação é composta por três capítulos de desenvolvimento (segundo, terceiro e quarto item do sumário), além de Introdução e Conclusões (primeiro e quinto item do sumário). Em nosso *primeiro capítulo*, mostrou-se essencial uma exposição dos pressupostos dos quais partimos em nossa leitura da teoria freudiana das pulsões. Nesse capítulo, apresentamos os alicerces teóricos necessários para a discussão referente ao conceito de pulsão nos próximos capítulos. Iniciamos apresentando a noção de sexualidade conceituada por Freud – uma sexualidade infantil, inconsciente e autoerótica. Em seguida, trazemos para a discussão a primeira proposta do autor referente aos princípios do funcionamento psíquico – princípio do prazer/desprazer e da realidade. A partir dessa estrutura teórica, foram investigadas algumas ambivalências da organização psíquica, como diferenciação/indiferenciação, interno/externo, bom/mau, incorporação/expulsão – noções essenciais para as discussões posteriores da dualidade pulsão de vida e pulsão de morte. Por fim, propomos uma articulação dessas ambivalências com as asserções teóricas do complexo de Édipo e do complexo de castração. Esse capítulo proporciona localizar os fundamentos que nos levaram à compreensão da pulsão como circuito e que dão sustentação para as articulações que fizemos com a escuta clínica em nossa conclusão.

Ao chegarmos no *segundo capítulo*, apresentamos a proposta freudiana de um destino pulsional de retorno ao Eu e juntamente a proposta de Marilene Carone referente ao prefixo *Selbst*. Nesse ponto cronológico da obra, com textos entre 1912 e 1917, a questão pulsional de retorno ganha destaque; da mesma forma, os usos do prefixo *Selbst* se tornam mais presentes, dando um contorno diferente para nossa pesquisa. Como inicialmente partimos da hipótese de Carone referente a um retorno ao Eu, nosso segundo capítulo visou compreender algumas asserções freudianas referentes à constituição e ao investimento relacionado a essa instância. Começamos nossos estudos com o texto *Introdução ao Narcisismo* (Freud, 1914/2016), visando compreender um pouco melhor essa hipótese de uma dinâmica de investimento pulsional vinculada ao termo “amor-próprio”, ou sentimento de Si [*Selbstgefühl*], e a relação disso com a instância do Eu. Para isso, acessamos a obra original em alemão e mapeamos os usos dessa palavra no texto em questão, visando compreender como – e se – ela poderia nos ajudar no entendimento do circuito pulsional. Conforme sentimos necessidade de maior sustentação teórica, introduzimos as propostas do texto *Pulsões e Seus Destinos* (Freud, 1915/2013) em nossos estudos. A partir daqui, a ambivalência ganha destaque e evidencia a noção de que o investimento para além de amoroso é, simultaneamente, hostil.

Com esse entendimento, acessamos o artigo *Luto e Melancolia* (Freud, 1917/2016), igualmente norteadas pelos usos do termo amor-próprio [*Selbstgefühl*]. Nesse ponto, entretanto, entendemos a necessidade de ampliar nosso escopo de termos mapeados, uma vez que apenas o investimento de amor não contemplava a ambivalência que tínhamos identificado como premissa pulsional. Adicionamos em nossa investigação todos os termos, evidenciando entre colchetes as palavras originais em alemão, também compostos pelo prefixo *Selbst*, que se enlaçam à proposta freudiana de rebaixamento da autoestima [*Selbstgefühl*] na melancolia, sendo eles: autorrecriminação/automartírio [*Selbstvorwurf*]; autorrespeito [*Selbstachtung*]; autoinsulto [*Selbstbeschimpfungen*]; tendências e intenções suicidas [*Selbstmordneigung* e *Selbstmordabsichten*]; suicídio [*Selbstmordes*]; amar a si próprio [*Selbstlieb*]; autodestruição [*Selbsterstörung*]. A partir daqui, o prefixo *Selbst* – e não apenas o termo “amor-próprio”, ou sentimento de Si [*Selbstgefühl*] – passou a nortear nossas investigações, fornecendo suporte no entendimento desse retorno pulsional para o Eu.

O *segundo capítulo* possibilitou a concepção de uma ambivalência amor/ódio representada tanto no narcisismo, quanto na melancolia. O capítulo inicia com as asserções freudianas referentes à constituição do Eu e do sentimento de Si, possibilitando a compreensão de um Eu, também, como reservatório de libido e passível de ser erigido como objeto de amor. A partir da concepção do Eu como objeto de investimento libidinal, foi possível associar esse

movimento pulsional com o pressuposto da ambivalência nas relações objetais. Aqui, começamos a vislumbrar algumas considerações essenciais para responder às nossas perguntas de pesquisa, articulando-as com a clínica psicanalítica. Com a introdução do par de opostos amor/ódio, por pressuposto, a ambivalência se faz presente no investimento feito também no próprio Eu, uma vez que esse Eu ser objeto de amor implica, simultaneamente, que ele seja objeto de ódio. Por fim, o conceito de identificação, articulado com a instância moral integrante do Eu e, ademais, com o estudo da melancolia, tornou possível algumas elaborações de como esse ódio próprio se faz presente na organização subjetiva geral dos indivíduos e na formação do Eu. A expressão de ternura coexiste com um desejo de eliminação. Ou seja, o Eu é constantemente modificado por esses processos de introjeção presentes na identificação com os objetos de amor – e de ódio. Delimitando, aqui, que esse investimento hostil além de inevitável, é essencial para a organização subjetiva.

Ao fim do capítulo, compreendemos que as articulações teóricas que fizemos concordam com a proposta de Marilene Carone. Assim, demos continuidade à investigação do movimento pulsional que pode ser identificado por meio do prefixo *Selbst*, movimento este no qual o sujeito é aquele que produz e recebe a ação concomitantemente. Sendo assim, em nosso *terceiro capítulo*, após a proposta de uma ambivalência amor/ódio e o entendimento de um Eu que também tem uma parcela inconsciente, surge a questão de como seria possível articular esse movimento pulsional – e os usos do prefixo *Selbst* – com o entendimento da dualidade pulsão de vida e pulsão de morte. Ao listar os usos do prefixo *Selbst* nos textos considerados da segunda tópica freudiana, a partir de 1920, algumas novas palavras chamaram nossa atenção para o entendimento da dualidade libidinal, dentre elas: “pulsões de autoconservação” [*Selbsterhaltungstriebe*]; abnegação [*Selbstaufopferung*]; consciência de si [*Selbstbewußtsein*]; autoinsultos [*Selbstbeschimpfungen*]; auto-observação [*Selbstbeobachtung*]; suicídio [*Selbsttötung*]; e autodestruição [*Selbstzerstörung*]. Logo após esse primeiro levantamento de termos, já foi possível identificar que na segunda tópica freudiana os usos do prefixo *Selbst* estão muito vinculados à dualidade entre a autopreservação/manutenção da vida e a autodestruição/morte.

Conforme construímos nosso *terceiro capítulo*, percebemos que considerar um circuito pulsional de retorno ao Eu não contemplaria o todo da dinâmica pulsional, uma vez que esse Eu não existe a priori e, portanto, seria mais preciso considerar um retorno ao ponto de partida. Sendo assim, o respectivo capítulo deu enfoque essencialmente a quatro aspectos: a preservação da vida, a dualidade pulsional, o fator qualitativo da pulsão e a destrutividade. As asserções dos capítulos anteriores se tornam essenciais nesse momento. Compreender a relação

entre autopreservação e pulsão só se faz possível tendo em vista a proposta de sexualidade e satisfação autoerótica. Na segunda tópica, a adição do princípio de Nirvana como princípio do funcionamento psíquico, e da pulsão de morte que delimita o objetivo último da vida, torna possível uma articulação para compreender a formação do aparato psíquico. Articulamos, portanto, que esse aparato é formado inicialmente por um Isso psíquico que visa aniquilar excitações, apropriando-se das fontes de prazer e afastando-se das fontes de desprazer. Essa tendência a retornar para um estado anterior da vida pulsional sem excitações – pulsão de morte – levaria o indivíduo a um rápido fim. Entretanto, com a demanda de preservação do organismo e da vida, essa pulsão de morte será libidinizada e, assim, os princípios do prazer e da realidade, trabalhando a favor da pulsão de vida, passam a coexistir com o princípio de Nirvana.

Essa instauração dos três princípios demonstra ter importantes consequências, essenciais para a continuidade de nossas investigações. O exame da realidade leva o sujeito a distinguir o mundo interno do externo, permitindo o contorno de um Eu. O princípio da realidade e a autopreservação se articulam também com o Complexo de Édipo. Conforme os pais se tornam os primeiros objetos de amor e a preservação do organismo vigora sobre esse investimento amoroso – e hostil – ocorre o abandono parcial desses objetos e a introjeção do investimento que estava destinado a eles. Esse retorno libidinal de um investimento tão potente, para um Eu ainda em desenvolvimento, resulta em um precipitado denominado Supereu. Sendo o Supereu uma formação reativa aos desejos do Isso, ele terá seu rigor – e contrainvestimento – proporcional à intensidade desses desejos. Aqui, o aspecto da insatisfação como parte do circuito pulsional fica evidente. Essa organização – descrita por Freud (1923/2011) por meio das instâncias Eu, Supereu e Isso – ocorre na tentativa do aparato psíquico de satisfazer as moções pulsionais, mas, concomitantemente, respeitar o exame da realidade – autopreservação –, inserir-se em uma cultura e corresponder a um ideal do Eu. A partir dessa construção identificamos que o retorno pulsional ao ponto de partida, assim como o investimento, passa por todo um aparelho psíquico que tem, por objetivo, satisfações paradoxais, ou seja: o conflito – e a insatisfação – são uma premissa pulsional. A conclusão dessas articulações denota um grande impacto para a escuta clínica, uma vez que amplia a escuta para uma questão que excede a relação do sujeito com o mundo externo, incluindo, aqui, a escuta do mundo interno.

Dando seguimento ao capítulo, quando investigamos os fatores qualitativos da pulsão, o prefixo *Selbst* ganhou uma compreensão mais específica. O circuito pulsional, inicialmente quantitativo, é apenas um montante de investimento que visa aproximar/incorporar aquilo que é entendido como “bom” e afastar/separa-se daquilo que é entendido como “ruim”, satisfazendo a dualidade pulsional. Entretanto, após a formação de um Eu, esse investimento, inicialmente

quantitativo, passa a ser sentido por ele de forma qualitativa, como: crítica, congratulação, recriminação, rebaixamento, amor, ódio, entre outros. Concluimos, neste momento, que foram esses efeitos qualitativos que mapeamos com o uso do prefixo *Selbst*. O que inicialmente estávamos entendendo somente como um prefixo que indica um movimento pulsional quantitativo, ganha um significado mais preciso ao ser entendido como um indicativo de retorno pulsional qualitativo – com um determinado efeito sentido pelo Eu. Essa investigação do aspecto qualitativo pulsional nos levou à proposta freudiana da destrutividade – e autodestruição [*Selbsterstörung*]. Nossa pesquisa se debruçou, ao final deste capítulo, na destrutividade – vinculada, por Freud (1923/2011), à pulsão de morte. Destacamos uma asserção do autor de que existe um montante dessa pulsão de morte que escapa ao amansamento por meio da libidinização. Retomamos, então, nosso primeiro capítulo, em que descrevemos que uma característica da relação libidinal – e da sexualidade – é que a satisfação é autoerótica, ou seja, proveniente de um circuito de satisfação alucinatório. Com isso, entendemos que é possível uma satisfação vinculada apenas parcialmente à realidade externa. Quando Freud (1923/2011) propõe uma parcela de pulsão de morte que foge da libidinização, podemos pressupor, também, que ela não possui essa mesma possibilidade de satisfação alucinatória. Aqui, uma questão surge, fechando nossas investigações desta dissertação e abrindo uma proposta para investigações futuras: o impulso destrutivo da pulsão de morte, diferentemente do impulso erótico, precisa contornar um objeto na concretude da realidade para se satisfazer? E, partindo dessa hipótese, quais seriam os manejos possíveis, na clínica, para lidar com esse direcionamento destrutivo da pulsão?

Por fim, toda essa investigação teórica se desdobrou em uma articulação com a minha clínica na conclusão desta dissertação. O entendimento de todos os aspectos citados acima teve um impacto evidente ampliando minha escuta clínica, impacto este que pude observar e perceber diariamente nesses dois anos de mestrado. A possibilidade de aprofundar os alicerces teóricos que formam a base da minha prática profissional – e da minha escuta – mostrou-se uma via essencial para aperfeiçoar o exercício clínico. Iniciamos essa pesquisa com algumas questões e a finalizamos com várias outras, sinalizando um desejo de continuar aprimorando constantemente nossa escuta e nossos manejos clínicos.

## 2. PRIMÓRDIOS DO SENTIMENTO DE SI: A SEXUALIDADE INFANTIL

A dissertação foi idealizada como um percurso cronológico na obra de Freud, com o objetivo de investigar como o autor propõe: (1) a construção do sentimento de si ao longo da organização da subjetividade; (2) os fatores que compõem essa estruturação; e (3) o que baliza os tipos de afeto que um indivíduo destina a si mesmo. Apesar de eu ter ciência de que, cronologicamente, faria sentido iniciar com o autoerotismo e, posteriormente, introduzir o narcisismo, faltava-me uma verdadeira compreensão de como essa ligação se dava. Ao iniciar as leituras, surgiram algumas dificuldades no entendimento de como se encaixavam conceitos como: autoerotismo, sexualidade, narcisismo e o Eu. Após estudar vários artigos relacionados ao tema e levar questões para debate em nosso grupo de pesquisa do Laboratório de Psicanálise da UFPR, decidimos que seria proveitosa a leitura dos artigos de Freud intitulados *Introdução ao Narcisismo (1914)* e *O Caso Schreber (1911)*, para que fosse possível, em um primeiro momento, situar esses conceitos em relação à pesquisa.

Em meio à leitura dos textos citados, deparamo-nos com o termo “amor-próprio”, que parece contemplar nossa questão de pesquisa, uma vez que pode ser entendido como um destino de amor para si mesmo. Vale ressaltar que a palavra original utilizada por Freud é “*Selbstgefühl*”, Paulo César de Souza afirma em uma nota do tradutor (Freud, 1914/2010, p.37) que a tradução literal da palavra seria “sentimento de si”, conforme é utilizada por tradutores argentinos e italianos. Entretanto, Paulo César optou por utilizar o termo “amor-próprio”, que também é autorizado pelos dicionários de língua alemã. O tradutor pontua, que dependendo da edição acessada o termo pode ser encontrado como ‘sentimento do valor próprio’. A palavra “*Selbstgefühl*” foi usada por Freud (1914/2010) para discutir uma expressão da grandeza do Eu, ou como citado por Garcia-Roza (1995/2008), uma noção de imagem corporal unificada que o sujeito tem de si mesmo.

Durante as investigações preliminares, foi possível o entendimento de que o valor que um sujeito atribui a si mesmo é derivado da relação existente entre o narcisismo, a constituição e a função de medição exercida pelo Eu. Essa relação ocorre uma vez que uma parte desse amor-próprio é primária, resto do narcisismo infantil, outra parte se origina do cumprimento do ideal do Eu e, por fim, uma terceira parte é proveniente da satisfação da libido objetal. Inicialmente, para o seguimento do raciocínio, é necessário demarcar o narcisismo como um estágio do desenvolvimento psicosexual para, então, considerar sua relação com o autoerotismo:

Pesquisas recentes chamaram nossa atenção para um estágio, no desenvolvimento da libido, pelo qual se passa no caminho do autoerotismo ao amor objetal. Ele foi chamado de *Narzissismus* [...]. Ele consiste no fato de o indivíduo em desenvolvimento, que unificou seus instintos sexuais que agem de forma autoerótica, a fim de obter um objeto de amor, primeiramente toma a si mesmo, a seu próprio corpo, como objeto de amor, antes de passar à escolha de uma outra pessoa como objeto. (Freud, 1911/2010b, p. 52).

Essa associação entre narcisismo, autoerotismo e sexualidade gerou, em mim, algumas indagações. Em seu texto, Freud (1914/2010) reconhece existir uma dificuldade em localizar o que ele denominou de narcisismo primário. Para Roudinesco e Plon (1998), existe também um desafio em delimitar se essa distinção entre autoerotismo e narcisismo primário se sustenta até o final da obra freudiana. As leituras iniciais não respondem a todas as questões levantadas, mas resultam em um importante progresso: a compreensão de que os conceitos apresentados possuem um forte enlaçamento e, conseqüentemente, na necessidade – e na possibilidade - de um redirecionamento dos estudos para a sexualidade infantil e para o circuito pulsional. Sendo assim, embora tenhamos iniciado as investigações pelos textos *Introdução ao Narcisismo* e *O Caso Schreber*, iremos começar o primeiro capítulo da dissertação investigando a noção de sexualidade infantil, tal como postulada por Freud nos momentos iniciais de sua obra, deixando para introduzir o narcisismo posteriormente. Essa decisão se deu por acreditarmos que uma construção cronológica da pesquisa torna mais fácil a compreensão da cadência de pensamento, tanto para nós quanto para o leitor.

Para investigar a sexualidade na obra freudiana, iremos diferenciá-la do conceito corriqueiro da palavra e de construções teóricas externas à psicanálise. Para isso, adentraremos nos conceitos que julgamos essenciais para o entendimento desse tema e, especialmente, que darão sustentação para discutirmos a constituição do Eu e o amor-próprio (ou sentimento de si). Iniciaremos com as considerações freudianas sobre o *autoerotismo*, que desembocam nas noções de *sexualidade infantil*, *pulsão*, *apoio* e *desvio*. Em seguida, falaremos dos *princípios do funcionamento psíquico*, que nos ajudarão a compreender e adentrar no *Complexo de Édipo*. Ao fim, concluiremos enlaçando todos os temas abordados neste capítulo, utilizando a tragédia grega *Édipo Rei* para ilustrar algumas nuances do complexo edípico na teoria freudiana.

## 2.1 Autoerotismo e sexualidade infantil

Autoerotismo é um termo que foi inaugurado por Havelock Ellis em seu artigo intitulado “*Auto-erotism: A Psychological Study*”, para se referir a fenômenos que, na ausência

de estímulo externo, produziam emoção instantânea (Laplanche & Pontalis, 1967/2001). Em uma carta destinada a Wilhelm Fliess, datada de 9 de dezembro de 1899, Freud empresta o termo e o utiliza pela primeira vez, afirmando que: “a mais inferior das camadas sexuais é o auto-erotismo, que dispensa qualquer objeto psicosexual e visa apenas às sensações localmente gratificantes” (Masson, 1986, p. 391). Apesar de citar o termo na carta, será apenas no artigo *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)* que o autor apresentará o autoerotismo em sua obra como parte essencial da sexualidade.

A proposta de uma sexualidade presente na infância surge na obra freudiana já em 1898, com o texto *A sexualidade na etiologia das neuroses*. Nesse texto o autor formaliza a noção de que as causas mais importantes das neuroses são encontradas em fatores derivados da vida sexual e, em especial, nas experiências sexuais da infância. A relação da sexualidade com a neurose já vinha sendo debatida pelos médicos da época; entretanto, para Freud (1898/2006), a sexualidade da criança estava sendo ignorada, e isso seria um grande equívoco:

E isso é o que efetivamente ocorre com a psicose. Sua verdadeira etiologia é encontrada nas experiências infantis, e mais uma vez - exclusivamente -, nas impressões referentes à vida sexual. Erramos ao ignorar inteiramente a vida sexual das crianças; segundo minha experiência, as crianças são capazes de todas as atividades sexuais psíquicas, e também de muitas atividades somáticas. Assim como a totalidade do aparelho sexual humano não está compreendida nos órgãos genitais externos e nas duas glândulas reprodutoras, também a vida sexual humana não começa apenas na puberdade, como poderia parecer a um exame superficial (Freud, 1898/2006, p. 164).

Essa proposta de uma sexualidade infantil foi recebida com grande indignação. Segundo Kaufmann (1993/1996), no livro *A sexualidade das crianças*, o sexólogo Albert Moll contesta vigorosamente a função sexual desde o início da vida. Em 1909, Moll chega a afirmar que algumas passagens do texto freudiano mereciam um processo por difamação. Essa reação demonstra um equívoco que, por vezes, é observado até hoje: uma noção de que a sexualidade proposta pela psicanálise – libidinal, infantil e inconsciente –, poderia ser resumida na sexualidade entendida pela via naturalista – instintual, adulta e consciente. Do ponto de vista psicanalítico, essa sexualidade consciente, no sentido corrente do termo, é uma atividade que possui estreita ligação com a vida libidinal, mas, de forma alguma, elas se confundem. Quanto a isso, Kaufmann (1993/1996, p.471-472) complementa: “a sexualidade (consciente) é subtendida e ordenada pelo libidinal (inconsciente) e se enraíza no infantil, que o sujeito consciente ‘senhor de si’, age sem o saber segundo a determinação inconsciente radical que o anima, eis o que, ontem como hoje, provoca escândalo e é incessantemente contestado, recusado”.

Essa resistência às proposições freudianas se dá, em parte, porque a sexualidade foi um fenômeno sobre o qual Freud propôs uma nova conceituação, que rompia com as formulações teóricas do contexto em que o autor estava inserido – entre o final do século XIX e início do século XX. Esse foi um período em que a atenção dos cientistas se voltou massivamente para a sexualidade e sua determinação na atividade humana. Impulsionada por esse fator, foi criada uma disciplina denominada sexologia, uma “ciência do sexual”, estruturada entre os anos de 1886 e 1897, com produções teóricas de Richard von Krafft-Ebing, Albert Moll e Havelock Ellis. Logo em seguida, surge a escola alemã de sexologia, com Magnus Hirschfeld e Ivan Bloch. Todos esses nomes podem ser encontrados no decorrer da obra freudiana, que propôs diversos debates com as teorias apresentadas por eles.

Os estudos da sexologia nesse período não tinham preocupações com a terapêutica; voltavam-se majoritariamente para a nosografia, o higienismo e a descrição dos comportamentos sexuais. Pautada nessa perspectiva, a Sociedade Médica de Ciência Sexual Eugênica foi criada em Berlim no ano de 1913. Essa sociedade foi dissolvida em 1933, mas a concepção hereditária-degenerativa sobre a qual a sexologia se constituiu, continuou permeando os estudos da sexualidade na época. Nesse contexto, a sexologia visava ser uma nova antropologia, fundamentada em definir o que seria a normalidade e, por consequência, qual seria o componente degenerativo ou destrutivo (Roudinesco & Plon, 1998). Teorizava-se que a sexualidade genital era originada de um “instinto genital” despertado apenas na puberdade e teria unicamente a “finalidade biológica” de consumir o ato sexual com fins de reprodução.

Uma vez que a normalidade sexual era definida por uma sexualidade genital do adulto, e que seu objetivo era exclusivamente a reprodução, qualquer comportamento sexual que fugisse dessa norma era considerado um desvio ou “aberração psicosssexual” (Kaufmann, 1993/1996). A psicanálise surge em paralelo com a sexologia, e Freud, assim como seus contemporâneos, encontrava-se extremamente interessado na sexualidade humana. Ao entrar no debate, já em 1905, Freud faz uma advertência sobre as ideias vigentes na época: “A opinião popular tem ideias bastante definidas sobre a natureza e as características desse instinto sexual [...]. Mas temos motivos para ver nessas informações um quadro infiel da realidade; a um exame mais atento, elas se mostram plenas de erros, imprecisões e conclusões precipitadas” (Freud, 1905/2016, p.21). Questionar a lógica naturalista que estava em vigor foi essencial para a constituição da psicanálise. Roudinesco & Plon (1998, p.704) elucidam essa questão no trecho a seguir:

Impregnado das mesmas interrogações que seus contemporâneos, Freud, no entanto, foi o único dentre eles a inventar não a prova do fenômeno sexual, mas uma

nova conceituação, capaz de traduzir, nomear ou até construir essa prova. Por isso, ele efetuou uma verdadeira ruptura teórica (ou epistemológica) com a sexologia, estendendo a noção de sexualidade a uma disposição psíquica universal e extirpando-a de seu fundamento biológico, anatômico e genital, para fazer dela a própria essência da atividade humana. Portanto, é menos a sexualidade em si mesma que importa na doutrina freudiana do que o conjunto conceitual que permite representá-la: a pulsão, a libido, o apoio e a bissexualidade. (Roudinesco & Plon, 1998, p.704).

O texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* foi um marco teórico para essa perspectiva freudiana, pois nele é enfatizada e organizada a importância do fator sexual na vida psíquica dos seres humanos. Outro ponto que deve ser destacado nesse texto é a presença, pela primeira vez, da palavra *pulsão* na obra freudiana, o que aponta para a formulação de uma primeira teoria pulsional. Essa formulação será essencial na sustentação das proposições do autor sobre sexualidade infantil e, conseqüentemente, sobre o autoerotismo (Freud, 1905/2016).

A pulsão é designada como um “representante psíquico de uma fonte endossomática de estímulos que não para de fluir” (Freud, 1905/2016, p. 66). E pode ser descrita como: (1) uma excitação originada de dentro do organismo; (2) que flui constantemente; e (3) é impossível a fuga contra ela. Serão essas três características que diferenciam a pulsão do “estímulo”, uma vez que o estímulo é resultado de excitações isoladas, provenientes de fora, e podem ser evitados. Freud também supõe que, inicialmente, a pulsão não carrega nenhum atributo específico, sendo apenas uma forma de *pressão* constante – uma “medida da exigência de trabalho feita à psique” (Freud, 1905/2016, p.67). O que irá diferenciar uma pulsão da outra, dotando-a de qualidades individuais, é a relação com suas fontes somáticas e suas metas. Para isso, devemos entender: a *fonte* da pulsão como um processo excitatório num determinado órgão; a *meta* pulsional como a satisfação alcançada por meio de uma ação que suspende essa excitação no órgão; e o *objeto* da pulsão como aquele pelo qual, ou com o qual, a pulsão pode alcançar sua meta (Freud, 1905/2016).

Mesmo que a *meta* pulsional seja sempre a satisfação, a *fonte* pulsional não será fixa. Da mesma forma, a ação que o sujeito se sente impelido a fazer para alcançar a satisfação e o *objeto* utilizado para essa ação podem variar. Referente a esse aspecto variável da pulsão, faz-se necessário um aprofundamento. Conforme apresentado anteriormente, o pensamento vigente na época defendia que a manifestação do “instinto sexual” se revelaria na atração imperiosa pelo sexo oposto e teria como meta a união dos genitais. Freud (1905/2016) observou, entretanto, que desvios referentes ao objeto eram recorrentes e, portanto, essa suposta “norma” precisaria ser melhor investigada. Para isso, o autor passa a estudar detalhadamente a origem das perversões – termo utilizado para designar práticas sexuais vistas como desvios à norma.

Como resultado dessas investigações, Freud propõe a “superestimação do objeto sexual” como o efeito da extrema valorização que a psique dá ao objeto sexual. Essa valorização atribuída ao objeto sexual “apenas em casos raríssimos se limita aos seus genitais, mas se estende a todo o seu corpo e possui a tendência de abranger todas as sensações que vêm do objeto sexual” (Freud, 1905/2016, p.42). Para exemplificar essa afirmação, o autor indica para o aumento da excitação sexual com atividades que não envolvem os genitais, como o olhar, o toque, o beijo, entre outros.

Estas outras metas sexuais, provenientes da superestimação do objeto, serão denominadas de metas parciais. Um exemplo desse processo seria o prazer sexual presente no beijo ou no sexo oral, onde o contato com a mucosa da boca pode adquirir esse caráter de meta parcial. Será, portanto, “essa superestimação sexual que não se conciliará facilmente com a restrição da meta sexual à união dos genitais e contribuirá para elevar à condição de metas sexuais atividades que envolvem outras partes do corpo” (Freud, 1905/2016, p. 42). A partir dessas teorizações entendemos por que, nas proposições freudianas, considera-se que tanto a fonte pulsional quanto o objeto da pulsão não são fixos.

O novo paradigma proposto por Freud para a sexualidade pode ser resumido nos seguintes pontos: (1) a sexualidade está vinculada à pulsão sexual e a pressão exercida por ela pode surgir em qualquer órgão, não apenas nos genitais; (2) a sexualidade possui como objetivo a satisfação, não estando presa unicamente a um instinto com finalidade biológica; (3) essa satisfação poderia ser alcançada por diversas ações e utilizar de objetos variados, não estando limitada ao ato sexual com fins de reprodução. Essa elaboração torna possível, para Freud, localizar a sexualidade como fator estruturante para psique de todo indivíduo e, com isso, essencialmente infantil (Freud, 1905/2016; Freud, 1915/2010).

Ainda no artigo *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, o autor separa um tópico enfatizando a “negligência do fator infantil” (Freud, 1905/2016, p.73). Aqui ele retoma, e reforça, o alerta de que a pulsão sexual tem início antes da puberdade e isso não deveria ser ignorado. Chamava a atenção de Freud o fato de os autores da época estarem mais preocupados com a história dos antepassados de uma pessoa – a hereditariedade –, do que com a história da existência individual dela – a infância. Diversos estudos já citavam atividades sexuais na infância, mas o discurso vigente retratava esses eventos como excepcionais ou depravações assustadoras. Em 1910, Freud irá acrescentar uma nota de rodapé no texto afirmando que Stanley Hall e Bleuler teriam recentes publicações que mudavam esse juízo. Em 1915, outra nota surge e ele afirma: “desde então há um livro da dra. Hermine Von Hug-Hellmuth [...] que leva inteiramente em conta o negligenciado fator sexual.” (Freud, 1905/2016, p.75). Essas notas

demonstram que o entendimento da sexualidade e o debate teórico se fez muito presente nessa construção teórica.

Referente às manifestações da sexualidade infantil o ato de chupar é tomado como modelo. A sucção surge pela necessidade fisiológica do bebê em se alimentar, entretanto, além dessa função, a sucção também se torna uma fonte de prazer. Sendo assim, a criança pode utilizar a sucção rítmica de partes do seu próprio corpo visando apenas obter uma satisfação, sem o propósito de se alimentar. “São tomados como objetos da sucção uma parte do próprio lábio, a língua ou qualquer outro local da pele que esteja ao alcance” (Freud, 1905/2016, p.83). Nesse ponto o autor introduz uma característica especial dessa atividade: “a pulsão não está dirigida para outras pessoas; ela se satisfaz no próprio corpo, é *autoerótica*” (Freud, 1905/2016, p.84-85). Os lábios da criança são a fonte pulsional, se comportam como zona erógena, e têm como meta sexual alcançar sensações prazerosas antes experimentadas na amamentação. Outras partes da pele, e da mucosa – como a região anal e genital –, são naturalmente estimuladas pelos cuidadores durante a higienização do bebê e, com isso, também podem se tornar fontes de satisfação autoerótica. Mesmo que essa satisfação ocorra em paralelo com os cuidados que a criança recebe de uma outra pessoa, nesses primeiros momentos da vida ainda não existe uma concepção do outro como diferenciado de si mesmo, portanto essa satisfação não é atribuída – pelo bebê – a nenhum objeto externo, diferenciando-se do amor objetal (Freud 1905/2016). Conforme apresentado anteriormente, para Freud, a meta sexual é a satisfação, então é possível identificar, no autoerotismo, uma manifestação da sexualidade.

Nesse ponto, os conceitos de *apoio* e *desvio* são primordiais na delimitação do circuito pulsional e da pulsão sexual. “A atividade sexual se apoia primeiro numa das funções que servem à conservação da vida, e somente depois se torna independente dela” (Freud, 1905/2016, p. 85). A pulsão surge como um desvio do instinto, ou seja, “Inicialmente ela se apoiaria e se confundiria com ele [instinto] para, em seguida, desviar-se e tornar-se autônoma” (Garcia-Roza, 1995/2008). Laplanche e Pontalis explica com mais detalhes essa função de apoio e o abandono do objeto exterior:

A função corporal fornece à sexualidade a sua fonte ou zona erógena; indica-lhe imediatamente um objeto, o seio; por fim, causa-lhe um prazer que não é redutível à pura e simples satisfação da fome, uma espécie de prêmio de prazer: em breve a necessidade de repetir a satisfação sexual irá separar-se da necessidade de nutrição. A sexualidade, portanto, só se torna autônoma secundariamente e, uma vez abandonado o objeto exterior, funciona no modo autoerótico (Laplanche e Pontalis, 1967/2001, p.31).

O apoio e desvio definem a pulsão como um circuito que depende essencialmente da relação com o outro para se constituir e, portanto, não existe a priori. A pulsão designa algo da

ordem de uma necessidade e, ao mesmo tempo, de uma satisfação. É evidente a relação primitiva que as pulsões sexuais têm com as fontes orgânicas. Laplance e Pontalis reforçam essa afirmativa: “As pulsões sexuais, que só secundariamente se tornam independentes, apoiam-se nas funções vitais que lhes fornecem uma fonte orgânica, uma direção e um objeto” (1967/2001, p.31). Pode-se supor, portanto, que toda satisfação é essencialmente autoerótica.

## 2.2 Os princípios do funcionamento psíquico

Até o presente momento, conseguimos discorrer sobre a questão estrutural da sexualidade humana, seu caráter autoerótico e, especialmente, a importância do princípio do prazer nessas asserções. Com isso, surge a questão: o princípio do funcionamento psíquico seria apenas alcançar o prazer? A sexualidade se fundamenta nesse princípio? Para responder, recorreremos ao texto *Os dois Princípios do Funcionamento psíquico (1911)*:

Na psicologia baseada na psicanálise, habituamo-nos a tomar como ponto de partida os processos anímicos inconscientes, cujas peculiaridades nos são conhecidas através da análise. [...]. É fácil distinguir a tendência principal a que estes processos primários obedecem; ela é designada como princípio do prazer-desprazer (ou, mais sinteticamente, princípio do prazer). Tais processos se empenham em ganhar prazer; daqueles atos que podem suscitar desprazer a atividade psíquica se retira (repressão). [...] Retomo linhas de pensamento que desenvolvi num outro lugar (na seção geral da *Interpretação dos sonhos*), ao supor que o estado de repouso psíquico foi inicialmente perturbado pelas exigências imperiosas das necessidades internas. Nesse caso, o pensado (desejado) foi simplesmente colocado de modo alucinatório, tal como ainda hoje acontece a cada noite com nossos pensamentos oníricos (Freud, 1911/2010a, p. 82-83).

Nesse trecho, Freud (1911/2010a) nos apresenta o princípio do prazer, no qual os processos psíquicos se empenharão naquilo que pode levar ao prazer – diminuição de excitação – e, concomitantemente, se retirarão daquilo que possa gerar desprazer – acúmulo de excitação. Nesse trecho o autor afirma que irá desenvolver algumas proposições do texto *Interpretação dos Sonhos* referentes a perturbação que o aparelho psíquico sofreu das necessidades internas, e ao modo de funcionamento alucinatório presente nos sonhos. Tentaremos, resumidamente, contextualizar o leitor dessas referências feitas por Freud. Conforme descrito no texto *Interpretação dos Sonhos*, Freud (1900/1996) acredita que o aparelho psíquico só alcançou sua forma de funcionamento atual após um grande período de desenvolvimento. A hipótese do autor é de que, não havendo necessidade de se desenvolver, a estrutura do aparelho psíquico seguiria um projeto de reflexo. O aparelho empregaria seus esforços no sentido de se manter o mais livre de estímulos quanto possível, para isso as excitações sensoriais que incidissem nele seriam

imediatamente descarregadas pela via motora. Pensemos, se um inseto pousar no braço de um indivíduo e, ao sentir incômodo, ele tiver uma resposta motora (mexer o braço), esse inseto sairá voando e o estímulo irá cessar, uma vez que era proveniente de algo momentâneo e externo ao sujeito. Entretanto, com as “exigências da vida” (p.150) esse aparelho é impulsionado ao desenvolvimento, uma vez que o mecanismo reflexo é confrontado como insuficiente. Referente a isso podemos utilizar do seguinte exemplo:

O bebê faminto grita ou dá pontapés, inerte. Mas a situação permanece inalterada, pois a excitação proveniente de uma necessidade interna não se deve a uma força que produza um impacto momentâneo, mas a uma força que está continuamente em ação. Só pode haver mudança quando, de uma maneira ou de outra (no caso do bebê, através do auxílio externo), chega-se a uma “vivência de satisfação” que põe fim ao estímulo interno. (Freud, 1900/1996, p.150).

Em resumo, a insuficiência citada anteriormente se dá após uma excitação endógena e constante permanecer inalterada mesmo com a tentativa de descarga pela via motora. A única opção do aparelho para desviar dessas excitações de origem interna será mediante circunstâncias presentes no mundo externo que levem a uma satisfação. No exemplo citado acima o bebê só deixará de sentir a excitação vinculada a fome quando receber o alimento. Será essa a dinâmica responsável por impulsionar um desenvolvimento no aparelho psíquico como, por exemplo, o estabelecimento da memória, que teria o objetivo de qualificar e categorizar as excitações e, assim, alcançar algum nível de gestão sobre elas. Laplanche & Pontalis (1967/2001, p.192) discorrem um pouco sobre essa questão da memória:

Esquemáticamente, podemos dizer que Freud tanto fala de fixação de (fixação de uma recordação ou de um sintoma, por exemplo) como de fixação (da libido) em (fixação numa fase, num tipo de objeto, etc.). A primeira acepção evoca um uso do termo tal como o admite uma teoria psicológica da memória, que distingue diversos momentos: fixação, conservação, evocação, reconhecimento da recordação. Mas deve-se notar que, para Freud, essa fixação é compreendida de forma muito realista; trata-se de uma verdadeira inscrição (Niederschrift) de traços em séries de sistemas mnésicos, traços que podem ser “traduzidos” de um sistema para outro.

Complementando, Freud (1900/1996) também propõe que o aparelho psíquico poderia ter passado por um estado primitivo em que “o desejo terminava em alucinação” (p. 151). A observação demonstra que os sonhos parecem ser um resquício desse funcionamento primitivo que, por ser ineficaz, se tornou secundário.

Os sonhos, que realizam seus desejos pela via curta da regressão, simplesmente preservaram para nós, nesse aspecto, uma amostra do método primário de funcionamento do aparelho psíquico, método este que foi abandonado por ser ineficaz. O que um dia dominou a vida de vigília, quando a psique era ainda jovem e incompetente, parece agora ter sido banido para a noite - tal como as armas primitivas abandonadas pelos homens adultos, os arcos e flechas, ressurgem no quarto de

brinquedos. O sonho é um ressurgimento da vida anímica infantil já suplantada (Freud, 1900/1996, p.151).

Será a partir dessas proposições que o autor nos apresenta o princípio da realidade. Pois a ausência de uma satisfação esperada, conforme exemplo do bebê faminto ao dar pontapés, resulta em um exame da realidade. O aparelho psíquico precisa formar “uma ideia das reais circunstâncias do mundo exterior e se empenhar em sua real transformação. [...] já não se imaginava o que era agradável, mas sim o que era real, ainda que fosse desagradável” (Freud, 1911/2010a, p.83). Entretanto, essas novas exigências, provenientes da realidade, geram consequências. Os órgãos dos sentidos, e a consciência a eles vinculada, além de apreender as qualidades de prazer e desprazer, precisam apreender as qualidades sensoriais. Outra consequência é a necessidade da atenção e da memória, conforme explica o autor:

Foi estabelecida uma função especial que devia examinar periodicamente o mundo exterior, para que seus dados já fossem conhecidos quando surgisse uma necessidade interior inadiável — a atenção. Esta atividade vai ao encontro das impressões dos sentidos, em vez de aguardar seu aparecimento. É provável que ao mesmo tempo fosse instituído um sistema de registro, cuja tarefa seria guardar os resultados dessa periódica atividade da consciência, uma parte do que chamamos memória (Freud, 1911/2010a, p. 83).

Anteriormente, na dinâmica de prazer e desprazer, a repressão tinha o papel de excluir parte das ideias emergentes que pudessem gerar desprazer. Agora, com o princípio da realidade, é necessário um juízo imparcial que identifique se uma ideia está em concordância com a realidade. Ou seja, se ela é verdadeira ou falsa. Para Laplanche e Pontalis (1967/2001, p.130) “o princípio de realidade surge como uma lei que vem impor do exterior as suas exigências ao aparelho psíquico, que tende progressivamente a fazê-las suas”. Para suprir essas exigências do exterior a psique irá fazer uma comparação delas com os traços de memória da realidade. Dentro dessa nova dinâmica a descarga motora também recebe uma função nova, sendo utilizada “na modificação adequada da realidade” e, assim, transformando-se em ação (Freud, 1911/2010a, p.84). Outra consequência é resultado do aspecto econômico do aparelho psíquico, pois uma vez que ele identifica uma fonte de prazer disponível, torna-se muito difícil reivindicar a ela (conforme apresentado no conceito de autoerotismo). Como resultado, a fantasia sem sustentação em objetos reais permaneceu livre do teste de realidade, tanto nas brincadeiras de criança como nos devaneios de adultos. O autor cita, ainda, a arte como uma forma de reconciliação dos dois princípios e a educação como um incentivo na superação do princípio do prazer.

Um fator essencial é que, ao propor o princípio de realidade, Freud (1911/2010a) não está falando de uma substituição completa de um por outro, mas sim do desenvolvimento de uma fonte “mais segura” de prazer. Podemos interpretar como sendo uma troca do prazer incerto e imediato por um prazer seguro e de longo prazo. O autor explicita essa dinâmica no trecho a seguir:

Assim como o Eu-de-prazer não pode senão desejar, trabalhar pela obtenção de prazer e evitar o desprazer, o Eu-realidade necessita apenas buscar o que é útil e proteger-se dos danos. Na verdade, a substituição do princípio do prazer pelo da realidade não significa a deposição do princípio do prazer, mas a sua salvaguarda. Abandona-se um prazer momentâneo, incerto quanto a seus resultados, para ganhar, no novo caminho, um prazer seguro, que virá depois. A impressão endopsíquica produzida por essa substituição foi tão poderosa, que se refletiu num mito religioso especial. A doutrina da recompensa no outro mundo pela renúncia — voluntária ou imposta — aos prazeres terrenos não é mais que a projeção mítica dessa reviravolta psíquica (Freud, 1911/2010a, p. 86).

Referente às pulsões sexuais, destaca-se que “enquanto o Eu perfaz sua transformação de Eu-de-prazer em Eu-realidade, as pulsões sexuais experimentam as mudanças que os levam do autoerotismo inicial até o amor objetal” (Freud, 1911/2010a, p.87). Freud teoriza que esse é um fator de grande importância na neurose, mas indica como sendo uma questão ainda não estudada. Por fim, referente aos processos inconscientes, evidencia-se que “neles a prova da realidade não conta, a realidade do pensamento é equiparada à realidade externa, o desejo à sua realização, ao acontecimento, tal como sucede naturalmente sob o domínio do velho princípio do prazer” (Freud, 1911/2010a, p.87). Será esse o fator ao qual Freud atribui a dificuldade em distinguir lembranças tornadas inconscientes de fantasias inconscientes. Ao mesmo tempo, alerta o leitor para não cair no erro de subestimar o papel que as fantasias desempenham na formação dos sintomas.

Por fim, tendo nos localizado em relação a sexualidade, autoerotismo e os princípios do funcionamento psíquico podemos elencar as principais ideias freudianas apresentadas até aqui: (1) a proposição de uma sexualidade pulsional, representada por conceitos como pressão, fonte, meta e objeto; (2) o autoerotismo como manifestação primeira da sexualidade; (3) a asserção dos conceitos de apoio e desvio, que delimitam a pulsão como um circuito dependente da relação com o outro, e caracterizam a sexualidade humana como estruturante e essencialmente infantil; (4) a instauração do princípio da realidade e suas principais consequências no exame de realidade e na forma de buscar o prazer; (5) o importante papel que a fantasia desempenha no aparelho psíquico dos indivíduos.

Temos, portanto, uma base do que compõe a teoria freudiana da sexualidade. Entretanto, ainda é necessário considerar um aspecto vital: o fator inconsciente. Para isso, será necessário investigarmos o *Complexo de Édipo*, que é a representação inconsciente pela qual se exprime o desejo sexual/amoroso da criança.

### 2.3 Complexo de Édipo

Em uma carta para Wilhelm Fliess, datada em 15 de outubro de 1897, Freud expressa a recente descoberta de encontrar em si sentimentos amorosos em relação a mãe e de ciúmes em relação ao pai. A partir dessa constatação o autor propõe a hipótese de que a tragédia grega de *Édipo Rei* capta a realização de um sonho fantasiado por todos na infância e, por isso, gera tamanho horror em sua plateia. Roudinesco e Plon (1998) sinalizam que, apesar de Freud nunca ter dedicado um artigo especialmente ao complexo de Édipo, este seria um tema presente do início ao fim de sua obra.

O mito de Édipo surge na pena de Freud no exato momento do nascimento da psicanálise (consecutivo ao abandono da teoria da sedução), para depois servir de trama a todos os seus textos [...]. Às vésperas da morte, Freud continuava a lhe atribuir um lugar soberano, a ponto de, mais tarde, a psicanálise ser qualificada de edipiana, tanto por seus partidários quanto por seus opositores (Roudinesco e Plon, 1998, p.167).

O mito edipiano é parte estruturante da teoria freudiana, mas é recorrente que, de forma simplificada, esse mito seja resumido em “matar o pai e se casar com a mãe”. Gostaríamos, portanto, de ressaltar que a história de Édipo como representação inconsciente do desejo sexual da criança pode ser interpretada de forma mais atenta. Para adentrar nesse tópico, iremos iniciar com a apresentação de um resumo do mito edípico e destacar os principais pontos que serão abordados.

Ao falar na tragédia de Édipo é comum pensarmos no dramaturgo grego Sófocles e sua aclamada peça produzida por volta de 472 a. C., *Édipo Rei*, o primeiro livro da Trilogia Tebana, composta também pelas peças *Antígona* e *Édipo em Colono*. Vale ressaltar, entretanto, que Édipo é um personagem que Sófocles emprestou da mitologia grega e deu sua própria leitura (Santos & Gimenes, 2022). O autor Junito de Souza Brandão, um importante classicista especialista em mitologia grega e latina, afirma que em uma leitura antropológica e estruturalista, independentemente do número de variações que um mito tenha, é possível identificar suas origens a partir de seus mitemas. O mitema pode ser definido como o fragmento essencial de um mito (Brandão, 1989). Sendo assim, apesar da mudança em alguns detalhes da história, todas as versões possuem os fragmentos que definem esse mito como sendo o de Édipo.

Optamos, portanto, por utilizar a peça escrita por Sófocles, especialmente por ser ela que Freud (1916-1917/2014b, p. 357) cita diretamente em seus textos.

A tragédia escrita por Sófocles tem início com o rei Laio recebendo uma maldição e, com isso, uma profecia do oráculo de Delfos. Na profecia, se Laio tivesse algum filho, esse descendente o mataria e casaria com sua esposa Jocasta. Em uma noite, Laio está bêbado e, por descuido, engravida sua esposa. Assim, Édipo nasce. Buscando fugir da profecia, Laio amarra as articulações dos pés do recém-nascido e manda que um servo o jogue da montanha. O servo, entretanto, desobedece Laio e entrega o menino à Políbio e Mérope de Coríntio, que o criam como seu filho. Após crescer em Coríntio, Édipo ouve rumores de que ele não era filho biológico de Políbio e Mérope. O rapaz, desejando saber a verdade, vai atrás do oráculo de Delfos. Nesse momento, recebe a profecia de que mataria seu pai e casaria com sua mãe. Com muito medo de que a profecia se concretizasse, e acreditando que seu pai era Políbio, decide fugir do próprio destino indo embora de Coríntio (Vieira, 2011).

Em meio a suas andanças, Édipo chega em uma encruzilhada onde é empurrado por um cocheiro, fica furioso e o ataca. Um viajante entra na briga e chicoteia Édipo que, para se defender, acaba matando o homem. Sua viagem se estende por anos, até que Édipo chega em Tebas. Essa cidade foi governada, anos antes da chegada de Édipo, por Laio e sua esposa Jocasta. Após Laio ser assassinado, seu cunhado Creonte – irmão de Jocasta – o sucede no trono. Chegando em Tebas, Édipo ouve rumores de que Creonte estava oferecendo seu trono e, conseqüentemente, a mão de sua irmã Jocasta em casamento, para aquele que conseguisse derrotar a esfinge. Édipo, então, desvenda o enigma proposto pela esfinge e a derrota, salvando Tebas. Como recompensa se torna rei e casa com Jocasta (Vieira, 2011).

Anos depois, Édipo – agora rei – recebe um sacerdote em seu palácio. Esse sacerdote pede ajuda, pois uma peste estava causando crise na cidade. A agricultura estava improdutiva, as pessoas passavam fome e as mulheres grávidas perdiam seus bebês. Como Édipo já havia salvado Tebas uma vez da Esfinge, o sacerdote acreditava que ele seria a pessoa certa para investigar a fonte do problema e salvar a cidade novamente. Ao escutar toda a história, Édipo fica preocupado e decide investigar a origem dessa praga. Édipo convoca testemunhas, oráculos e profetas para tentar decifrar o que está acontecendo com Tebas. Em meio a suas inquirições, descobre que a peste caiu sobre Tebas porque seu antigo rei – Laio – foi assassinado. Com isso, Édipo decide investigar quem foi o assassino do rei Laio e alcança duas importantes revelações: (1) que Laio era seu pai biológico; (2) que ele mesmo havia assassinado Laio na encruzilhada. Quando todos do reino descobrem a verdade, Jocasta se enforca. Édipo fica desolado ao se

deparar com Jocasta – sua esposa e mãe – enforcada em seus aposentos. Por fim, fica furioso, arranca seus próprios olhos, devolve o trono à Creonte e pede exílio (Vieira, 2011).

Tendo, portanto, contextualizado o leitor com um breve resumo da história, podemos dar seguimento dando atenção para alguns detalhes. Buscaremos, inicialmente, nos próprios textos freudianos citações sobre a peça e, a partir disso, elegeremos algumas partes desse mito como ferramenta para apresentar as questões teóricas referentes ao Complexo de Édipo. Nas *Conferências Introdutórias a Psicanálise*, Freud irá fazer alguns comentários que nos ajudam a compreender o que chamou a atenção do autor nessa tragédia de Sófocles. Ao introduzir a lenda grega em seu texto assinala:

Todos conhecem a lenda grega do rei Édipo, fadado a matar o pai e se casar com a mãe; ele faz de tudo para escapar à sentença do oráculo e, por fim, pune a si mesmo com a cegueira ao descobrir que, de fato, cometeu ambos aqueles crimes sem saber. Espero que muitos dos senhores tenham experimentado pessoalmente o efeito comovente da tragédia na qual Sófocles trata desse assunto (Freud, 1916-1917/2014b, p.356).

Logo a seguir se questiona: por que essa peça de Sófocles não gerou indignada rejeição ao ser apresentadas as pessoas? Pelo contrário, tornou-se uma das mais famosas peças do escritor grego. Freud (1916-1917/2014b) acredita que esse é um fator justificado, uma vez que a peça “anula a responsabilidade ética do homem, mostra poderes divinos como mandantes de um crime e apresenta a impotência dos impulsos morais humanos que se insurgem contra esse crime” (p.357). Ainda assim, ao mesmo tempo, “cada pessoa da plateia foi, um dia, um Édipo em potencial na fantasia, e cada uma recua, horrorizada, diante da realização de sonho ali transplantada para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do estado atual” (Masson, 1986, p.273). Ou seja, o espectador não reage a peça em si, mas ao conteúdo oculto expressado por ela:

Ele [expectador da peça] reage como se, por meio da autoanálise, tivesse reconhecido em si próprio o complexo de Édipo e desmascarado a vontade divina e o oráculo como disfarces enaltecidos de seu próprio inconsciente; como se fosse obrigado a recordar o desejo de eliminar o pai e, em lugar dele, tomar a mãe como esposa, e se horrorizar com esse desejo [...]. E aí está a verdade psicológica. Ainda que o homem reprima seus impulsos maus, banindo-os para o inconsciente, e queira então dizer que não é responsável por eles, ele é obrigado a sentir essa responsabilidade na forma de um sentimento de culpa cujo fundamento desconhece. (p. 357-358).

Por fim, o autor faz um alerta importante, enfatizando o caráter de representação “grosseira” (Masson, 1986, p.362) que a história de Édipo e a apresentação analítica do complexo de Édipo terão ao serem comparados com a vivência infantil desse fenômeno. Uma vivência que, conforme destacado por Freud, ocorre na fantasia. Para concluir, portanto, iremos

sublinhar mais alguns aspectos, elegidos por nós, que merecem atenção para o debate teórico que seguirá: (1) o desejo de saber a verdade sobre seu nascimento, e sobre seus pais, é o que leva Édipo a descobrir sobre o seu destino; (2) a tragédia da história se dá, sobretudo, porque Édipo já possuía o saber de que iria matar seu pai e casar com sua mãe quando conversou com o Oráculo, mas ele não percebe isso acontecendo; (3) a maldição que recaiu em Édipo é, na verdade, a maldição de Laio e, portanto, já existia muito antes de seu nascimento. Após deixar esses aspectos do mito em evidência, podemos começar as investigações do complexo de Édipo na obra freudiana.

### 2.3.1. O desejo de saber e a primazia do falo

Daremos início com o texto *Sobre as Teorias Sexuais Infantis* (Freud, 1908/2015). Aqui, o autor inicia com um importante aviso: as proposições construídas por ele nesse texto partem do conteúdo que foi trazido até sua clínica por seus pacientes neuróticos e das perspectivas – esboçadas pelas crianças – sobre “perceber uma diferença anatômica”, conforme exposto no trecho a seguir:

O material em que se baseia esta síntese vem de fontes diversas. Primeiro, da observação direta das manifestações e atividades das crianças; em segundo lugar, das comunicações de neuróticos adultos, que durante o tratamento psicanalítico relatam o que lembram conscientemente da infância; em terceiro lugar, das inferências, construções e lembranças inconscientes traduzidas para o consciente, que resultam da psicanálise de neuróticos. (Freud, 1908/2015, p. 273).

Freud sinaliza que é difícil determinar até onde seria possível afirmar que as proposições que fará a seguir englobam cada criança individualmente. Esse receio ocorre, pois, a educação, e principalmente a repressão, teriam importante papel no comportamento sexual das diferentes crianças e no momento em que surge o interesse sexual. Sendo assim, a convicção do autor é de que toda criança, com desenvolvimento normal, passará por um interesse de saber sobre os problemas do sexo antes da puberdade – algumas mais cedo, outras mais tarde (Freud, 1908/2015).

A pulsão pelo saber surge para criança quando ela vê sua existência ameaçada pela possibilidade da chegada de um novo bebê – real ou suposto. Esse fator leva a criança a temer a possibilidade de perder o zelo e o amor que recebe de seus cuidadores. Isso instiga a vida emocional da criança, aguça a sua capacidade de pensamento e faz surgir o enigma: de onde vêm essa criança que incomoda? Entretanto, a concepção do que é “ser uma boa criança”, ou seja, obedecer aos seus cuidadores, vai de encontro com o desvendamento desse enigma, que é

a descoberta do ato sexual. Descobrir o ato sexual exige, portanto, que a criança investigue assuntos que ela percebe, de forma explícita ou implícita, que são “proibidos” para ela. O conflito psíquico entre obedecer aos pais ou desvendar o enigma não apaga a necessidade de constituição psicosexual na criança. Como uma forma de sair desse empasse, e dar continuidade à constituição psicosexual, a criança irá desenvolver teorias sexuais típicas que, nesse momento, funcionam como substitutas da descoberta do ato sexual (Freud, 1908/2015).

Irei me deter à primeira dessas teorias infantis<sup>3</sup>, que é desconsiderar as diferenças anatômicas entre os sexos. Ou seja, atribuir a todas as pessoas um mesmo órgão genital. O menino identifica, muito rapidamente, o pênis como uma zona erógena dominante, sendo, portanto, seu principal objeto sexual autoerótico. Isso incapacita o garoto de imaginar uma pessoa que não tenha esse constituinte tido – na perspectiva dele – como essencial. Segundo Freud, é possível identificar nas crianças que até mesmo quando elas se deparam com a realidade da existência de um genital diferente, elas irão teorizar, por exemplo, que o clitóris irá crescer. Mais adiante, concluirão que pode ser um genital que foi cortado. É importante sublinhar que essas diferenças não são, nesse período do desenvolvimento sexual da criança, percebidas enquanto resultado de uma diferença de sexo biológico. A percepção seria apenas de uma diferença que, por meio da primazia do falo, leva as crianças a constatação de uma dualidade entre fálico e castrado (Freud, 1908/2015).

### **2.3.2. O fator inconsciente do Édipo**

No texto *Conferências Introdutórias à Psicanálise*, Freud (1916-1917/2014b) irá reforçar a observação apresentada no autoerotismo. Ao mamar no seio da mãe, a criança sente um prazer oral apoiado na necessidade de nutrição e toma a mãe, ou o próprio seio, como seu primeiro objeto de amor. Vale enfatizar que “falamos em amor quando trazemos para o primeiro plano o lado psíquico das tendências sexuais, rechaçando, ou esquecendo momentaneamente, as demandas pulsionais subjacentes, as físicas ou sensuais” (p.355). Essa exposição é essencial para localizar o complexo de Édipo na lógica apresentada pelo autor, conforme exposto no trecho a seguir:

Por volta da mesma época em que a mãe se torna objeto de amor, já teve início na criança o trabalho psíquico da repressão, que lhe oculta o conhecimento de uma parte de suas metas sexuais. A essa escolha da mãe como objeto de amor vincula-se então tudo aquilo que, sob a designação “complexo de Édipo”, acabou adquirindo tanta

---

<sup>3</sup> Caso o leitor queira informações completas das três principais teorias infantis, elas se encontram descritas no texto “Sobre as teorias sexuais infantis”, de Freud (1908, p.278-283).

importância na explicação psicanalítica das neuroses e, possivelmente, granjeou para a psicanálise parte significativa da resistência contra ela (Freud, 1916-1917/2014b, p.355).

Quanto ao complexo de Édipo em si, Freud (1916-1917/2014b) propõe que, ainda pequenos, os filhos desenvolvem uma potente ternura pela mãe, considerando-a sua. O pai, nesse aspecto, se torna aquele que tem o potencial de reivindicar sua esposa e é visto pelos filhos como um concorrente. Nota-se que o sentimento dos filhos tem uma postura ambivalente, então mesmo que exista esse sentimento de concorrência ou interferência voltada a um dos cuidadores, a ternura ainda será presente. O complexo também pode variar em intensidade e direção, sendo voltado para qualquer um dos cuidadores e não devendo ser subestimado, pois é um fator constante no desenvolvimento infantil. Por fim, não é um fator exaustivo na relação entre filhos e seus pais, que é muito mais complexa. Alguns exemplos citados pelo autor ajudam em uma compreensão mais precisa:

[...] vê-se com facilidade que o garotinho quer a mãe apenas para si, que sente a presença paterna como perturbadora, que se irrita quando o pai se permite demonstrar ternura a ela e que manifesta satisfação quando ele está viajando ou ausente. Com frequência, o menino dá expressão verbal a seus sentimentos e promete à mãe que vai se casar com ela. Poder-se-ia argumentar que isso é pouco em comparação com os atos de Édipo, mas, na verdade, é o bastante e, de forma embrionária, a mesma coisa. Muitas vezes, a observação é obscurecida pelo fato de a mesma criança, em outras ocasiões, demonstrar também grande ternura para com o pai; mas tais posturas emocionais contraditórias — ou, melhor dizendo, ambivalentes —, que, em um adulto, conduziriam a um conflito, convivem muito bem na criança por um longo período de tempo, assim como, mais tarde, encontram lugar permanente, lado a lado, no inconsciente (Freud, 1916-1917/2014b, p.358).

Eventualmente, o indivíduo precisará destinar esforços para conseguir se separar dos pais e, assim, tornar-se um membro da comunidade social. Essa ‘separação’ consiste em desprender da mãe seus desejos libidinais e “empregá-los na escolha de um objeto real e exterior, e em reconciliar-se com o pai, caso lhe tenha permanecido hostil, ou em se libertar da pressão exercida por ele, caso o resultado da rebelião infantil contra ele tenha sido a submissão” (Freud, 1916-1917/2014b, p.363). Observações clínicas levaram Freud a identificar que raramente essa tarefa é realizada de forma ideal e bem-sucedida, uma vez que neuróticos se mostravam curvados à autoridade paterna e/ou com dificuldades em transferir sua libido a um objeto externo. Isso levou o autor a determinar o complexo de Édipo como o ‘núcleo das neuroses’.

No que diz respeito a dissolução do complexo de Édipo, é de se questionar as motivações que levam a criança em abandonar seu primeiro objeto de amor. Quanto a esse fator,

Freud (1916-1917/2014a) aponta para um conflito que, em dado momento, se instala entre a criança e seus genitores. Esse conflito tem sua base na primazia do falo e, em especial, no complexo de castração – que é “a reação à intimidação ou à contenção, atribuída ao pai, da atividade sexual precoce da primeira infância (p. 227). Ou seja, conforme apresentado no item 1.2.2. *O desejo de Saber*, existe, na criança, uma rápida associação do pênis como uma zona erógena dominante, de forma análoga, na menina o clitóris toma esse lugar de zona erógena dominante e é considerado – pelas crianças – como um pênis pequeno e, posteriormente, um pênis cortado. Esse fator as leva a conclusão de que a castração seria a consequência/punição da rivalidade estabelecida pelos filhos com o pai durante o complexo de Édipo. A diferença, entretanto, é que a menina aceita a castração como fato consumado, já o menino, por sua vez, teme essa possibilidade. Essa conclusão infantil é nomeada por Freud como *complexo de castração*.

Em relação ao complexo de Édipo, o complexo de castração situa-se diferentemente nos dois sexos. Abre para a menina a busca que a leva a desejar o pênis paterno; constitui, pois, o momento de entrada no Édipo. No menino, marca, pelo contrário, a crise terminal do Édipo, vindo interditar à criança o objeto materno (Laplanche & Pontalis, 1967/2001, p.74)

Ao reconhecer a figura paterna como um obstáculo que impede a realização de seus desejos, o menino “abandona o investimento feito na mãe e evolui para uma identificação com o pai, a qual lhe permite, mais tarde, uma outra escolha de objeto e novas identificações” (Roudinesco & Plon 1998, p.168). Já na menina, o complexo de castração funcionaria como um ingresso no Édipo: “se o menino sai do Édipo através da angústia de castração, a menina ingressa nele pela descoberta da castração e pela inveja do pênis. Nela, o complexo se manifesta pelo desejo de ter um filho do pai” (Roudinesco & Plon 1998, p.168). Como resultado dessa angústia a menina se desliga da mãe como objeto de amor e redireciona esse desejo para o pai. Segundo Roudinesco & Plon (1998), mesmo com essas distinções existe simetria, “uma vez que nos dois sexos o apego à mãe é o elemento comum e primeiro” (p.168). Além disso, essa transposição de investimento no objeto parental para identificação, citada acima, tem importantes consequências que serão descritas posteriormente.

## 2.4 Considerações finais

Retomando, agora, toda a construção feita em nossas investigações até o momento, poderemos tentar organizar um enlaçamento das proposições freudianas sobre o aparelho psíquico e o complexo de Édipo. Iniciando pelos dois princípios do funcionamento psíquico,

podemos dizer que a criança, nos primeiros momentos de vida, utiliza de um mecanismo alucinatório para obtenção de prazer. Nesse momento ainda não foi instaurado o princípio da realidade e, assim, a criança não faz distinção entre uma excitação interna ou externa. Em meio a essa dinâmica, existe, portanto, um período de indiferenciação. A indiferenciação pode ser caracterizada, por exemplo, quando a criança sente fome e faz uma descarga pela via motora, se debatendo e chorando, isso chama a atenção da mãe que a alimenta, mas na percepção (alucinatória) da criança o peito que apareceu para amamentá-la não é um objeto externo, mas sim parte da própria criança. Conforme explicado anteriormente, ao entender que nem sempre ao se debater o peito irá aparecer e cessar a fome, a criança começa a distinguir interno do externo. Segundo Kaufmann, mesmo com essa distinção, não será de imediato que o bebê irá sair desse estado de indiferenciação que ocorre com aquilo que é considerado “bom” (prazeroso) por ele, como, por exemplo, a mãe.

Embora um "eu-realidade primitivo", ainda mais arcaico, tenha já distinguido interior e exterior com a ajuda de um bom critério objetivo, Freud considera o eu e seus entornos como indiferenciadas até ali. Sob a influência do princípio de prazer, o eu-prazer purificado se constitui por um duplo processo. Por um lado, um princípio de unificação por englobamento do que é "bom" - e de assimilação a ele -, por outro uma função de expulsão (*Ausstossung*) do que é "mau", que está no princípio do que vai constituir o real como exterior ao sujeito (Kaufmann, 1993/1996, p.166).

Por outro lado, aquilo que gera desprazer será acometido pela expulsão e será responsável por demarcar o exterior e, eventualmente, estimular uma diferenciação com o que é externo ao sujeito. Por exemplo, podemos identificar isso na figura paterna, que desempenha um papel de obstáculo entre a criança-mãe, sendo esse algo que incomoda e, conseqüentemente, esse externo que deve ser expulso (Kaufmann, 1993/1996). Esse processo tem importantes conseqüências para a diferenciação do sujeito, conforme destaca Kaufmann (1993/1996, p.04): “a estrutura do Édipo e a separação primeira que sua constituição exige lançam, pois, as bases da subjetivação”. Com isso podemos trazer algumas proposições referentes ao complexo de Édipo. Laplanche e Pontalis destacam que a experiência analítica demonstra diversas questões análogas ao complexo de castração na vivência dos seres humanos. Eles ressaltam que “as ameaças reais [de castração do pênis] a que deveria a sua origem estão longe de ser sempre encontradas” (p.74), uma vez que a castração seria a representação de uma das fantasias infantis inconsciente e não depende de uma ameaça explícita e real. Sendo assim, a angústia de castração pode, segundo os autores, ser encontrada em uma série de outras direções.

Pode-se procurar situar a angústia de castração numa série de experiências traumatizantes em que intervém igualmente um elemento de perda, de separação de um objeto: perda do seio no ritmo da amamentação, o desmame, a defecação. Essa série é confirmada pelas equivalências simbólicas, identificadas pela psicanálise, entre os

diversos objetos parciais de que o sujeito é assim separado: pênis, seio, fezes, e mesmo a criança durante o parto. (1967/2001, p.74):

Nessa perspectiva, Laplanche e Pontalis (1967/2001) reforçam que a questão mais importante do complexo de castração é essa atribuição de um caráter de algo “destacável do corpo” que será feita ao pênis e, portanto, tornar ele um objeto passível de ser perdido. Podemos delimitar o complexo de castração como a elaboração psíquica feita pela criança da possibilidade de se perder um objeto extremamente significativo e, concomitantemente, a angústia gerada por essa conclusão. “Na mesma linha de investigação, A. Stárcke foi o primeiro a pôr toda a ênfase na experiência da amamentação e da retirada do seio como protótipo da castração” (Laplanche e Pontalis, 1967/2001, p.75). Retomando, por fim, a tragédia de Sófocles, reafirmamos a possibilidade de ler a história de Édipo de forma mais detalhada, principalmente para entendê-la como representação metafórica do complexo de Édipo. Destaca-se na história alguns detalhes:

1. O incomodo que Édipo teve em ouvir um estranho afirmar que ele foi abandonado, como se já houvesse um saber inconsciente sobre esse fator, faz surgir sentimentos que ele próprio não sabia explicar. O impulso de saber a verdade sobre seus pais e sobre sua origem, remetendo às asserções de Freud (1908/2015) sobre as teorias sexuais infantis, especialmente a teoria recorrente em que a criança tem a fantasia de ser adotada.
2. O encontro de Édipo com o Oráculo, entidade comparada ao inconsciente por Freud, que dá ao Édipo um saber sobre seu destino, análogo a um saber inconsciente – aquele que se sabe mesmo não sabendo conscientemente.
3. Édipo mata o pai em uma encruzilhada, mas só descobre isso – conscientemente – algum tempo depois. Matar Laio é um fator de relevância para que Édipo acabe se tornando rei e, eventualmente, descubra a verdade sobre esse assassinato. A forma como a história acontece remete a estrutura de triangulação, caracterizada pela ambivalência dos desejos amorosos e hostis entre a criança e seus genitores. Para a criança a figura paterna se torna um impeditivo no acesso ilimitado à mãe, mas é essencial lembrar que, inicialmente, a criança tem a concepção da mãe como parte de si, e o pai apenas como um externo que incomoda. Assim como Édipo, não é de imediato que a criança entende esse outro como pai, ao mesmo tempo, o incomodo gerado pelo pai contribui para essa diferenciação.

Estes são apenas alguns destaques dentre as inúmeras possibilidades de interpretação da tragédia edípica na teoria freudiana. O principal intuito era evidenciar o complexo de Édipo como um fenômeno que ultrapassa a máxima “matar o pai e se casar com a mãe”. Por fim, um último ponto a ser sinalizado é o de que Édipo, teoricamente, não conseguiria escapar do destino, uma vez que esse destino foi traçado muito antes de seu nascimento, proveniente de uma maldição lançada em seu pai. Esse será um ponto desenvolvido apenas nas próximas sessões dessa dissertação, pois remete a elaborações teóricas posteriores de Freud, como o narcisismo primário e suas consequências na constituição do Eu, do sentimento de si e no valor que o indivíduo atribui a si mesmo.

### 3. SOBRE A AMBIVALÊNCIA AMOR/ÓDIO: NARCISISMO E MELANCOLIA

Dando continuidade, conforme apresentado no capítulo I, Freud irá citar o Eu nos textos *A Interpretação dos Sonhos (1900)* e *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905)*, como a “sede da consciência. [...] delimitado num sistema chamado primeira tópica, que abrangia o consciente, o pré-consciente e o inconsciente” (Roudinesco & Plon, 1998, p.210). Vale ressaltar que Freud indica, na primeira tópica, duas instâncias (inconsciente e consciente), uma vez que o pré-consciente seria uma parte integrante do consciente, não sendo definido como uma instância por si só. Nesse momento o funcionamento do aparelho psíquico se pauta nas pulsões de autoconservação e pulsões sexuais, que se organizam por meio dos princípios do prazer e da realidade. Alguns anos mais tarde, segundo Laplanche e Pontalis (1967/2001), uma nova noção de Eu será proposta a partir da conceitualização do narcisismo na obra freudiana, configurando o Eu como objeto de amor – e de ódio. Roudinesco & Plon (1998, p.211) pontuam algumas reformulações teóricas propostas por Freud a partir de 1914, com o artigo *Introdução ao Narcisismo*, dentre elas: (1) estabelecer que “o Eu podia ser sede de um investimento libidinal, como qualquer objeto externo. [...] e se tornar, em virtude da distinção entre narcisismo primário e narcisismo secundário, um reservatório de libido”; (2) propor “uma libido do eu, oposta à libido objetual, enunciando a hipótese de um movimento de balança entre as duas” e, com isso, afirmar que o Eu não tem “apenas o papel de mediador perante a realidade externa, sendo também objeto de amor”; (3) introduzir “a ideia de uma diferenciação funcional efetuada a partir do eu. Parte do eu, instância de ordem moral, instala-se numa posição crítica diante da parte restante do eu.”; (4) Delimitar que o Eu “é afetado em sua própria constituição, pelo processo de identificação: em alguns casos, pode trazer a marca, traço único, de uma relação com um outro”.

Será na investigação dessas quatro propostas freudiana, norteadas pelos usos do prefixo *Selbst*, que esse capítulo será desenvolvido. Acessando diretamente a obra freudiana em alemão, buscamos mapear o termo “*Selbstgefühl*” nos artigos Freudianos *Introdução ao Narcisismo (1914)* e *Luto e Melancolia*. Em adendo, para compreender mais pormenorizadamente a questão do ódio-próprio percebemos a importância de outros termos, compostos pelo prefixo *Selbst*, que se enlaçam a proposta freudiana de rebaixamento da autoestima [*Selbstgefühl*] na melancolia, sendo eles: autorrecriminação/automartírio [*Selbstvorwürf*]; autorrespeito [*Selbstachtung*]; autoinsulto [*Selbstbeschimpfungen*];

tendências e intenções suicidas [*Selbstmordneigung* e *Selbstmordabsichten*]; amar a si próprio [*Selbstlieb*]; autodestruição [*Selbstzerstörung*].

Utilizaremos, para alcançar nosso objetivo, quatro disparadores que irão compor os subcapítulos, buscando analisar pormenorizadamente cada uma das propostas apresentadas: (1.1.) *compreender por que o Eu passa a ser entendido, também, como um reservatório de libido*; (1.2.) *apresentar a proposta freudiana para um Eu constituído como objeto de amor (e ódio)*; (1.3.) *identificar o que Freud propõe para uma instância moral integrante do Eu*; (1.4.) *analisar como o conceito de identificação modifica o entendimento freudiano do Eu*.

### 3.1 Narcisismo: o Eu como reservatório de libido

Iniciaremos localizando o uso do termo ‘narcisismo’, uma vez que Freud não foi o primeiro a utilizá-lo. Segundo Kaufmann (1993/1996), esse termo foi usado pela primeira vez em 1898, por Havelock Ellis, que utilizou a expressão *narcissus-like*<sup>4</sup> para caracterizar uma vertente patológica do autoerotismo, onde o indivíduo ama o próprio corpo. Em seguida, em 1899, Paul Näcke retoma e discute os pontos de vista de Ellis e, para isso, forja a palavra ‘narcisismo’ se referindo, agora, a uma perversão sexual. No texto *Introdução do Narcisismo*, Freud (1914/2016) irá pontuar que o termo ‘narcisismo’ veio da descrição clínica de Paul Näcke sobre os indivíduos que tratam o próprio corpo como objeto sexual, mas em uma nota de rodapé do texto *Os três ensaios sobre a sexualidade humana*, adicionada em 1920, Freud (1905/2010) alerta que essa fora uma afirmação errônea e aponta Havelock Ellis como o criador desse termo.

Apesar de Kaufmann (1993/1996), Laplanche e Pontalis (1967/2001) e Freud (1905/2010) afirmarem que Ellis teria sido o precursor do uso da palavra ‘narcisismo’ dentro da medicina, Roudinesco e Plon (1998), em seu *Dicionário de Psicanálise*, destoam dessa afirmativa. Os comentadores apontam que Alfred Binet já teria usado expressão análoga a esse termo em 1887 para descrever uma forma de fetichismo que consistiria na pessoa que toma a si mesma como objeto sexual. Sobre essa questão, os autores Guimarães e Endo (2014) fazem uma investigação aprofundada e afirmam que Binet não utilizou especificamente a palavra ‘narcisismo’, mas ele fez a primeira referência ao mito de Narciso dentro do contexto psicopatológico.

---

<sup>4</sup> Essa é uma expressão da língua inglesa que significa “como Narciso” ou “semelhante a Narciso”. O objetivo no uso dessa expressão é de ilustrar o caso de indivíduos que amam o próprio corpo usando, para isso, o mito grego de Narciso como referência.

Considerando, agora, a obra freudiana, o termo “narcisismo” foi usado pela primeira vez por Freud em uma reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena, no ano de 1909 (Garcia Roza, 1995/2008). Nesse momento, Freud teria citado o narcisismo como um estágio do desenvolvimento psicosexual entre o autoerotismo e o amor objetal. Laplanche e Pontalis (1967/2001) complementam que o primeiro uso do termo em um texto freudiano, foi em *Os três ensaios sobre a sexualidade humana*, em uma nota de rodapé adicionada no ano de 1910. Indo até o texto podemos conferir que nessa nota o autor faz algumas suposições sobre a gênese da homossexualidade:

[Nota acrescentada em 1910:] Até o momento a psicanálise não apresentou um esclarecimento completo da origem da homossexualidade, mas desvelou o mecanismo psíquico de sua gênese e enriqueceu consideravelmente a colocação do problema. Em todos os casos investigados, constatamos que os futuros homossexuais passam, nos primeiros anos da infância, por uma fase de intensa, mas breve fixação na mulher (geralmente a mãe), e, após superá-la, identificam-se com a mulher e tomam a si próprios como objeto sexual, ou seja, partindo do narcisismo, buscam homens jovens e semelhantes a si mesmos, que querem amar assim como a mãe os amou. (Freud, 1905/2016, p34, grifo nosso).

Nessa nota Freud já ensaia uma relação entre o narcisismo, investimento libidinal, autoerotismo, identificação e amor objetal. Para evidenciar a relação dessa citação com o autoerotismo, recorreremos a outra citação freudiana, do texto *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci*:

Assim torna-se homossexual; mais precisamente, retorna ao autoerotismo, pois os garotos que o adolescente agora ama são apenas sucedâneos e reiteraões de sua própria pessoa infantil, que ele ama tal como sua mãe o amou quando criança (Freud, 1910/2010, p. 119, grifo nosso).

Pouco tempo depois, entre 1911 e 1913, nos textos *O Caso Schreber* e *Totem e Tabu*, o narcisismo aparece como uma fase intermediária entre o autoerotismo e a escolha objetal, retomando a proposição feita na Sociedade Psicanalítica de Viena, que fora citada anteriormente. Para Kaufmann (1993/1996), uma grande transformação teórica do narcisismo decorre desse momento – desvinculando-o de uma patologia. O comentador pontua, entretanto, que Freud ainda considerará uma fixação nessa fase intermediária do narcisismo, ou uma forma mais exacerbada dela, como patológica.

Adentrando no texto *Introdução ao narcisismo* (Freud, 1914/2016), percebe-se que o autor reforça que características isoladas da conduta narcisista podem ser observadas na psicanálise com neuróticos e, nesse caso, “o narcisismo não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autoconservação, do qual justificadamente atribuímos uma porção a cada ser vivo” (Freud, 1914/2010 p. 10). Essa informação condiz com

o apontamento de Kaufmann, sobre o importante giro que Freud dá no entendimento do que é o narcisismo, e sugere o que veremos adiante: que uma certa dose de narcisismo é essencial para a construção de estruturas básicas da subjetividade – como a formação do Eu. Garcia-Roza (1995/2008), defende que a *Introdução ao narcisismo (1914)* é um ponto essencial na construção da teoria psicanalítica, pois a partir daqui o narcisismo se consolida como uma condição da formação do Eu, podendo até mesmo se confundir com ele. Mas, afinal, como Freud chegou à compreensão do narcisismo como condição da formação do Eu?

O autor relata que, ao tentar incluir os estudos sobre a esquizofrenia<sup>5</sup> de Kraepelin e Bleuler em sua produção teórica, deparou-se com a desafiadora tarefa de inseri-los em suas hipóteses da teoria da libido. Os estudos da época propuseram que essas patologias se alicerçavam sobre a constituição frágil do Eu e, portanto, eram relativas à uma energia do Eu e não à uma energia libidinal. “A noção bleuleriana de ‘esquizofrenia’ buscaria, justamente, colocar em relevo aquele que seria o fenômeno nuclear desses estados mentais, a ruptura, a cisão do eu, em função do rompimento dos vínculos associativos que assegurariam um funcionamento unitário da personalidade” (Pereira, 2000, p.161). Sendo assim, a etiologia da psicose, diferente das neuroses, não teria relação com a sexualidade. Essa afirmativa levantava questionamentos sobre as hipóteses psicanalíticas. Para resolver esse impasse, Freud recorre à análise da paranoia para compreender melhor a psicologia do Eu, assim como havia utilizado, anteriormente, a histeria com o mesmo fim: “Mais uma vez teremos que descobrir, a partir dos exageros e distorções do patológico, o que é aparentemente simples no normal.” (p.25). Para dar início nas investigações, duas características fundamentais foram analisadas pelo autor: a megalomania e o abandono de qualquer interesse pelo mundo externo, seja por pessoas ou coisas.

A princípio, esse abandono da relação com a realidade do mundo externo não era nada de novo, pois também era observado em neuróticos. O que chamava a atenção era que, apesar do abandono, neuróticos mantinham na fantasia a relação com as pessoas e com as coisas. Ou seja, substituíam objetos reais por objetos na fantasia, por vezes também os misturavam. Essa

---

<sup>5</sup> No texto *Introdução ao Narcisismo* é possível encontrar diversos termos para representar o seguinte grupo de sintomas: “incoerência do pensamento, da afetividade e da ação (chamada Spaltung ou clivagem), o ensimesmamento e uma atividade delirante.” (Roudinesco & Plon, 1998, p.189). Optamos, aqui, em citar apenas o termo “esquizofrenia”, cunhado por Bleuler em 1911 e amplamente disseminado no campo psiquiátrico. Outros termos utilizados no decorrer do artigo para representar esse mesmo grupo de sintomas foram: ‘*dementia praecox*’, proposto por Kraepelin; e ‘parafrenia’, proposto por Freud. Ao decorrer da obra, Freud parece renunciar ao termo parafrenia e, segundo Laplanche e Pontalis, isso pode ter ocorrido tanto pela confusão com o termo, uma vez que Kraepelin já utilizava o termo ‘parafrenia’ com outra definição, como pelo êxito do termo bleuleriano ‘esquizofrenia’ (Laplanche e Pontalis (1967/2001), p.158).

substituição não era observada no abandono presente na paranoia, quando acontecia parecia estar associado a algo secundário, como uma tentativa de cura por meio do reinvestimento ao objeto. Com isso, surge o questionamento: o que acontece com essa libido retirada dos objetos quando estes não são substituídos por objetos da fantasia?

Para explicar isso, Freud (1914/2010) utilizará exatamente a outra característica que chamou sua atenção – a megalomania. O autor supõe, portanto, que a megalomania surgiu à custa dessa libido retirada do mundo externo e que foi dirigida ao Eu, caracterizando uma conduta que ele denomina de ‘narcisismo’. Entretanto, esse narcisismo é uma construção secundária, uma vez que, para o autor, não faz sentido que a paranoia seja o fator que origina a megalomania. A megalomania é, portanto, um estado ampliado de algo que já existia antes no sujeito, mas que só se tornou nitidamente perceptível após essa ampliação. Freud utilizará das crianças para exemplificar essa existência anterior da megalomania, um traço megalomaniaco presente em crianças é a crença no poder mágico das palavras, ou na onipotência dos pensamentos. Nessa elaboração teórica o Eu é investido pela energia sexual (libido) e, com isso, os sintomas psicóticos são dotados de uma dinâmica de reversão da libido, que sai do mundo externo – dos objetos – e se destina ao Eu. Essa hipótese freudiana será norteadora para os estudos psicanalíticos. Dentre as principais funções dessa hipótese, destacamos: (1) introduzir a psicose na teoria pulsional; (2) localizar a etiologia da psicose na sexualidade; (3) reconfigurar a noção de Eu que, assim, torna-se passível de investimento pulsional.

A partir de suas próprias observações sobre as psicoses e da leitura dos trabalhos de Eugen Bleuler, Karl Abraham e Emil Kraepelin, Freud constatou que, nessas formas patológicas, estamos na presença de uma retirada da libido dos objetos externos e de uma reversão dessa libido para o eu, que assim se transforma, ele próprio, em objeto de amor. Essa reformulação freudiana, portanto, consistiu numa redistribuição das pulsões sexuais, por um lado colocadas no eu — donde a denominação libido do eu (ou libido narcísica) — e, por outro, nos objetos externos, donde a denominação libido objetal (Roudinesco & Plon, 1998, p.630).

Freud (1914/2010) irá, então, caracterizar esse estado inicial narcísico, que fora identificado por meio da megalomania, como primário. Já esse narcisismo que surge por uma retração dos investimentos objetais para o Eu, ele denomina como secundário. Por fim, o autor afirma que o narcisismo secundário é “edificado sobre o narcisismo primário que foi obscurecido por influências várias.” (p. 11). Segundo Laplanche e Pontalis (1967/2001), conceder uma definição unívoca desses conceitos na obra freudiana é uma tarefa inviável, uma vez que diferentes acepções são apresentadas no percurso teórico freudiano. O que é possível, segundo os autores, é propor definições amplas, em que “o *narcisismo primário* designa um estado precoce em que a criança investe toda a sua libido em si mesma. O *narcisismo*

*secundário* designa um retorno ao Eu da libido retirada dos seus investimentos objetais” (p.290). As dificuldades em definir e localizar, de forma mais exata, surgem especialmente vinculadas ao narcisismo primário.

Roudinesco e Plon (1998) demarcam que Freud reconheceu existir uma grande dificuldade em localizar o narcisismo primário, sendo mais fácil deduzi-lo do que observá-lo. Exatamente por esse ponto, Freud (1914/2010) recomenda analisar a existência de um narcisismo primário a partir de uma inferência retrospectiva, caracterizando a atitude que os pais têm para com seus filhos como uma reprodução do próprio narcisismo abandonado:

Os pais são levados a atribuir à criança todas as perfeições — que um observador neutro nelas não encontraria — e a ocultar e esquecer todos os defeitos, algo que se relaciona, aliás, com a negação da sexualidade infantil. Mas também se verifica a tendência a suspender, face à criança, todas as conquistas culturais que o seu próprio narcisismo foi obrigado a reconhecer, e a nela renovar as exigências de privilégios há muito renunciados. [...] His Majesty the Baby, como um dia pensamos de nós mesmos (Freud, 1914/2010, p.25)

O amor dos pais pela criança é, portanto, o renascimento do narcisismo deles que, ao transformar-se em amor objetal, mantém sua natureza de superestimação. Aqui surge o indício que leva Freud (1915) a supor a existência do narcisismo primário. Inicialmente, o autor parece delimitar, portanto, o narcisismo primário como uma fase intermediária entre o autoerotismo e o amor objetal – correspondente a unificação do Eu<sup>6</sup> (Garcia-Roza, 1995/2008, p.44). Será, portanto, delimitando a distinção entre o narcisismo primário e do narcisismo secundário que chegamos ao objetivo deste subcapítulo: *compreender por que o Eu passa a ser entendido, também, como um reservatório de libido*.

Originalmente, o Eu é o objeto privilegiado de investimento libidinal, a ponto de se constituir como o “grande reservatório da libido”, armazenador de toda a libido disponível. Esse momento, Freud denomina narcisismo primário. Posteriormente, o investimento libidinal passa a incidir sobre objetos (entenda-se: representações-objeto), o que corresponde à transformação da libido narcísica em libido objetal. [...] . O retorno desse investimento libidinal ao eu, após ter investido objetos externos, Freud denomina narcisismo secundário (Garcia Roza, 1995/2008, p.44).

O Eu continua, por toda vida, sendo esse grande reservatório a partir do qual envia-se e recolhe-se investimentos de objetos (Garcia Roza, 1995/2008). Utilizando esses postulados da distinção entre narcisismo primário e secundário, podemos dar continuidade e analisar de

---

<sup>6</sup> Após as elaborações da segunda tópica, Freud admitirá a existência de um narcisismo primário anterior a existência do Eu, já na vida intrauterina, em um período em que haveria uma indistinção entre o Eu e o Isso (Laplanche e Pontalis, 1967/2001). Roudinesco e Plon (1998) complementam que a consequência dessa nova formulação seria um apagamento da diferença entre autoerotismo e narcisismo primário. Alguns autores utilizam a expressão narcisismo originário para distingui-lo do primário, mantendo a ideia desse último como o momento de formação do Eu.

forma mais concisa a proposta freudiana do Eu como objeto de amor, empenhando-nos, agora, em nosso segundo objetivo: *investigar qual a proposta freudiana para um Eu que também é objeto de amor.*

### 3.2 Narcisismo: o Eu como objeto de amor/ódio

Para aproximar-nos da proposta freudiana de um Eu como objeto de amor, iremos investigar as asserções do autor quanto ao investimento libidinal do Eu e, em adendo, o destino pulsional nomeado por ele como “voltar-se contra a própria pessoa”. Por fim, faremos algumas reflexões sobre como esse movimento pulsional voltado para o Eu se relaciona com o prefixo *Selbst*, presente no termo *Selbstgeföhr* (sentimento de Si).

Freud (1914/2010) sugere um investimento libidinal do Eu que é originário e que, em determinado momento, é cedido para os objetos. O autor ressalta, ainda, que esses dois investimentos, do Eu e dos objetos, são inversamente proporcionais, ou seja, quanto mais se investe em um, mais se empobrece o outro – pontuando, aqui, um aspecto do caráter econômico da psique. Por fim, infere que essas energias psíquicas estão inicialmente juntas e indistinguíveis no estado do narcisismo primordial. Apenas ao existir um investimento objetal será possível diferenciar a libido dos investimentos do Eu. Com isso, uma importante questão surge: “por que é necessário separar uma libido sexual de uma energia não sexual das pulsões do Eu? Postular uma única energia psíquica não pouparia todas as dificuldades da separação entre energia das pulsões do Eu e libido do Eu, libido do Eu e libido de objeto?” (Freud, 1914/2010, p.12). Essa distinção entre libido do Eu e do objeto é um prosseguimento inevitável da hipótese que separa essas duas energias. Esse prosseguimento teórico é essencial, pois a proposta freudiana de pulsões sexuais e pulsões de autoconservação – primeira teoria pulsional – encontrava-se ameaçada pela conceituação de uma energia investida no Eu que também é sexual, isso tornaria inviável postular uma pulsão de autoconservação. Sendo assim, essa distinção entre libido do Eu e do objeto foi necessária para fundamentar a posição freudiana de uma energia psíquica dualista.

Segundo Freud (1914/2010) existem dois casos em que é possível observar uma mudança na distribuição libidinal. O primeiro é derivado de uma sugestão verbal que Freud recebeu de Sándor Ferenczi sobre a distribuição libidinal em indivíduos com uma enfermidade orgânica. Sobre isso, o autor afirma: “É algo sabido, e tomamos por evidente, que alguém que sofre de dor orgânica e más sensações abandona o interesse pelas coisas do mundo externo, na medida em que não dizem respeito ao seu sofrimento” (Freud, 1914/2010, p. 17). Observar

atentamente o indivíduo enfermo possibilita a apreensão de que ele retira também seu investimento dos objetos amorosos, ou seja, o doente retira os investimentos libidinais de volta para o Eu e, ao se curar, envia esses investimentos novamente para fora. O segundo caso ocorre no estado do sono, em que existe uma retração narcísica da libido para o desejo de dormir e, segundo o autor, esse egoísmo é perceptível nos sonhos.

Em adendo, Freud pontua a existência de uma dualidade no ser humano, uma dupla função, que resulta diretamente nessa distinção entre pulsões sexuais e do Eu:

O indivíduo tem de fato uma dupla existência, como fim em si mesmo e como elo de uma corrente, à qual serve contra — ou, de todo modo, sem — a sua vontade. Ele vê a sexualidade mesma como um de seus propósitos, enquanto uma outra reflexão mostra que ele é tão somente um apêndice de seu plasma germinal, à disposição do qual ele coloca suas forças, em troca de um bônus de prazer — o depositário mortal de uma (talvez) imortal substância, como um morgado, que possui temporariamente a instituição que a ele sobreviverá. A distinção entre instintos sexuais e do Eu apenas refletiria essa dupla função do indivíduo (Freud, 1914/2010, p.14).

A distinção de pulsões sexuais e pulsões do Eu é reflexo dessa dualidade entre servir a si mesmo e servir ao outro e/ou a espécie. Vale ressaltar que esse processo de ‘servir como um elo’ é algo que excede a vontade do sujeito. Um exemplo disso seria a sexualidade, que pode ser concebida por duas vias. Na primeira, a sexualidade é um ‘apêndice de seu plasma germinal’, ou seja, um processo fisiológico de manutenção da espécie no qual o indivíduo investe suas forças. Na segunda, o indivíduo é central e a sexualidade é meramente uma ocupação, a satisfação sexual tem, aqui, o objetivo suprir uma necessidade. No texto *Pulsões e seus Destinos*, o autor retoma e reforça essa dualidade humana:

[...] existem duas concepções, igualmente justificadas, para a relação entre o Eu e a sexualidade: segundo a primeira, o indivíduo é o principal, a sexualidade é uma de suas ocupações, a satisfação sexual, uma de suas necessidades; para a outra, o indivíduo é um apêndice provisório e passageiro do plasma germinativo quase imortal, que lhe foi confiado pela geração (Freud, 1915/2010, p.45).

Nesse mesmo texto, Freud (1915/2010) ao aprofundar seus estudos sobre as vicissitudes pulsionais, descreve a possível existência de algumas variantes, como pulsões sociais ou de jogo. Mas logo ressalta que, após uma análise, é possível decompô-las em duas pulsões primordiais: as pulsões do Eu (ou de autoconservação) e as pulsões sexuais. Segundo Garcia-Roza (2008) o principal objetivo de Freud, nesse momento da obra, foi delimitar o lugar do não-sexual. Durante as elaborações da primeira teoria pulsional, Freud irá propor que “as pulsões de autoconservação seriam conservadoras e se oporiam às pulsões sexuais” (Garcia-Roza, 2008, p. 36). Isso ocorre, pois, a libido, energia das pulsões sexuais, tem sua economia regida pelo princípio do prazer e a pulsão de autoconservação tem sua energia – ou “interesse”

– a serviço da autoconservação do indivíduo<sup>7</sup>. Conforme apresentado no *Primeiro Capítulo*, as noções de *apoio* e *desvio* estão sempre presentes nesse circuito que compõe a pulsão, estabelecendo a relação originária entre essas duas pulsões primordiais e demarcando esse enredamento entre o biológico – da natureza – e o cultural. Laplanche e Pontalis (1967/2001) ao proporem o uso de uma terminologia mais rigorosa, levantam a possibilidade do uso do termo “necessidades” para delimitar as pulsões de autoconservação, diferenciando-as de forma mais eficaz das pulsões sexuais.

Será apenas com a introdução formal do conceito de narcisismo que essa oposição entre pulsões sexuais e pulsões do Eu começa a sofrer novas elaborações teóricas, conforme aponta Garcia-Roza (2008, p.36):

Com a introdução do conceito de narcisismo, em 1914, a oposição entre pulsões sexuais e pulsões do Eu sofre o primeiro abalo. O que o conceito de narcisismo tornou claro foi o fato de que as pulsões sexuais podiam retirar a libido investida nos objetos e fazê-la voltar sobre o próprio Eu, constituindo-se em libido narcísica.

Esse momento da obra freudiana é caracterizado por uma transição teórica importante. Freud sublinha o lugar do não-sexual nas pulsões, reforçando sua convicção de uma energia dualista e contrapondo propostas monistas contemporâneas a ele. Defender a sexualidade na etiologia das psicoses e propor um dualismo pulsional foi crucial para Freud distinguir e demarcar o que caracterizava a teoria psicanalítica. Com o narcisismo, entra em cena a possibilidade de uma energia sexual retirada dos objetos e redirecionada para o Eu. O essencial até aqui refere-se a conclusão do nosso segundo objetivo, *apresentar a proposta freudiana para um Eu que também é objeto de amor*. Ou seja, a hipótese do narcisismo, que levanta a possibilidade da libido voltada ao Eu, reorganizando a concepção do Eu na teoria freudiana, que deixa de ser apenas um mediador da realidade externa e passa a ser, também, objeto de amor.

Referente a isso, para dar continuidade em nossas análises do Eu como objeto de amor, recorreremos ao momento em que o autor aponta possíveis destinos da pulsão. Dentre eles, daremos enfoque ao que se destaca para nosso objetivo: o “voltar-se contra a própria pessoa” (p.47). Antes de aprofundar nesse destino da pulsão, propomos uma rápida retomada do texto *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade (1905)*, para introduzir o par de opostos sadismo-masoquismo.

---

<sup>7</sup> Em alguns momentos da obra, Freud utilizará as palavras *Interesse* e *Ichinteresse*, que em tradução para o português seriam, respectivamente, “interesse” e “interesse do eu”, para designar a energia das pulsões de autoconservação. Segundo Garcia-Roza (2008), o objetivo do autor era de enfatizar a distinção dessa energia em relação à libido.

Inicialmente, quando Freud (1905/2010) propõem as perversões como inerentes à sexualidade humana, surge uma necessidade de compreender as raízes dessas perversões. Para iniciar a teorização, Freud utiliza o sadismo como ponto de partida, afirmando que suas raízes derivam de uma agressividade “natural” do homem. Essa agressividade, segundo o autor, seria oriunda do objetivo biológico de ultrapassar possíveis resistências para alcançar seu objeto sexual, visando dar continuidade à espécie. Quando esse componente agressivo ganha força, mediante deslocamento, pode se tornar objeto exclusivo da satisfação, caracterizando, assim, uma perversão sádica. Como consequência dessa hipótese, Freud (1905/2010) acredita que o masoquismo seria uma transformação, ou prosseguimento, do sadismo que se volta contra a própria pessoa. O autor define o sadismo e o masoquismo como um par de opostos e ressalta que é propício “relacionar esses opostos simultaneamente presentes com a oposição masculino e feminino, reunida na bissexualidade – que frequentemente deve ser substituída, na psicanálise, por aquela entre ativo e passivo.” (p. 55). Ou seja, o sadismo, com caráter ativo relacionado ao masculino e, seu par oposto, o masoquismo, com caráter passivo relacionado ao feminino.

Ao apresentar o destino da pulsão “voltar-se contra a própria pessoa”, o autor propõe que a pulsão passa de ativa para passiva, voltando-se para o próprio Eu. Exemplificando essa proposição, Freud (1915/2010) usa o par de opostos sadismo-masoquismo:

O retorno em direção à própria pessoa se torna compreensível se considerarmos que o masoquismo é um sadismo que se voltou contra o próprio Eu [...]. A observação analítica não deixa dúvidas quanto ao fato de que o masoquista também frui da fúria contra sua pessoa [...]. O essencial nesse processo é, portanto, a troca do objeto com a invariância da meta (Freud, 1915/2010, p.35).

O processo psíquico presente no sadismo-masoquismo pode ser descrito em três casos:

- a) O sadismo, em seu caráter ativo, se apresenta como dominância à outra pessoa que, assim, se torna o objeto do sádico; b) O sádico abandona esse objeto e o substitui por si mesmo. Esse retorno a si transforma a meta ativa da pulsão em meta passiva; c) Novamente, uma pessoa será procurada para ocupar o papel de objeto, entretanto, devido à transformação da meta, que agora se encontra passiva, essa outra pessoa terá de assumir o papel de sujeito.

No processo apresentado acima, o caso “a” caracteriza o sadismo. O caso “b”, um retorno do sadismo em direção à própria pessoa, mas sem um outro indivíduo, manifestando-se por meio do auto tormento e da autopunição. E o caso “c” seria a definição, proposta pelo autor, do que é comumente chamado de masoquismo. O sadismo é apresentado como a forma primordial, e o masoquismo surge de um desdobramento desse sadismo. Devemos destacar que Freud (1915/2010) pontua, em nota de rodapé, que uma concepção oposta a essa será apresentada em trabalhos posteriores, defendendo um masoquismo originário. Nosso enfoque,

entretanto, é na investigação freudiana quanto a possibilidade de um destino pulsional de retorno à própria pessoa, então, para isso, recorreremos complementarmente ao par de opostos *vouyerismo*-exibicionismo:

Neste caso pode-se estabelecer os mesmos estágios do anterior: a) olhar como atividade dirigida a um outro objeto; b) o abandono do objeto, a volta da pulsão de olhar para uma parte do próprio corpo, e com isso a reversão em passividade e a constituição da nova meta: ser olhado; c) a introdução de um novo sujeito, ao qual o indivíduo se mostra, para ser olhado por ele (Freud, 1915/2010, p.49)

Nesse exemplo, reconhece-se que exista um estágio anterior ao designado como “a”, uma vez que a pulsão de olhar “é autoerótica no início de sua atividade, pode ter um objeto, mas encontra-o no próprio corpo. Apenas depois ela é levada (pela via da comparação) a trocar esse objeto por um análogo do corpo alheio (estágio a)” (Freud, 1915/2010, p. 49)<sup>8</sup>. Esse estágio preliminar, anterior ao momento “a”, é denominado de narcisismo e caracterizado pela fase inicial da evolução do Eu, momento em que as pulsões sexuais se satisfazem de modo autoerótico. Freud ressalta que ainda não colocou em discussão o nexos entre narcisismo e autoerotismo, mas afirma que: “O Eu se encontra originalmente, bem no início da vida anímica, pulsionalmente ocupado, estando, em certa medida, em condições de satisfazer suas pulsões em si mesmo. Denominamos essa condição de narcisismo, e tal possibilidade de obter satisfação, de autoerótica” (Freud, 1915/2013, p.41). Nesse trecho, compreendemos o narcisismo como uma condição e o autoerotismo como uma forma de satisfação.

Existe, ainda, outro fenômeno investigado por Freud e que agrega nessa discussão: o amor. “O amar admite não apenas uma, mas três formas de oposição. Além da oposição amar/odiar há também outras: amar/ser amado e o amar e o odiar tomados em conjunto, em oposição ao estado de indiferença ou desinteresse.” (Freud, 1915/2013, p. 40). No que se refere a conversão de ativo em passivo, a correspondente seria a oposição amar/ser amado, que assim como na pulsão de olhar apresenta um estágio preliminar, que nesse caso seria “amar a si mesmo” (p.40), caracterizado como narcisismo. Nessa oposição, o autor afirma que ser amado se aproxima de amar a si mesmo.

Dando continuidade, para introduzir outras proposições referentes ao amor, iniciaremos lembrando as três polaridades que regem a vida anímica: (1) sujeito e objeto (Eu e mundo externo); (2) prazer e desprazer; (3) ativo e passivo. Essas polaridades possuem, entre

---

<sup>8</sup> Nesse artigo Freud (1915/2010) já demonstra estranhar que esse estágio preliminar e autoerótico, anterior ao momento “a”, não exista no sadismo. Esse seria, portanto, um dos fatores que o levam a reorganizar a proposta do sadismo/masochismo e sustentar, posteriormente, um masochismo primário (Freud, 1924/2011).

si, significativas conexões. Conforme apresentado no *Primeiro Capítulo*, essa primeira oposição, Eu/não-Eu (Eu e mundo externo), é imposta desde muito cedo com a distinção entre estímulos externos, que podem ser silenciados por ação muscular, e àqueles aos quais o indivíduo é indefeso – os estímulos pulsionais. Freud (1915/2013, p.41) reforça, entretanto, a necessidade de distinguir essa polaridade da atividade/passividade:

A oposição ativo/passivo não deve ser confundida com aquela entre Eu-sujeito/objeto-exterior. O Eu se comporta de modo passivo diante do mundo exterior na medida em que recebe estímulos dele, e, de modo ativo, quando reage perante eles. Ele é forçado por suas pulsões a uma atividade muito especial perante o mundo exterior, de modo que poderíamos dizer, enfatizando o essencial, o seguinte: o sujeito-Eu seria passivo perante os estímulos exteriores, e ativo por meio de suas próprias pulsões.

Originalmente, quando o Eu se encontra em condições de satisfazer suas pulsões autoeroticamente, o interesse do bebê não está no mundo externo. Nesse momento, o Eu coincide com o que é prazeroso e o mundo externo com o indiferente. Se considerarmos, portanto, que o amar é a relação do Eu com suas fontes de prazer, nessa situação inicial o Eu é indiferente ao mundo externo e ama apenas a si mesmo. Temos, aqui, uma ilustração do par de opostos amor/indiferença. Conforme as exigências das pulsões de autoconservação submetem o Eu a se relacionar com objetos do mundo externo e sentir, por um certo tempo, estímulos pulsionais internos como desprazerosos, um desenvolvimento é necessário. Regido pelo princípio do prazer, todo objeto que é fonte de prazer será introjetado em seu Eu e tudo que é desprazeroso será expelido por meio da projeção. Nesse processo parte do exterior é somada ao Eu-prazer, e parte do Eu é projetada no mundo externo e sentida como hostil. Podemos concluir, portanto, que “com a entrada do objeto na fase do narcisismo primário chega-se à segunda configuração de oposição do amar: o odiar” (Freud, 1915/2013, p.42).

O par de opostos amor/indiferença reflete a polaridade Eu/mundo externo, enquanto o par de opostos amor/ódio reflete a polaridade prazer/desprazer. A passagem do indivíduo de uma fase puramente narcisista para uma fase objetual configura o prazer e o desprazer como relações do Eu com o objeto. Institui-se uma “tendência motriz” (1915/2013, p.43) de trazer o objeto para perto, buscando incorporar ao Eu aquilo que é fonte de sensações prazerosas. “Falamos então da ‘atração’ exercida pelo objeto que proporciona prazer e dizemos que ‘amamos’ esse objeto” (p.43). Em contrapartida, se o objeto é fonte de desprazer, sentimos repulsa e o odiamos, com a intensificação desse ódio surge a agressão e a intenção de aniquilá-lo.

Garcia-Roza (1995/2008) pontua que uma característica essencial do par de opostos amor/ódio é que ambos os sentimentos estão comumente dirigidos para o mesmo objeto,

tornando o amor “campo privilegiado da ambivalência” (p.125). Essa afirmação fica nítida quando Freud associa essa ambivalência às fases da evolução libidinal em que amor e destruição do objeto coexistem, como nas fases sádico-oral e sádico-anal (Laplanche e Pontalis, 1967/2001).

Reconhecemos como a primeira dentre essas fases a de incorporar ou devorar, como uma forma de amor compatível com a suspensão da existência em separado do objeto, podendo, portanto, ser caracterizada como ambivalente. Na fase mais elevada da organização pré-genital sádico-anal, aparece o anseio pelo objeto na forma do ímpeto pela dominação, ao qual é indiferente o dano ou a aniquilação do objeto. Essa forma e essa fase preliminares do amor quase não se diferenciam do ódio em sua conduta diante do objeto (Freud, 1915/2013, p. 44).

Um aspecto que deve ser ressaltado nessa discussão da ambivalência é que, na reversão atividade/passividade, jamais ocorrerá um esgotamento de um dos opostos, ambos estarão presentes, em diferentes proporções, durante toda vida do indivíduo. Considerando essa lógica da alternância dos opostos, é possível compreender melhor o fenômeno da “ambivalência”. Sendo assim, na prática, podemos afirmar que tanto amor quanto o ódio aparecem mesclados na relação com o objeto, da mesma forma “tanto o sádico frui masoquistamente da dor infligida ao outro por identificação a esse outro, como o masoquista frui do prazer que o outro sente ao exercer a violência” (Garcia-Roza, 2008, p.124). A fase preliminar de uma pulsão, a autoerótica, subsiste com a forma posterior, a ativa/passiva. Essa afirmativa fica evidente se tomarmos como base a meta pulsional – a satisfação – em vez das ações da pulsão.

Pode-se decompor a vida de cada pulsão em uma série de ondas, cronologicamente separadas, homogêneas no interior de uma unidade de tempo qualquer, que se comportam entre si como erupções sucessivas de lava. Pode-se então imaginar que a primeira e mais primordial erupção da pulsão prossiga inalterada e não sofra nenhuma evolução. A onda seguinte estaria sujeita desde o início a uma alteração, a conversão para a passividade, por exemplo, e com esse novo caráter viria se juntar à anterior, e assim por diante. Abrangendo com a vista o movimento pulsional, do início até um determinado ponto, a sucessão de ondas que descrevemos daria a imagem de uma clara evolução da pulsão (Freud, 1915/2010, p.50-51).

A proposta freudiana de uma reversão de atividade em passividade, ou mais especificamente, de um destino pulsional de retorno à própria pessoa, nos parece relacionado ao objeto geral da presente pesquisa – e ao sentimento de Si [*Selbstgefühl*]. Algumas observações teóricas também foram introduzidas por Freud (1914/2010) nesse momento da obra, afirmando que o sentimento de Si [*Selbstgefühl*]: (a) é expressão da grandeza do Eu; (b) tem dependência íntima com a libido narcísica, (c) se relacionando com o elemento narcísico da vida amorosa; (d) é, em parte, resto do narcisismo infantil; (e) em parte, onipotência confirmada pela experiência (cumprimento do ideal do eu); (f) e em parte satisfação da libido objetual. Em adendo, o autor faz uma descrição de alguns fatores que podem tornar esse

sentimento de Si [*Selbstgefühl*] “aumentado”: na parafrenia; ao ser amado; e ao possuir o objeto de amor. Ou “rebaixado”: nas neuroses de transferência; ao não ser amado; e na percepção de uma incapacidade de amar.

Analisando a dinâmica pulsional presente nos fatores de “aumento” e “rebaixamento” do sentimento de Si [*Selbstgefühl*], abordaremos inicialmente as parafrenias e neuroses de transferência. Buscaremos articular a teoria apresentada até o momento, com o uso do prefixo *Selbst* como indicativo do movimento pulsional de retorno ao Eu. Segundo Freud (1914/2010) tanto nas parafrenias quanto nas neuroses de transferência é possível observar um abandono da relação com o mundo externo. A distinção entre elas se dá, portanto, no destino dessa libido retirada dos objetos. Nas neuroses há uma substituição de objetos reais por objetos na fantasia. Nas parafrenias ocorre um recolhimento da libido que estava dirigida ao mundo externo, seguida de um redirecionamento dessa libido para o Eu – narcisismo secundário. Nessa elaboração teórica o Eu é investido pela energia sexual (libido) e, com isso, os sintomas psicóticos são dotados de uma dinâmica de reversão da libido, que sai do mundo externo – dos objetos – e se destina ao Eu. É possível inferir, portanto, que ao delimitar que o sentimento de Si [*Selbstgefühl*] é aumentado nas parafrenias, Freud (1914/2010) está se referindo a um movimento pulsional de retorno ao Eu.

Tratando, agora, do ser ou não amado, e de possuir o objeto amado ou ser incapaz de amar, Freud (1914/2010) afirma que os investimentos libidinais de objetos não aumentam o sentimento de Si [*Selbstgefühl*], ou seja, quem ama perde, em alguma medida, parte do seu narcisismo e somente sendo amado pode recuperá-lo. Essa afirmativa coincide com a teorização do narcisismo secundário, uma vez que investir amorosamente em objetos libidinais externos, exige uma retirada desse investimento do Eu – conforme o princípio econômico da psique. O autor ressalta, ainda, que nas relações do sentimento de Si [*Selbstgefühl*] com o investimento libidinal de objeto, é necessário distinguir se o investimento está em sintonia com o Eu, ou se apresenta repressão. Um investimento libidinal que sofre repressão, “é sentido como grave diminuição do Eu, a satisfação amorosa é impossível, o reenriquecimento do Eu torna-se possível apenas retirando a libido dos objetos” (Freud, 1914/2010, p.47). Essa repressão citada tem íntima relação com a consciência moral, será ela que investigaremos em nosso próximo capítulo para, em seguida, dar continuidade na análise dos aspectos que compõem o sentimento de Si [*Selbstgefühl*].

### 3.3 A instância moral integrante do Eu

No artigo *Luto e Melancolia*, Freud (1917/2010) utiliza da melancolia para expor algumas questões referentes ao Eu e sua instância moral. Para isso, o autor propõe uma distinção entre o luto e a melancolia, que possuem uma associação por assemelharem-se no quadro geral. “Via de regra, luto é a reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal etc. Sob as mesmas influências observamos, em algumas pessoas, melancolia em vez de luto” (p.171-172). Ao observar pormenorizadamente a melancolia em termos psíquicos, é possível caracterizá-la “por um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição do sentimento de Si [*Selbstgefühl*]” (p.172). O luto exhibe os mesmos traços, com exceção da diminuição do sentimento de Si [*Selbstgefühl*], que nele não é afetado.

Outra comparação corriqueira, segundo Freud (1917/2010), é a qualificação de ambos os estados como “dolorosos” (p.173). Para dar seguimento, iremos caracterizar a dor do ponto de vista econômico da psique. Durante o luto, o exame da realidade demonstra que o objeto amado não existe mais, com isso há uma exigência de que a libido investida nesse objeto seja, agora, retirada. Manifesta-se, então, uma intensa oposição – entre o princípio do prazer e o exame da realidade –, advinda da dificuldade do ser humano em abandonar uma posição libidinal antes experimentada<sup>9</sup>. Há casos em que essa oposição se torna tão intensa que um afastamento da realidade é produzido, mantendo o apego ao objeto mediante uma psicose de desejo alucinatória. Geralmente o respeito à realidade prevalece e é cumprido gradualmente, às custas de grandes montantes de tempo e energia de investimento. Durante esse processo o objeto perdido se mantém na psique. “Cada uma das lembranças e expectativas em que a libido se achava ligada ao objeto é enfocada e superinvestida, e em cada uma sucede o desligamento da libido” (Freud, 1917/2010, p.174). Nesse período o Eu mantém-se absorvido pelo trabalho do luto, desinteressando-se do mundo externo. Somente ao final desse processo o Eu encontra-se, novamente, “livre e desimpedido” (p.174). Compreendendo a lógica econômica do luto, levantam-se duas questões: no que o Luto se distingue da Melancolia? E qual a contribuição disso para nosso entendimento da instância moral integrante do Eu?

Na melancolia observa-se que pode haver, também, a perda de um objeto amado, mas é perceptível que “a perda é de natureza mais ideal” (Freud, 1917/2010, p.174). Diferente do

---

<sup>9</sup> Noção, essa, que fora explorada no primeiro capítulo da dissertação, com o princípio do prazer/realidade e complexo de Édipo.

luto, em que se sabe – conscientemente – qual é o objeto perdido, na melancolia o indivíduo não sabe distinguir exatamente o que perdeu, é “uma perda de objeto subtraída à consciência” (p.175). Até mesmo em casos em que a perda que resultou na melancolia é conhecida, sabe-se “*quem*, mas não *o que* perdeu nesse alguém” (p.175). Essa perda desconhecida exige um trabalho psíquico muito semelhante ao decorrente do luto, mas com um fator enigmático incluído:

A inibição melancólica nos parece algo enigmático, pois não conseguimos ver o que tanto absorve o doente. O melancólico ainda nos apresenta uma coisa que falta no luto: um extraordinário rebaixamento da autoestima [*ichgefühl*], um enorme empobrecimento do Eu. No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio Eu. O doente nos descreve seu Eu como indigno, incapaz e desprezível; recrimina e insulta a si mesmo, espera rejeição e castigo (Freud, 1917/2017, p.175-176, grifo nosso).

O autor caracteriza esse quadro melancólico como um “delírio de pequenez – predominantemente moral” (Freud, 1917/2017, p.176, grifo nosso), somado a isso é percebido um despudor em expor seus defeitos a outros, esboçando “uma insistente comunicabilidade que acha satisfação no desnudamento de si próprio” (p. 177). O enfoque, aqui, não é se o melancólico está certo ou errado a respeito de si, mas o nítido indício da sua situação psicológica: a perda do autorrespeito [*Selbstachtung*]<sup>10</sup>. Suas manifestações apontam para uma perda no próprio Eu, que se torna pobre e vazio. A partir dessas observações, Freud (1917/2017, p.178-179, grifo nosso) expõe algumas constatações atinentes a constituição do Eu humano:

Vemos como uma parte do Eu se contrapõe à outra, faz dela uma avaliação crítica, toma-a por objeto, digamos. Nossa suspeita de que a instância crítica aí dissociada do Eu poderia, em outras condições, demonstrar também sua autonomia, será confirmada em toda observação posterior. Realmente encontraremos motivo para separar essa instância do resto do Eu. Aqui travamos conhecimento com a instância habitualmente chamada de consciência moral; nós a incluiremos entre as grandes instituições do Eu, ao lado da censura da consciência e do exame da realidade, e encontraremos provas de que é capaz de adoecer por si própria.

Freud (1917/2017) descreve, portanto, uma instância denominada de *consciência moral*, que faz parte do Eu, assim como a censura da consciência e o exame da realidade. Essa consciência moral tem a função de fazer uma avaliação crítica, contrapondo-se à outra parte do Eu e fazendo-a de objeto. Sendo, esta, uma instância moral, pressupõe-se que existem certas condições necessárias para determinar aquilo que passará, ou não, pela censura. Freud

---

<sup>10</sup> A tradução literal do termo *Selbstachtung* é equivalente a palavra “autorrespeito”, na tradução referenciada por nós, Paulo César de Souza utiliza o termo “amor-próprio”. Paulo César pontua, entretanto, que a maior parte das traduções do texto freudiano mantém o termo “autorrespeito”, como a de James Strachey por exemplo, onde encontra-se “*selfregard*” (autorrespeito). Optamos, portanto, em manter a tradução mais próxima ao termo original empregado por Freud (Freud, 1917/2017, p.178)

(1914/2010) no texto *Introdução ao Narcisismo*, esboça algumas elaborações feitas a partir da observação de que só ocorre uma repressão patogênica das pulsões libidinais, quando estas entram em conflito com ideais morais e culturais de um indivíduo.

A proposta freudiana se destaca ao declarar que o indivíduo não tem um conhecimento intelectual referente a esses ideais morais e culturais, mas sim uma submissão às exigências deles. A repressão, segundo Freud (1914/2010), é decorrente do autorrespeito [*Selbstachtung*] do Eu e, partindo desse pressuposto, entende-se que a condição para uma repressão é a formação do ideal. Ou seja, um mesmo impulso e/ou desejo que é recalcado por uma pessoa sem nem se tornar consciente, pode ser permitido e/ou elaborado conscientemente por outra. A diferença entre essas duas pessoas, respectivamente, é que uma delas erigiu um ideal pelo qual seu Eu atual será medido, e a outra não. Conforme exposto anteriormente, na melancolia, esse autorrespeito [*Selbstachtung*] é perdido e, com isso, o Eu adquire um despudor em expor um desprezo por si<sup>11</sup>.

Para o autor, o ideal do Eu tem sua formação a partir “da influência crítica dos pais intermediada pela voz, aos quais se juntaram no curso do tempo os educadores, instrutores e, como uma hoste inumerável e indefinível, todas as demais pessoas do meio (o próximo, a opinião pública)” (Freud, 1914/2010, p.29). Ademais, Freud faz uma distinção entre os conceitos de *Eu ideal* e *Ideal do Eu*:

A esse ideal do Eu dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição. Aqui, como sempre no âmbito da libido, o indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu. O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal (Freud, 1914/2010, p.27-28).

O conceito de *Eu ideal* é introduzido, portanto, como representante da perfeição narcísica inicial, que o Eu real desfrutou na infância, mas que fora perdida. Retomando a noção freudiana de uma incapacidade dos seres humanos em renunciar à uma satisfação já desfrutada, o autor propõe que, após essa perda, o narcisismo é deslocado para esse “novo Eu ideal”, denominado, agora, como *ideal do Eu*, um ideal que o indivíduo projeta para si como substituto da perfeição narcísica perdida na infância.

---

<sup>11</sup> Visando ater-se ao objetivo desse subcapítulo, nos manteremos nas investigações da instância moral integrante do Eu. Mais à frente, ao abordarmos a identificação, iremos complementar e desenvolver a proposta freudiana do que leva o sujeito a esse despudor, demarcando o aspecto melancólico do ataque a si mesmo visando atingir o objeto ao qual encontra-se identificado.

Alguns tradutores interpretam, e optam por traduzir, os dois termos como sendo o mesmo, considerando que a troca de palavras foi apenas um equívoco de Freud. Garcia-Roza (1995/2008) defende que, apesar de não ficar totalmente explícito na obra freudiana se são conceitos diferentes, ou uma troca de palavras involuntária, não parece haver confusão alguma por parte de Freud. “Se alguma confusão houve com relação a esse parágrafo, foi cometida pelos tradutores e pelos comentadores do texto freudiano” (Garcia-Roza, 1995/2008, p.51). Quanto a isso, Garcia-Roza ressalta, por exemplo, a Edição Standard Brasileira que considerou a inversão de palavras como um descuido do autor e, com isso, optou por substituir “ideal do Eu” (*ich ideal*) por “Eu ideal” (*ideal ich*) na tradução da obra. Estabelecer que os termos são sinônimos é, para Garcia-Roza, desconsiderar uma das distinções mais importantes do texto de Freud sobre o narcisismo.

Pensando em outro fator importante, retomamos duas citações já apresentadas aqui. A primeira, onde o autor afirma que o narcisismo secundário é “edificado sobre o narcisismo primário que foi obscurecido por influências várias” (Freud, 1914/2010, p. 11, grifo nosso). E a segunda, onde afirma que “Ele [o indivíduo] não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu” (Freud, 1914/2010, p.27, grifo nosso). Em ambas, Freud irá fazer referência a ‘algo’ que leva à perfeição narcísica da infância a ser afastada ou obscurecida. Como uma possível elaboração sobre esse ‘algo’, identificamos que mais à frente, nesse mesmo texto, o autor complementa que o distanciamento do narcisismo primário ocorre por meio do deslocamento da libido para um ideal do Eu que fora imposto de fora. Em paralelo a isso, o Eu também enviou investimentos libidinais aos objetos. Por meio de ambos os investimentos o Eu se empobrece e, com isso, passa a precisar de satisfações tanto ligadas aos objetos quanto ao cumprimento desse ideal, pois assim pode se enriquecer novamente. Freud não irá deixar explícito, nesse momento, o porquê desse distanciamento do narcisismo primário se tornar necessário na constituição do indivíduo, mas podemos supor que tenha relação com as asserções referentes ao complexo de Édipo e a castração.

Dando seguimento, Freud (1914/2010) irá alertar para que não se equipare a formação do ideal do Eu a uma sublimação da pulsão:

Haver trocado seu narcisismo pela veneração de um elevado ideal do Eu não implica ter alcançado a sublimação de seus instintos libidinais. É certo que o ideal do Eu requer tal sublimação, mas não pode forçá-la; a sublimação continua sendo um processo particular, cuja iniciação pode ser instigada pelo ideal, mas cuja execução permanece independente da instigação (Freud, 1914/2010, p.28)

Para exemplificar, o autor utilizará o caso dos neuróticos, pois neles é possível observar uma grande disparidade entre o desenvolvimento do ideal do Eu e o grau de sublimação das pulsões libidinais, o que resulta na neurose. Ou seja, “a formação de ideal aumenta as exigências do Eu e é o que mais favorece a repressão; a sublimação representa a saída para cumprir a exigência sem ocasionar a repressão” (Freud, 1914/2010, p.28). Por fim, o autor irá pontuar que não seria estranho se, eventualmente, fosse encontrada uma instância responsável por observar e medir constantemente o Eu, com o intuito de certificar-se da satisfação narcísica por meio do comprimento do ideal do Eu<sup>12</sup>.

Agora, após a apresentação das articulações teóricas referentes a instancia moral integrante do Eu, surgem mais algumas reflexões – e novas questões – referentes ao sentimento de Si [*Selbstgefühl*]. Retomamos, portanto, a questão de ser ou não amado, e possuir ou não o objeto de amor, como formas de aumentar ou reduzir o sentimento de Si [*Selbstgefühl*], respectivamente. Freud (1914/2010) afirma que os investimentos libidinais de objetos não aumentam o sentimento de Si [*Selbstgefühl*], e que é necessário distinguir se o investimento está em sintonia com o Eu, ou se apresenta repressão, pois a repressão gera grave diminuição do Eu. Conforme articulado neste subcapítulo, a repressão é decorrente do autorrespeito [*Selbstachtung*] do Eu e, partindo desse pressuposto, entende-se que a condição para uma repressão é a formação do ideal. Sendo assim, compreendemos que uma diminuição no sentimento de Si [*Selbstgefühl*] pode ser decorrente de um investimento libidinal que não corresponde - ou contrapõe - um determinado ideal estabelecido pelo sujeito (Freud, 1914/2010).

Em contrapartida, um investimento libidinal que se encontra em sintonia com o Eu – e com o ideal –, será como qualquer outra atividade do Eu, seguirá o fluxo apresentado anteriormente, onde amar gera um rebaixamento do sentimento de Si [*Selbstgefühl*] – retirada de libido do Eu para investir no objeto –, mas, ao ser amado em troca esse sentimento de Si [*Selbstgefühl*] é elevado novamente. Sendo assim, um “amor feliz”, como o autor se refere nesse momento, seria correspondente ao estado original da energia psíquica, onde libido do Eu e do objeto são indistinguíveis (Freud, 1914/2010). A dinâmica pulsional no “amor feliz”, citado por Freud, remete as asserções do autor referentes a conversão de ativo em passivo, em que a correspondente no amor seria a oposição amar/ser amado. Nessa teorização, o autor cita que o processo de identificação faz com que ser amado se aproxime de amar a si mesmo, ou seja, o

---

<sup>12</sup> Aqui é possível identificar Freud iniciando elaborações teóricas imprescindíveis para o conceito de Supereu, que surge explicitamente no texto O Eu e o Isso (1923).

investimento de amor no objeto externo se equipara a um investimento no próprio Eu. Para articular melhor essas proposições, precisaremos investigar de forma mais atenta o conceito de *identificação*. Sendo assim, nosso próximo subcapítulo irá propor uma investigação mais aprofundada do Eu e das identificações.

### 3.4 O Eu e as identificações

Roudinesco e Plon (1998, p.363) definem, em seu dicionário de psicanálise, a identificação como “o processo central pelo qual o sujeito se constitui e se transforma, assimilando ou se apropriando, em momentos-chave de sua evolução, dos aspectos, atributos ou traços dos seres humanos que o cercam”. Kaufmann (1993/1996), pontua que “um primeiro aspecto do mecanismo da identificação foi antecipado desde 1895 nos *Estudos sobre a histeria*, com o caso Elisabeth von R.” (p.256). Nesse texto Freud já faz referência a possibilidade de um indivíduo “tomar lugar” (p.256) de outro. Vale ressaltar, entretanto, que mesmo com essa essencialidade do conceito de identificação na teoria freudiana, ele nunca recebeu uma definição sistemática. Utilizaremos, portanto, os textos *Luto e Melancolia*, *Psicologia das Massas e Análise do Eu* e *Totem e Tabu* para dar início nessa discussão. A melancolia será utilizada apenas como uma forma de compreender mecanismos presentes na formação do Eu de forma geral que, nessa afecção, aparecem de forma mais exacerbada e, com isso, tornam-se mais fáceis de serem observados.

Freud (1917/2016), ao investigar a melancolia e sua distinção em relação ao luto, identifica um processo que fica evidente na melancolia, mas é fundamental para a formação do Eu de forma geral: a substituição de um investimento objetal por uma identificação. O autor chega nessa asserção ao observar que os indivíduos melancólicos expõem seus defeitos sem pudor e parecem achar uma satisfação nessas exposições, somado a isso “estão longe de mostrar, para com aqueles a seu redor, a humildade e a sujeição que convêm a pessoas tão indignas; pelo contrário, são extremamente importunos, agindo [...] como se lhes tivesse sido feita uma grande injustiça (Freud, 1917/2016, p.133). O autor teoriza a existência prévia de uma ligação da libido com um objeto amado, mas que por influência de uma real decepção vinda deste, sofre um abalo. O investimento objetal era pouco resistente e ao ser cancelado a libido livre não se desloca para outro objeto como seria esperado, ela é redirecionada para o Eu e estabelece uma identificação com o objeto que fora abandonado. “Desse modo a perda do objeto se transformou numa perda do Eu, e o conflito entre o Eu e a pessoa amada, numa cisão entre a crítica do Eu e o Eu modificado pela identificação” (Freud, 1917/2016, p. 133-134).

O investimento amoroso é substituído por uma identificação e, ao atacar a si mesmo, o melancólico ataca o objeto agora identificado ao seu Eu. Freud (1917/2016) reforça que a identificação é um mecanismo presente na formação do Eu de todo indivíduo, e destaca que a identificação é “o estágio preliminar da escolha de objeto, e o primeiro modo, ambivalente em sua expressão, como o Eu destaca um objeto” (p. 134). Essa ambivalência também pode ser observada de uma forma acentuada na melancolia, uma vez que o investimento amoroso do melancólico no objeto sofreu mais de um destino: “parte dele regrediu à identificação, mas outra parte, sob a influência do conflito da ambivalência, foi remetida de volta ao estágio do sadismo, mais próximo desse conflito (p.136)”. A partir dessa dinâmica pulsional, é possível compreender o prazer obtido pelo melancólico em se autodepreciar e a ambivalência apontada por Freud na identificação.

No artigo *Psicologia das massas e análise do eu* (1921) Freud (1921/2011) retoma que “desde o início a identificação é ambivalente, pode tornar-se tanto expressão de ternura como desejo de eliminação” (p.47). A identificação é, para a psicanálise, a forma mais primitiva de ligação afetiva com outra pessoa e está presente já na fase “pré-histórica do complexo de Édipo” (p.46). Quando a criança demonstra um interesse especial em um dos genitores e, assim, passa a desejar ser como ele – tomar seu lugar –, já é possível afirmar que a criança erigiu esse outro como um ideal. Simultaneamente a essa identificação, e tomada de ideal, existirá um investimento libidinal dessa criança em outro genitor. Vamos supor, portanto, que essa criança tome a mãe como um investimento objetual direto e tome o pai como modelo de identificação, conforme ocorre a unificação da vida psíquica, essa criança percebe o pai como um obstáculo entre ela e a mãe, com isso surge um impulso hostil que se emaranha ao desejo de substituir esse pai. Esse desejo de substituição será direcionado, agora, para a tomada do lugar do pai na relação com o objeto de investimento amoroso direto – a mãe. Aqui, desenha-se a ambivalência da identificação, a expressão de uma ternura junto de um desejo de eliminação. Para Freud (1921/2011) essa dinâmica é derivada da fase oral da organização da libido, momento no qual o bebê comeu o objeto e, portanto, aniquilou esse objeto incorporando-o. Podemos citar, ainda, um outro exemplo utilizado por Freud (1921/2011, p.51):

A identificação com o objeto renunciado ou perdido, como substituição para o mesmo, a introjeção desse objeto no Eu, isto já não constitui de fato uma novidade para nós. Um processo desses pode ser observado ocasionalmente nas crianças pequenas. Há pouco foi publicada na Revista Internacional de Psicanálise uma observação assim, em que uma criança, infeliz com a perda de seu gato, declarou simplesmente que era o gato, e conseqüentemente passou a andar de quatro, não quis mais sentar-se à mesa para comer etc.

Usaremos como recurso, para aprimorar o entendimento do conceito de identificação - e incorporação - na obra freudiana, o mito da horda primeva e do assassinato do pai, proposto no artigo *Totem e Tabu*. Segundo Roudinesco & Plon (1998), para construir esse mito, Freud se apoiou na obra literária evolucionista denominada *A descendência do homem*, de Charles Darwin. Garcia-Roza (1995/2008) ressalta que a proposta não é delimitar se essa horda existiu realmente, ou se o assassinato do pai foi realizado factualmente. A questão essencial que retiraremos deste artigo freudiano é “uma narrativa dos começos” (p.27), e a forma como é narrado denota que não há uma pretensão de investigação científica antropológica, mas sim a descrição de “um ato fundador. Não há um antes. O próprio pai, enquanto tal, não existe a não ser a partir do momento em que é morto” (p.27).

Nessa narrativa denominada por Kaufmann (1993/1996) de “mito científico” (p.255) Freud (1912-1913/2012) descreve a existência de uma horda primeva, na qual um pai violento e ciumento mantinha todas as fêmeas do grupo para si próprio e, na medida em que os filhos machos cresciam, os expulsava. Em um determinado dia, esse grupo de filhos expulsos se juntam e executam um plano que jamais teriam arriscado sozinhos: abater e devorar esse pai. “O violento pai primevo era o modelo temido e invejado de cada um dos irmãos. No ato de devorá-lo eles realizavam a identificação com ele, e cada um apropriou-se de parte de sua força” (Freud, 1912-1913/2012, p. 141). Nesse trecho podemos compreender que a proposta freudiana é de uma associação entre a identificação e ambivalência. “Eles odiavam o pai, que constituía forte obstáculo à sua necessidade de poder e suas reivindicações sexuais, mas também o amavam e o admiravam” (p. 141). A ambivalência do par de opostos amor/ódio aparece nitidamente na narrativa e está intimamente vinculada a instauração de um ideal, conforme pontuado por Freud (1912-1913/2012, p.141-142) no trecho a seguir:

Depois que o eliminaram, satisfizeram seu ódio e concretizaram o desejo de identificação com ele, os impulsos afetuosos até então subjulgados tinham de impor-se. Isso ocorreu em forma de arrependimento, surgiu uma consciência de culpa, que aí equivale ao arrependimento sentido em comum. O morto tornou-se mais forte do que havia sido o vivo; tudo como ainda hoje vemos nos destinos humanos. Aquilo que antes ele impedira com sua existência eles proibiram então a si mesmos, [...]. Eles revogaram seu ato, declarando ser proibido o assassinio do substituto do pai, o totem, e renunciaram à consequência dele, privando-se das mulheres então liberadas. Assim criaram, a partir da consciência de culpa do filho, os dois tabus fundamentais do totemismo, que justamente por isso tinham de concordar com os dois desejos reprimidos do complexo de Édipo.

O pai morto e devorado representa, portanto, um objeto idealizado, atacado e incorporado pelo sujeito. Nessa dinâmica percebemos que os sentimentos ambivalentes presentes na identificação estão vinculados à formação de um ideal e as modificações que serão

exercidas no Eu por meio da identificação. Conforme descrito anteriormente, a história da horda remonta a vivência edípica infantil, em que uma criança se identifica com um genitor, elege-o como ideal, mas ao mesmo tempo vê esse genitor como um obstáculo ao objeto amoroso. Apesar desse desejo de substituir o genitor, a busca pela autoconservação vigora no complexo de castração e leva a criança à renúncia do objeto de amor parental. A ambivalência dessa configuração amorosa se apresenta na forma de desejo de destruir esse genitor obstáculo, ao mesmo tempo que, por meio da identificação, torna esse genitor como um ideal a ser incorporado.

Retomando, agora, o objetivo deste subcapítulo: *investigar como o conceito de identificação modifica o entendimento freudiano do Eu e do ideal do Eu*. Conforme debatido nos parágrafos acima, com o conceito de identificação compreendemos o mecanismo pelo qual o indivíduo se relaciona na ambivalência amor/ódio e toma o outro como ideal. Freud (1921/2011, p.48) afirma que nesse processo o objeto se torna aquilo “que se gostaria de ser”. Em adendo, a partir destas asserções é viável o entendimento de um Eu que é formado e constantemente modificado por consequência das identificações – e introjeções – com os objetos de amor.

Ademais, quanto a questão do “amor feliz” e do prefixo *Selbst*, algumas asserções referentes a identificação e ambivalência, que foram apresentadas nesse subcapítulo, nos ajudam a compreender melhor essa dinâmica pulsional. Ao discorrer sobre os destinos da pulsão, especificamente sobre o “voltar-se contra a própria pessoa”, Freud (1915/2013) descreve que na conversão de ativo em passivo, a correspondente no amor seria a oposição amar/ser amado. Nessa dualidade, o autor delimita a existência de um estágio preliminar no desenvolvimento pulsional do sujeito, o narcisismo – em que as pulsões se satisfazem de modo autoerótico. Seguindo essa lógica, o autor afirma que, por meio da identificação, ser amado se aproxima de amar a si mesmo. A fase preliminar de uma pulsão, a autoerótica, subsiste com a forma posterior, a ativa-passiva. Isso fica evidente se tomarmos como base a meta pulsional – a satisfação – em vez das ações da pulsão. A partir destas asserções, entra em evidência que quando o indivíduo ama um objeto ao qual se encontra identificado e, simultaneamente, esse objeto está em consonância com o ideal elegido por esse indivíduo – composição denominada por Freud como “amor feliz” –, investir nesse objeto é análogo a investir no próprio Eu. Sendo assim, podemos considerar que a afirmativa de Freud de que o sentimento de Si [*Selbstgefühl*] é aumentado tanto ao ser amado como ao investir no objeto em um “amor feliz” confere com a hipótese de um movimento pulsional de retorno ao Eu vinculado ao prefixo *Selbst*.

O entendimento da identificação na dinâmica pulsional presente na melancolia também dá sustentação para algumas articulações referentes a dinâmica pulsional. A melancolia é caracterizada por uma diminuição do sentimento e Si [*Selbstgefühl*]. Inicialmente, se considerarmos que o prefixo *Selbst* está relacionado a um movimento de retorno de investimento ao Eu, a melancolia faz surgir algumas indagações. Se existe uma diminuição de investimento amoroso no Eu – do sentimento de Si [*Selbstgefühl*] –, temos, portanto, uma retirada de investimento do Eu e não um direcionamento libidinal, conforme tendemos supor. Aqui, entendemos a necessidade de ampliar nosso escopo de termos investigados, uma vez que apenas o investimento de amor, representado pelo termo *Selbstgefühl*, não contempla a ambivalência que identificamos como pressuposto nos investimentos libidinais. Adicionamos em nossa articulação todos os termos, também compostos pelo prefixo *Selbst*, que se enlaçam à proposta freudiana de rebaixamento do sentimento de Si [*Selbstgefühl*] na melancolia, sendo eles: autorrecriminação/automartírio [*Selbstvorwürf*]; autoinsulto [*Selbstbeschimpfungen*]; tendências e intenções suicidas [*Selbstmordneigung* e *Selbstmordabsichten*]; suicídio [*Selbstmordes*]; autodestruição [*Selbsterstörung*].

Ao introduzir, agora, a teorização da ambivalência amor/ódio e, também, adicionando outras constatações do autor quanto a melancolia – como um aumento das autorrecriminações [*Selbstvorwürf*], autoinsultos [*Selbstbeschimpfungen*] e um aumento das tendências e intenções suicidas [*selbstmordneigung* e *selbstmordabsichten*] –, chegamos a outra perspectiva do movimento pulsional presente nessa afecção. Com o mapeamento desses outros termos, podemos asseverar que apesar de existir uma diminuição de investimento amoroso no Eu, concomitantemente existe um grande investimento de ódio nesse Eu. Com isso, a melancolia é caracterizada, também, com um movimento pulsional de retorno ao Eu – nesse caso, de ódio – e corrobora com as hipóteses referentes ao prefixo *Selbst*.

### 3.5 Considerações finais

O presente capítulo trouxe importantes considerações acerca do Eu para nossa pesquisa. Retomaremos, portanto, todas as asserções apresentadas, visando construir um enlaçamento com a proposta dessa dissertação. No início de seus estudos, Freud delimitava: (1) o Eu como a instância sede da consciência; e (2) o funcionamento do aparelho psíquico pautado nas pulsões de autoconservação e pulsões sexuais, que se organizam por meio dos princípios do prazer e da realidade. Conforme apresentado, essa concepção precisou ser reelaborada pelo

autor. Ao se deparar com os estudos referentes a esquizofrenia e identificar uma necessidade de incluir na sua teoria da libido alguns fenômenos presentes nessa patologia, como a paranoia e a megalomania, Freud propõe a possibilidade de um investimento libidinal no próprio Eu. Com isso, retira o caráter de perversão vinculada ao narcisismo, delimitando-o, agora, como uma condição da formação do Eu.

Ao introduzir o conceito de narcisismo, Freud demarca o Eu como passível de investimento libidinal, ou seja, o Eu como objeto de amor. A partir do texto *As Pulsões e Seus Destinos*, a proposta freudiana de um destino pulsional de retorno ao Eu, somada a concepção da bissexualidade psíquica e ambivalência presente nos pares de opostos, é de que esse Eu que é tomado como objeto de amor pode, também, ser tomado como objeto de ódio. A compreensão de um Eu que pode ser investido libidinalmente leva o autor a outras elaborações essenciais no entendimento dessa instância. Com os estudos da melancolia, Freud observa o que ele chamou, inicialmente, de consciência moral. Essa consciência é definida como uma parte dissociada desse Eu, que se contrapõe à outra, toma ela por objeto e, com isso, faz dela uma avaliação crítica. Nessa dinâmica o Eu é medido conforme os ideais erigidos pelo sujeito, que projeta esse ideal do Eu para si – como substituto da perfeição narcísica perdida na infância – e busca uma satisfação narcísica pelo comprimento dele.

Em meio a essas investigações referentes a melancolia, Freud apresenta um outro conceito fundamental para a concepção de Eu: a identificação. O autor observou a substituição de investimentos objetivos por identificação, que pode ser definida como um processo essencial na formação do Eu, no qual o sujeito assimila e se apropria, em momentos-chave, de aspectos de outros seres humanos. Algo importante a ser levado em consideração, é a ambivalência e o ideal presentes nesse processo. Para exemplificar essa questão, podemos pensar em uma criança que demonstra um interesse especial por um dos genitores e passa a querer ser como ele – tomar seu lugar. Aqui, a criança erigiu esse genitor como um ideal e, paralelamente, identificou-se a ele. Essa mesma criança investe libidinalmente no outro genitor e, com isso, o genitor ao qual está identificada passa a ser um obstáculo entre ela e o objeto libidinal. Aqui podemos observar a ambivalência, pois esse mesmo outro que é um ideal, é também um obstáculo. A expressão de ternura coexiste a um desejo de eliminação. Sendo assim, compreendemos que o Eu é constantemente modificado por esses processos de introjeção presentes na identificação com os objetos de amor – e de ódio.

Conforme as elaborações apresentadas, podemos constatar algumas importantes mudanças na conceituação do Eu na obra freudiana, sendo elas: (1) com a proposta de um destino pulsional de retorno ao Eu, ele passa a ser entendido, também, como objeto passível de

investimento libidinal; (2) ao considerarmos a ambivalência presente nos pares de opostos, o Eu que é investido e tomado como objeto de amor, pode, também, ser investido e tomado como objeto de ódio; (3) a partir da observação de uma consciência moral, delimita-se uma parte dissociada do Eu, que se contrapõe a outra, a toma por objeto e, com isso, faz dela uma avaliação crítica conforme os ideais erigidos pelo sujeito; (4) ao constatar a existência do processo de identificação – e sua relação com a ambivalência e os ideais – Freud delimita este como um processo fundamental na constituição do Eu, que passa pela assimilação e apropriação de aspectos presentes em seus objetos de amor-ódio.

Essas modificações na conceituação da instância do Eu começam a nos ajudar com a compreensão do sentimento de Si [*Selbstgefühl*] como movimento pulsional de retorno ao Eu. Em paralelo, também concordam com as propostas de Marilene Carone referentes a um movimento pulsional que pode ser identificado por meio do prefixo *Selbst*, movimento este onde o sujeito é aquele que produz e recebe a ação concomitantemente. Foi possível, neste capítulo, identificar que o investimento amoroso no Eu é, também, inevitavelmente, um investimento de ódio – articulado, nessa pesquisa, por meio do narcisismo e da melancolia. Conforme já pontuado, toda relação objetual é ambivalente e, portanto, esses investimentos de amor/ódio estarão presentes universalmente nas relações libidinais – tanto com objetos externos, quanto com o próprio Eu.

Dando seguimento em nossas investigações, iremos partir do texto *O eu e o Isso* para trazer a perspectiva da segunda tópica freudiana, “caracterizada por um novo dualismo pulsional, que opõe as pulsões de vida às pulsões de morte” (Roudinesco & Plon, 1998, p.211). Buscaremos compreender a proposta do autor de uma parte do Eu que é inconsciente, sendo uma “parte do isso que foi modificada sob a influência direta do mundo externo” (p.211). Por fim, buscaremos compreender como o movimento pulsional de retorno ao Eu se enlaça com as proposições desse novo dualismo pulsional e qual sua relação com o retorno pulsional ao ponto de partida. A partir daqui o prefixo *Selbst* – e não apenas a palavra “sentimento de Si” [*Selbstgefühl*] – será utilizado como norteador de nossas investigações.

#### 4. DO *SELBST* A PULSÃO: CIRCUITO, DUALIDADE E RETORNO

Dando continuidade em nossa pesquisa, adentramos na segunda tópica freudiana que, segundo Durski e Pinheiro (2010), é resultado de uma necessidade conceitual encontrada por Freud após identificar que o Eu também é objeto de investimento libidinal, conforme proposto no texto *Introdução ao Narcisismo* (Freud, 1914/2010). Assim, a dualidade pulsional proposta inicialmente (amor e necessidade) se mostra insuficiente para compreender o funcionamento psíquico e, com isso, um importante ponto de virada teórico acontece na metapsicologia freudiana. Em adendo, a proposta de uma parcela do Eu inconsciente se mostra essencial nessa reorganização das asserções do autor e, também, em nossas investigações referentes ao movimento pulsional de retorno ao Eu.

Para iniciarmos as investigações dessas proposições, precisamos localizar o que o autor delimitou como a distinção entre consciente (Cs), pré-consciente (Pcs) e inconsciente (Ics). “Estar consciente é, em primeiro lugar, uma expressão puramente descritiva, que invoca a percepção imediata e segura” (Freud, 1923/2011, p.16). Entretanto, é comum que um estado de consciência seja passageiro, uma ideia que é consciente agora, pode já não ser no momento seguinte. Podemos, portanto, afirmar que essa ideia ficou latente e pode se tornar consciente a qualquer momento, segundo o autor essa ideia pode ser caracterizada como pré-consciente, ou também inconsciente, mas apenas em um sentido descritivo de ‘inconsciente’, pois não estava sofrendo nenhum tipo de repressão. O pré-consciente estaria, então, muito mais próximo do consciente. Por fim, o inconsciente é associado ao reprimido dinamicamente, mas com uma ressalva, mesmo que todo reprimido seja inconsciente, o inconsciente não é composto apenas pelo reprimido.

Em adendo, Laplanche e Pontalis (1967/2001) afirmam que Freud utiliza o termo consciente por vezes no sentido descritivo conforme apresentado acima e, por vezes, do ponto de vista funcional, como parte de um sistema percepção-consciente, que é caracterizado por não ter inscrito traços duráveis de excitações. O pré-consciente, no quadro da segunda tópica, “é sobretudo utilizado como adjetivo, para qualificar o que escapa à consciência atual sem ser inconsciente no sentido estrito” (p.350). O pré-consciente se separa do Ics pela censura, uma vez que os conteúdos e processos inconscientes não podem passar para o Pcs sem sofrerem transformações. O inconsciente, no sentido descritivo é todo conteúdo que não está presente no campo da consciência, entretanto, o essencial para nossa pesquisa é o inconsciente no sentido tópico, dinâmico e econômico. O inconsciente “é constituído por conteúdos recalçados aos quais foi recusado o acesso ao sistema pré-consciente-consciente, por meio da repressão”

(p.235). Laplanche e Pontalis (1967/2001) resumem o Ics por meio das seguintes características: (a) seus conteúdos são representantes das pulsões; (b) esses conteúdos são organizados a partir dos mecanismos do processo primário (condensação, figuração e deslocamento); (c) os conteúdos ics estão constantemente investidos pela energia pulsional e procuram retornar à consciência; (d) são, majoritariamente, desejos infantis.

Alguns pesquisadores, contemporâneos a Freud, não admitiam a existência do inconsciente, defendendo que seria mais coerente considerar que a consciência – como fenômeno – apresentava uma gradação de intensidade. Ou seja, alguns processos conscientes seriam mais nítidos e outros seriam experimentados de forma débil. Freud (1923/2011) utiliza, então, uma analogia para exemplificar o porquê discorda dessa proposição de escalas de nitidez para a consciência:

‘Havendo tantas gradações de iluminação, da luz mais evidente e ofuscante ao mais fraco bruxuleio, não existe absolutamente escuridão’. Ou: ‘Há diversos graus de vitalidade, portanto não existe morte’. Estas afirmações podem, de certo modo, fazer sentido, mas são inadmissíveis na prática, como se constata ao fazermos certas inferências a partir delas; por exemplo: ‘Então não é preciso acender uma luz’, ou ‘Então todos os organismos são imortais’. [...]. Uma consciência da qual nada se sabe parece-me bem mais absurda do que algo psíquico inconsciente (Freud, 1923/2011, p.19).

Em adendo, o autor ressalta que seria um erro equiparar o inconsciente ao impercebido, uma vez que levaria a negligenciar as relações dinâmicas que são imprescindíveis para as asserções psicanalíticas, conforme pontuado nas características do Ics. Dando seguimento, Freud (1923/2011) apresenta uma importante constatação derivada de sua experiência clínica: parte do Eu também é inconsciente.

Inicialmente, Freud entendia o Eu como ligado a consciência e a percepção imediata, sendo responsável pelo acesso a motilidade e, também, tendo a função de controlar os processos parciais e promover a censura nos sonhos. O autor identificou, então, que desse Eu partem as repressões que excluem da consciência, e de outros modos de vigência e atividade, algumas tendências psíquicas. Observando seus analisandos, Freud percebe que “o que foi posto de lado pela repressão se contrapõe ao Eu” (Freud, 1923/2011, p.20), exigindo que a própria análise se depare com a tarefa de ultrapassar essa resistência. Ao se aproximarem do reprimido, as associações falham e o analisando apresenta dificuldades em continuar. Por mais que o indivíduo identifique essa sensação de desprazer e intua que uma resistência atua nele, não sabe nomeá-la ou descrevê-la. Considerando, portanto, que essa resistência pertence ao próprio Eu, Freud (1923/2011) constata que parte do Eu também é inconsciente, ou seja, “exerce poderosos efeitos sem tornar-se consciente, e requer um trabalho especial para se tornar consciente” (p.21).

Ao aprofundar essa questão das resistências na clínica, o autor evidencia que devemos, sobretudo, “nos livrar do equívoco de que, ao combater as resistências, lidamos com as resistências do ‘inconsciente’” (p.178). Ou seja, o reprimido – inconsciente – não promove nenhum tipo de resistência<sup>13</sup>, pelo contrário, o reprimido visa constantemente abrir um caminho para consciência, ou para uma descarga pela via da ação real. Existe, entretanto, uma pressão que age sobre esse reprimido, impedindo esse movimento. Essa pressão é exercida pela mesma camada psíquica superior que, inicialmente, efetuou a repressão: o Eu. Nesse momento, o autor evidencia que “não há dúvida de que muito do Eu é em si mesmo inconsciente, justamente o que se pode chamar de âmago do Eu; apenas uma pequena parte dele é coberta pelo termo ‘pré-consciente’” (p.178).

Partindo desse postulado, importantes desdobramentos teóricos surgem, um exemplo é o entendimento da neurose, que inicialmente era delimitada como um conflito entre consciente e inconsciente, mas a partir desse momento pode ser entendida como uma oposição entre a parcela do Eu consciente e o que foi reprimido e dele se separou. Outro impacto teórico importante é referente ao inconsciente, pois agora é reconhecido que todo reprimido é inconsciente, mas nem todo inconsciente é necessariamente reprimido (Freud, 1923/2011). Esses desdobramentos afetam, também, nossas investigações referentes ao movimento pulsional de retorno ao Eu, uma vez que enfatizam o caráter inconsciente dessa instância e introduzem a necessidade de englobar a segunda tópica freudiana – Eu, Supereu e Isso –, assim como a segunda teoria pulsional – Pulsão de Vida e Pulsão de morte – em nossas elaborações teóricas.

Até aqui, investigamos as possibilidades de utilizar o prefixo *Selbst* – entendido como um indicativo de movimento pulsional de retorno ao Eu – para compreender a pulsão como resultante do encontro entre impulso e objeto, que tem um desdobramento em satisfação e retorna ao ponto de início. A necessidade de uma relação com o outro (objeto), e um retorno ao Eu, se torna inegável na constituição pulsional do sujeito. Essa proposta em que o indivíduo toma, simultaneamente, o papel de iniciador/controlador e afetado da situação, indica que o sujeito participa ativamente na constituição do próprio circuito pulsional, que não existe a priori. O circuito pulsional que, inicialmente, parte de uma necessidade biológica – a fome –

---

<sup>13</sup> Ressaltamos que no texto *Inibição, Sintomas e Angústia* (1926), Freud indica a existência de uma resistência do Inconsciente. Não desenvolveremos essa questão em nossa pesquisa, visando manter nosso recorte investigativo. Daremos enfoque, portanto, apenas na existência de uma parcela ICS no Eu.

para o encontro da satisfação por meio do leite, “se perde nessa deriva, nessa cadeia infindável de objetos parciais que satisfazem a pulsão” (Pinheiro, 2019, p.115). O registro pulsional é composto dessa infinidade de encontros com objetos parciais, produzindo satisfações que se emaranham nas necessidades de autopreservação, e retornam ao ponto de partida. Vale ressaltar que, conforme exposto em nosso segundo capítulo, com a ambivalência, as satisfações parciais que retornam ao Eu não são exclusivamente investimentos de amor, podendo ser, também, investimentos de ódio. A compreensão do prefixo *Selbst* como um indicativo de movimento pulsional de retorno ao Eu foi apresentado, em nossos estudos, dando enfoque em dois textos até então: *Introdução ao Narcisismo* (Freud, 1914/2010), que demonstra as relações do prefixo *Selbst* com o Eu, o outro e o amor; e *Luto e Melancolia* (Freud, 1917/2010) que demonstra as relações do prefixo *Selbst* com o Eu, o outro e o ódio. Considerando essa compreensão da dualidade amor/ódio proposta neste artigo, gostaríamos de iniciar o presente capítulo introduzindo a seguinte questão: poderia, o prefixo *Selbst* auxiliar, também, na compreensão da dualidade entre pulsão de vida e pulsão de morte?

Tendo estabelecido as distinções terminológicas necessárias e localizado a asserção freudiana de um Eu também inconsciente, podemos dar seguimento em nossas investigações e aprofundar as elaborações do autor referentes a segunda tópica. Para isso, usaremos o prefixo *Selbst* como norteador de nossa pesquisa. O objetivo do capítulo é, portanto, compreender a *relação da dinâmica pulsional de retorno ao ponto de partida com: (1) a preservação da vida; (2) a dualidade pulsional; (3) o fator qualitativo da pulsão; e (4) a destrutividade*. Os seguintes artigos serão aproveitados: *Além do Princípio do Prazer* (Freud, 1920/2010), *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (Freud, 1921), *O Eu e o Isso* (Freud, 1923/2011), *O Problema Econômico do Masoquismo* (Freud, 1924/2011), *A negação* (Freud, 1925/2011) e *Mal-estar na Cultura* (Freud, 1932/2010).

#### 4.1 *Selbst* como preservação e vida

Investigaremos, inicialmente, o movimento pulsional de retorno ao Eu no texto *Além do Princípio do Prazer*. Nesse artigo, “Freud instaurou um novo dualismo pulsional, opondo as pulsões de vida às pulsões de morte” (Plon & Roudinesco, 1998, p.631). O uso do prefixo *Selbst* no texto é vinculado exclusivamente ao termo “pulsões de autoconservação” [*Selbsterhaltungstriebe*]. Os trechos evidenciam a influência das pulsões de autoconservação na substituição do princípio do prazer pelo princípio da realidade e os desdobramentos teóricos até que o autor faça a proposta de um novo dualismo pulsional. Iremos, portanto, apresentar

essas articulações teóricas visando compreender a *relação da dinâmica pulsional de retorno ao ponto de partida com a dualidade entre pulsão de vida e pulsão de morte*.

Conforme apresentado em nosso primeiro capítulo, Freud propõe, inicialmente, que os processos psíquicos se empenham naquilo que leva a uma sensação de prazer – descrita nesse momento como diminuição de excitação – e se retirarão daquilo que possa gerar desprazer – descrito como acúmulo de excitação. Entretanto, ao considerar a necessidade de “autoafirmação do organismo em meio às dificuldades do mundo externo, já de início [o princípio do prazer] é inutilizável e mesmo perigoso em alto grau. Por influência das pulsões de autoconservação [*Selbsterhaltungstrieb*] é substituído pelo princípio da realidade” (Freud, 1920/2010, p.165). As pulsões de autoconservação [*Selbsterhaltungstrieb*] são responsáveis por influenciar a substituição do princípio do prazer pelo princípio da realidade, possibilitando um adiamento do prazer – e aceitação temporária do desprazer. Sem essa substituição, o organismo estaria exposto a um alto nível de perigo decorrente da desconsideração da realidade externa e não haveria uma preservação da vida.

Entretanto, a proposta inovadora desse artigo se apresenta na percepção do autor de que a instauração do princípio da realidade explica apenas uma pequena parcela das vivências desprazerosas que o organismo aceita e, por vezes, até mesmo busca. Freud (1920/2010) presume que existem outras formas de o aparelho psíquico aceitar o desprazer, como os conflitos e cisões. Por exemplo, pulsões incompatíveis com um ideal erigido pelo Eu que sofrem repressão têm, inicialmente, a possibilidade de prazer interdita. Entretanto, se eventualmente – por desvio – satisfazerem-se parcialmente, serão sentidas também como desprazer (neurótico). Outro fenômeno descrito pelo autor, foi o desprazer proveniente da percepção de perigo externo. Nesse contexto, o autor faz uma distinção entre o medo, a angústia e o terror. O medo é caracterizado por exigir a existência de um objeto que amedronta. A angústia é a expectativa de um perigo futuro, algo nela protege o sujeito do terror. E o terror, por fim, é resultante de um grande perigo associado ao fator surpresa, onde não foi possível o sujeito estar preparado. Esse terror foi associado ao nome “neurose traumática<sup>14</sup>” e a patologias psíquicas que surgiam após acidentes com risco de vida. O contexto histórico – logo após a primeira guerra mundial – foi importante para constatações do autor sobre esse assunto, uma vez que

---

<sup>14</sup> A expressão “neurose traumática” é anterior a psicanálise e é usada por outras áreas do conhecimento, como a medicina (Laplanche & Pontalis, 1967/2001). A noção de trauma é bem variável entre os autores e possui diferentes interpretações na obra freudiana. Ressaltamos, entretanto, que nosso objetivo não é adentrar detalhadamente nos debates referentes a neurose traumática, apenas apresentar as investigações que levaram Freud a se confrontar com a compulsão a repetição, aspecto essencial para darmos continuidade em nossa pesquisa.

culminou em uma forte evidenciação de fenômenos clínicos. “A terrível guerra que há pouco terminou fez surgir um grande número dessas doenças [neuroses traumáticas], e ao menos pôs fim à tentação de atribuí-las a uma lesão orgânica do sistema nervoso” (p.168). O autor evidencia duas características importantes referente aos eventos relacionados a essas patologias: (1) o fator surpresa (terror) era essencial para o surgimento da neurose; (2) uma ferida física que ocorresse simultaneamente ao evento atuava reduzindo a probabilidade do surgimento da neurose (Freud, 1920/2010).

Por meio da clínica, Freud (1920/2010) percebe, ainda, que pessoas sofrendo dessa neurose pós-guerra apresentavam uma recorrência de sonhos que os levava a reviver a situação do acidente e, ao despertarem, sentiam uma renovação do terror anteriormente sentido. “Estes se acham, então, psiquicamente fixados ao trauma” (p.169). Considerando que os sonhos teriam uma tendência realizadora de desejos, algumas indagações surgiram. Nesse mesmo período, observando brincadeiras infantis, Freud pode perceber uma criança reproduzindo em suas brincadeiras os momentos de ausência da mãe, utilizando de um carretel. A criança jogava o carretel para fora do berço, mantendo a corda para dentro, e proferia “fort” (“foi embora”), em seguida puxava a corda e retomava o carretel para si, proferindo “da” (“está aqui”). Ele propõe, então, que essas duas situações, dos sonhos de guerra e da brincadeira com o carretel, eram derivadas da compulsão à repetição. É a partir da observação dessa compulsão a repetição que Freud teoriza o que denominou como *pulsão de morte*.

Plon e Roudinesco (1998) enfatizam a essencialidade do conceito de pulsão de morte, não só para a psicanálise como para o pensamento filosófico do século XX. As elaborações propostas até o momento, referentes aos princípios do funcionamento psíquico, não davam conta de explicar esse fenômeno da compulsão a repetição, presente na brincadeira infantil, nos sonhos da neurose traumática e na transferência. “Freud sublinhou uma busca por sofrimento aparentemente a expensas do princípio de prazer, denotando a existência de um além dos domínios desse princípio organizador” (Durski & Pinheiro, 2010, p.53). Essa compulsão, de origem inconsciente e, conseqüentemente, de difícil controle, leva o sujeito a “se colocar repetitivamente em situações dolorosas, réplicas de experiências antigas” (Plon & Roudinesco, 1998, p.631). Com isso, Freud enfatiza uma tendência agressiva/destrutiva – e autodestrutiva –, trazendo para discussão aspectos agressivos e mortíferos da natureza humana.

Teorizando sobre a repetição do reprimido nas brincadeiras infantis, Freud (1920/2010) afirma que ela teria o objetivo de alcançar algum controle sobre a excitação pulsional causada pelo evento, tirando a criança da posição de sofrimento passiva diante do acontecido. Para isso, a psique busca direcionar essa excitação pulsional que inicialmente se

organiza nos processos primários – inconscientes e com investimento livremente móvel – para os processos secundário – consciente e com investimentos “mais controlados” (p.177). Entretanto, o autor reforça o aspecto “demoníaco” [*dämonisch*] (p.181) dessa pulsão. Laplanche e Pontalis (1967/2001) apontam que Freud vê a necessidade de propor a pulsão de morte exatamente por esse aspecto denominado como demoníaco, que funciona de uma forma “irreprimível, independente do princípio do prazer e suscetível de se opor a ele” (p.408-409). Essa noção, leva Freud a conceber o caráter regressivo da pulsão e, com isso, considerar a pulsão de morte como a pulsão por excelência (Laplanche & Pontalis, 1967/2001).

A importância clínica do fenômeno de repetição também fica evidente, uma vez que a repetição do reprimido ocorre invariavelmente no âmbito da transferência, ou seja, na relação com o analista. “Essa reprodução, que surge com uma fidelidade que não fora desejada, sempre tem por conteúdo algo da vida sexual infantil, ou seja, do complexo de Édipo e seus derivados” (Freud, 1920/2010, p.177). No que diz respeito a compulsão de repetir presente nos analisandos, fica nítida a desconsideração geral do princípio do prazer. O paciente demonstra uma regressão acentuada, retomando um comportamento infantil e traços de lembranças reprimidas das experiências mais primitivas, esse fenômeno não obedece aos processos secundários e demarca a atemporalidade psíquica, explicitando que as camadas anteriores continuam em funcionamento na psique e são passíveis de serem acessadas, mesmo que apenas por repetição.

Para compreender essa relação entre a repetição e a pulsão, Freud (1920/2010) parte do que ele delimitou como a “característica geral das pulsões” (p.202), ou mesmo de toda vida orgânica: “Uma pulsão seria um impulso, presente em todo organismo vivo, tendente à restauração de um estado anterior, que esse ser vivo teve de abandonar por influência de perturbadoras forças externas, [...] a expressão da inércia da vida orgânica” (p.202). O que o autor enfatiza, aqui, é a natureza conservadora da vida – e da pulsão –, que visa sempre retornar a um estado anterior. Sendo assim, ao considerarmos que o inanimado existia antes que o vivente, “o objetivo de toda vida é a morte” (p.204). Entretanto, Freud (1920/2010, p.205) ressalta: “o postulado de pulsões autoconservadoras [*Selbsterhaltungstrieb*], por nós atribuídos a todo ser vivente, acha-se em curiosa oposição ao pressuposto de que toda a vida pulsional serve à realização da morte.

A proposta freudiana é de que, por demandas externas, esse objetivo precisa ser adiado pelo organismo vivo. Nesse ponto, as pulsões sexuais são entendidas como pulsões de vida, exatamente por serem aquelas que conservam a vida por períodos mais longos, visando dar conta da demanda de continuidade da espécie, e agindo contra as pulsões que, devido a sua função de retorno a um estado anterior, conduzem à morte. Foi necessária, após essas asserções,

uma reestruturação da proposta pulsional freudiana. Durski e Pinheiro (2010, p.59) resumem essa reorganização partindo da proposta inicial de Freud, das pulsões sexuais (amor/Eros) e pulsões do Eu (necessidades/Ananke) e chegando até as pulsões de vida (Eros) e de morte (Tânatos), da seguinte maneira:

1) Se, por um lado, estava constatada a existência de pulsões autoeróticas (satisfazem-se no próprio corpo), também existem as pulsões que precisam de um objeto externo ao corpo para se satisfazerem, e; 2) Se, por um lado, estava constatada a existência de pulsões de autoconservação (comer, respirar, etc.), também existem as pulsões que, destacando-se das pulsões de autoconservação, buscam estritamente o prazer (por exemplo, o chuchar). [...] Sendo o próprio corpo também um objeto, mesmo que não alheio e sendo o próprio Eu também um objeto, mesmo que interno, Freud começou a definir a existência de duas tendências ainda mais radicais que não simplesmente as de Amor x Fome (Eros x Ananke). São elas: uma tendência à construção (Eros) e uma tendência à destruição (Tânatos), tendências estas também referidas à oposição entre unir x separar.

Ou seja, após desenvolver a teoria da libido narcísica, Freud constata a possibilidade de tomar o próprio Eu como objeto e, portanto, as pulsões destinadas ao Eu também são sexuais. Com isso, o autor percebe a impossibilidade de fazer uma distinção entre pulsão sexual e pulsão do Eu – amor e necessidade. As pulsões de autoconservação narcísicas precisaram ser incluídas entre as pulsões sexuais. Assim, surge outra oposição, uma vez que: existem pulsões sexuais (do Eu e de objeto) que tem a função de unir as partes da substância viva e fazer a manutenção da espécie; e outras, que serão estabelecidas no Eu e constituem uma pulsão de destruição e separação, visando o retorno a um estado anterior e não pulsional. Temos aí, a oposição entre Eros – com tendência à construção e união –, que atua desde o início da vida em oposição a Tânatos – com tendência à destruição e separação. Considerando o prefixo *selbst* utilizado por Freud (1920/2010) na construção dessas proposições, podemos articular o movimento pulsional presente nessa dinâmica.

Conforme apresentado nos capítulos anteriores, o bebê, mesmo alcançando o prazer autoerótico com o chuchar, ainda precisa se alimentar, uma vez que a fome irá acometê-lo, fazendo surgir uma exigência da vida que impulsiona o aparelho psíquico ao desenvolvimento. Apenas recebendo o alimento, o bebê consegue suprir essa demanda da fome e sobreviver, para isso, é necessária uma modificação adequada da realidade que resulte na satisfação dessa necessidade básica. Considerando a pulsão como circuito, um investimento pulsional em um objeto – seja no próprio corpo ou externo – pressupõe um retorno dessa pulsão para o local de origem. Se incluirmos nessa perspectiva o dualismo entre pulsão de vida (Eros) e pulsão de morte (Tânatos) juntamente com o princípio do prazer e da realidade, podemos pressupor que ao sentir fome e utilizar do chuchar, a criança não tem um retorno pulsional que satisfaça essa

excitação e caso ela não recorra a outra ação, que desemboque em sua alimentação, ela morrerá. Nesse aspecto, a pulsão de morte se concretizaria de forma rápida para o sujeito e, conseqüentemente, não haveria uma preservação da espécie. O investimento pulsional – e libidinal – decorrente da pulsão de autoconservação, impulsionado pelo exame da realidade, irá em busca da obtenção de alimento, servindo a pulsão de vida, com um retorno ao Eu que produz a satisfação de uma necessidade básica, – a preservação do organismo e da espécie – adiando a morte.

Supomos que outras pulsões atuem no Eu, além das **pulsões de autoconservação** [Selbsterhaltungstrieb]; deveríamos ser capazes de indicá-las. Infelizmente a análise do Eu progrediu pouco, de modo que para nós é difícil fazê-lo. As pulsões libidinais do Eu podem estar ligadas de maneira especial as outras pulsões do Eu que ainda não conhecemos (Freud, 1920/2010, p.224).

Conforme pontuado por Freud na citação acima, outras pulsões atuantes no Eu são pressupostas e dependem de um exame mais detalhado da análise do Eu. Até aqui, conseguimos fazer uma organização inicial da *relação dessa dinâmica pulsional de retorno ao Eu com a dualidade entre pulsão de vida e pulsão de morte*. A ênfase dada até então, com o prefixo *Selbst*, foi de um efeito – que se faz necessário – de conservação do próprio organismo. Entretanto, um outro fator ainda se fazia enigmático para o autor: as tendências pulsionais sadomasoquistas. No artigo *O problema econômico do masoquismo* (Freud, 1924/2011) essa problemática é evidenciada e articulada pelo autor.

Do um ponto de vista econômico da psique, a existência de tendências pulsionais masoquistas sempre foram enigmáticas para Freud (1924/2011). Inicialmente pensava-se que a tendência geral do aparelho psíquico seria manter a excitação o mais baixa possível. A psicanalista inglesa Barbara Low, propôs que essa tendência de “aniquilar qualquer excitação e qualquer desejo” (Plon & Roudinesco, 1998, p.602), fosse chamada de Princípio do Nirvana, termo que foi adotado por Freud. Até então, essa tendência do princípio do Nirvana estaria a serviço da pulsão de morte e seria equivalente ao princípio do prazer-desprazer, uma vez que todo desprazer coincidiria com a elevação das excitações e todo prazer com o abaixamento dessas tensões. Freud (1924/2011) sinaliza que essa concepção não pode ser totalmente correta, uma vez que é inegável a existência de tensões prazerosas e distensões desprazerosas. “O estado de excitação sexual é o mais claro exemplo de um aumento de estímulos assim prazeroso, mas certamente não é o único” (p.186). Com isso, a proposta do prazer-desprazer, que foi inaugurada de um ponto de vista quantitativo – aumento ou diminuição de tensão –, passa a ser interpretada, também, de um ponto de vista qualitativo.

Com essa constatação, Freud (1924/2011) delimita que o princípio de Nirvana experimenta, no organismo vivo, uma transformação decorrente da libido – a pulsão de vida – e assim parte dele passa a trabalhar para regulação dos processos vitais, agora transformado em princípio do prazer e contrapondo-se a essa parte que sobra, mantendo-se como pulsão de morte. Em resumo: o *princípio de Nirvana* refere-se à pulsão de morte; o *princípio do prazer* exprime a reivindicação da pulsão de vida (libido); e o *princípio da realidade* representa a modificação do princípio do prazer que foi demandada pela influência do mundo externo. Os três princípios irão agir simultaneamente, um não anula o outro e, exatamente por isso, alguns conflitos podem surgir. Isso ocorre, pois uma mesma meta estabelecida pode ser, “de um lado, a diminuição quantitativa da carga de estímulos, do outro, um caráter qualitativo da mesma, e, por fim, um adiamento da descarga e uma aceitação provisória da tensão devida ao desprazer” (Freud, 1924/2011, p.187). Podemos, agora, aprofundar nossas investigações do masoquismo tendo em vista os três princípios do funcionamento psíquico.

Para investigar o masoquismo, Freud (1924/2011) parte de uma proposição feita no artigo *Três ensaios de uma teoria da sexualidade* (Freud, 1905/2016) de que uma característica da sexualidade infantil é que “a excitação sexual se produz como efeito secundário em toda uma gama de processos internos, logo que a intensidade desses processos ultrapassa determinados limites quantitativos” (p.190). Sendo assim, a excitação gerada no corpo por dor ou desprazer também está englobada na pulsão sexual, sendo delimitada como masoquismo erógeno. Apesar dessa explicação, é necessário compreender como o sadismo, que é a contrapartida do masoquismo na vida pulsional, se encontra inserido nessa dinâmica. Conforme pontuado anteriormente, a libido encontra nos seres vivos a pulsão de morte, que visa destruir/desintegrar esses organismos, conduzindo-os ao estado de estabilidade total – princípio do Nirvana. Ela tem a tarefa, a serviço da pulsão de vida, de impedir esse impulso de destruição e, para isso, desviar parte dessa pulsão para objetos externos ao indivíduo, tornando-se impulsos de apoderamento, de destruição e vontade de poder. Com isso, uma parte dessa pulsão é utilizada para a função sexual e, outra parte, permanece no organismo vinculando-se à excitação sexual, conforme citado anteriormente. Essa parte do masoquismo que permanece no indivíduo e encontra-se ligada libidinalmente é denominada como masoquismo original (erógeno).

Considerando os aspectos da ambivalência e da identificação que discutimos em nosso *segundo capítulo*, o sádico retira um prazer masoquista da dor infligida ao outro, por meio da identificação. E o masoquista desfruta do prazer que o outro sente ao exercer a violência (Garcia-Roza, 2008). Dessa mesma forma, pulsão de vida e pulsão de morte encontram-se em uma “extensa mescla e amálgama” (Freud, 1924/2011, p.192). Existe apenas uma mistura

dessas duas pulsões em graus diversos, mas não podemos considerar a existência de pulsões puramente de vida ou de morte. O autor enfatiza, ainda, a impossibilidade de mensurar a extensão dessas partes de pulsão de morte que escapam ao “amansamento” (Freud, 1924/2011, p.192) por meio da libido. Para darmos seguimento e compreendermos melhor essas dinâmicas da pulsão de vida e de morte que afetam o Eu, é necessário um seguimento desta pesquisa, com enfoque nas proposições freudianas referentes a essa instância. Para isso adentraremos nos textos *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (Freud, 1921) e *O Eu e o Isso* (Freud, 1923/2011).

#### 4.2 Selbst e a dualidade pulsional

Em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, Freud (1921/2011) debate algumas proposições feitas por Gustave Le Bon, William McDougall, fundador da psicologia social norte-americana, e Gabriel Tarde. No texto “Freud preferiu abolir a fronteira entre os fenômenos da psicologia individual e os do âmbito da psicologia coletiva” (Plon & Roudinesco, 1998, p.736). Para Freud, tanto Le Bon como McDougall estariam reduzindo as manifestações sociais (de multidões) a dois fatores: sugestão recíproca e prestígio dos líderes. Com isso, a proposta do autor foi de que as relações amorosas, laços sentimentais de forma generalizada, são a essência das multidões (Plon e Roudinesco, 1998). A partir disso, Freud (1921/2011) se sustenta nas características das massas destacadas por Le Bon e McDougall, porém, com o objetivo de desenvolver uma análise mais detalhada do Eu. Com isso Freud apresenta uma leitura que se contrapõe às noções de hierarquia e/ou superioridade entre os povos, afirmando que a massa e os grupos sociais, assim como os neuróticos, são infantis e regidas pela pulsão.

A massa é definida como “volúvel, excitável e guiada quase exclusivamente pelo inconsciente” (Freud, 1921/2011, p.25). Os impulsos que movimentam essa massa podem adquirir infinitas qualidades dependendo do contexto, “nobres ou cruéis, heroicos ou covardes, mas, de todo modo, são tão imperiosos que nenhum interesse pessoal, nem mesmo o da autopreservação [*Selbsterhaltung*], se faz valer” (p.25). Além disso, a massa é caracterizada como sem consciência de si [*Selbstbewußtsein*] e sem autorrespeito [*Selbstachtung*]. Quanto a isso, Freud (1921/2011) enfatiza que essas características utilizadas para designar a “organização da massa” (p.38), são, na verdade, qualidades características do indivíduo, mas que foram extintas ao adentrar na massa. “Pois o indivíduo tinha — fora da massa primitiva — sua continuidade, sua consciência de si [*Selbstbewußtsein*], seus hábitos e tradições, seu trabalho e colocação particular, e mantinha-se apartado de outros, com quem rivalizava” (p.38).

Por meio do conceito de “libido”, o autor organiza essa relação entre a massa e a psicologia do Eu. Para Freud (1921/2011) a libido é a expressão dos impulsos relacionados a tudo que pode ser englobado pela palavra “amor” (p.43) e que, na psicanálise, são nomeados de pulsões sexuais – ou amorosas. Apesar de ser comumente associada ao amor sexual, o autor enfatiza que as investigações psicanalíticas mostram que as mais variadas tendências são expressões dessa mesma pulsão que impele a união sexual. “O amor a si mesmo [*Selbstliebe*], o amor ao outro, o amor aos pais e aos filhos, a amizade, o amor aos seres humanos em geral, e, também, a dedicação a objetos concretos e a ideias abstratas” (p.43). Sendo assim, o que caracteriza o amor enquanto tal é a conservação da sua natureza original, sua identidade reconhecível – a abnegação [*Selbstaufopferung*] e a busca pela aproximação.

Então experimentaremos a hipótese de que as relações de amor (ou, expresso de modo mais neutro, os laços de sentimento) constituem também a essência da alma coletiva. [...]. Primeiro, que evidentemente a massa se mantém unida graças a algum poder. Mas a que poder deveríamos atribuir este feito senão a Eros, que mantém unido tudo o que há no mundo? Segundo, que temos a impressão, se o indivíduo abandona sua peculiaridade na massa e permite que os outros o sugestionem, que ele o faz porque existe nele uma necessidade de estar de acordo e não em oposição a eles, talvez, então, “por amor a eles” (Freud, 1921/2011, p.45).

A proposta freudiana é, portanto, de que algumas características desenvolvidas individualmente, como a consciência de si [*Selbstbewußtsein*] e a autorrespeito [*Selbstachtung*], são reduzidas quando um indivíduo é incorporado em uma massa. Visando compreender as dinâmicas pulsionais de retorno ao Eu nessa circunstância, iremos recorrer, primeiramente, ao texto *Luto e Melancolia* (Freud, 1917/2010). Conforme discutido anteriormente, o autorrespeito [*Selbstachtung*] é responsável pela repressão. Ao discutir a melancolia, Freud (1917/2017) enfatiza que, por meio da identificação é possível uma perda desse autorrespeito, resultando em uma perda no próprio Eu, que se torna pobre e vazio. Há, aqui, um desinvestimento de amor – que nesse caso, apresenta-se como respeito – no Eu. Concomitante a isso, na melancolia, existe um grande investimento de ódio nesse Eu, com um aumento das autorrecriminações (*selbstvorwürf*) e autoinsultos [*selbstbeschimpfungen*]. No caso dos grandes grupos, o autor não cita esses investimentos de ódio especificamente.

Na organização das massas, Freud (1921/2011) associa a diminuição do autorrespeito [*Selbstachtung*] com: (1) a diminuição da consciência de si [*Selbstbewußtsein*]; (2) o aumento da abnegação [*Selbstaufopferung*]; e (3) aumento da busca por aproximação. Recorreremos ao texto *O Mal-estar na Cultura* (1932) para tentar entender a organização das massas e, com isso, a organização de um sentimento de consciência de si individual. Logo de início, Freud (1932/2010) indaga a respeito do “sentimento oceânico” (p.10) e a relação desse sentimento

com a construção do Eu. “Normalmente, nada nos é mais certo do que o sentimento que temos de nós mesmos, de nosso próprio eu. Esse Eu nos parece independente, unitário, bem distinto de todo o resto” (p.10). Entretanto, algumas circunstâncias apontam que essa delimitação do Eu em relação ao mundo externo pode ser incerta, como em algumas patologias em que a distinção entre Eu e exterior pode sofrer perturbações. Existem, também, estados que não podem ser caracterizados como doentios e que têm esses limites tensionados. A paixão é um exemplo, a fronteira entre Eu e objeto “ameaça desvanecer-se. [...] o apaixonado afirma que eu e você são um só, e está pronto a se comportar como se assim fosse (Freud, 1932/2010, p.10). Esse sentimento, próprio do adulto, de uma distinção entre ‘dentro’ e ‘fora’ – Eu e mundo externo –, não existe desde o princípio, conforme apresentamos em nossos capítulos anteriores.

Inicialmente o bebê foi um primitivo eu de prazer, que visa incorporar tudo que é prazeroso e expulsar tudo que é desprazeroso. “No entanto, muito daquilo de que não se gostaria de abrir mão pelo fato de proporcionar prazer não faz parte do eu, mas é objeto, e muito sofrimento que se quer expulsar acaba por se revelar como inseparável do eu, como sendo de origem interna” (Freud, 1932/2010, p.11). Com a manipulação adequada do ambiente, usando do corpo, aprende-se a distinção entre interno – Eu – e externo, desembocando na instauração do princípio da realidade. A proposta freudiana para esse sentimento oceânico é, portanto, de que:

Originalmente o Eu contém tudo, mais tarde ele segrega de si um mundo exterior. O nosso atual sentimento do eu, portanto, é apenas um resíduo minguado de um sentimento de grande abrangência – na verdade, um sentimento que abrangia tudo e correspondia a uma íntima ligação do Eu com o ambiente. Se nos for permitido supor que esse sentimento primário do eu tenha ficado conservado – em maior ou menor medida – na vida psíquica de muitas pessoas, então ele seria uma espécie de contraparte do sentimento do Eu, delimitado de modo mais restrito e mais claro, próprio da maturidade, e os conteúdos ideativos correspondentes a esse sentimento primário seriam justamente os de uma ausência de limites e de uma ligação com o universo, os mesmos que meu amigo usou para explicar o sentimento “oceânico” (Freud, 1932/2010, p.12, grifo nosso).

A partir desse trecho, podemos correlacionar o sentimento oceânico com o sentimento presente nas massas. Freud (1921/2011) afirma que a massa é ligada pela libido, ou seja, pelo amor. Da mesma forma, propõe que no apaixonamento existe um tensionamento da fronteira entre Eu e objeto. Compreendemos, portanto, que na formação dos grupos, essa diminuição do autorrespeito [*Selbstachtung*], associado a diminuição da consciência de si [*Selbstbewußtsein*] e ao aumento da abnegação [*Selbstaufopferung*] é semelhante a esse sentimento oceânico que, por sua vez, contrapõe o sentimento do Eu. Nos dois casos existe um determinado retorno – em maior ou menor medida – a um estado anterior vivenciado, onde existia um sentimento de

intima ligação do Eu com o ambiente. Freud enfatiza, ainda, que manter-se em algum grau apartado do outro é necessário para uma consciência de si [*Selbstbewußtsein*].

Essas proposições podem ser articuladas com a dualidade da pulsão de vida e de morte. Segundo Freud (1932/2010, p.32), “a cultura é um processo a serviço de Eros, que deseja reunir indivíduos humanos isolados”. A libido une os indivíduos, seja nas multidões ou no apaixonamento, a serviço da pulsão de vida. A relação com o outro, a identificação em si, é fator essencial para a constituição do Eu e, conseqüentemente, para a manutenção da vida. Se usarmos o bebê como exemplo, vemos que sem um outro que o alimente e cuide nos primeiros anos, a sobrevivência seria impossível.

Paradoxalmente, quando analisamos esse movimento de retorno, em algum grau, para um estado fusional de indistinção entre o Eu e o mundo externo, ele também pode coincidir com a pulsão de morte – e com o princípio de Nirvana –, uma vez que segue uma tendência de retorno a um estado anterior de organização pulsional. Freud delimita que esse retorno se contrapõe a consciência de si [*Selbstbewußtsein*] – ou sentimento do Eu. Entendemos que o contorno do Eu surge como produto da organização pulsional demandada pela pulsão de vida, que orientada pelo princípio do prazer e da realidade exige uma diferenciação entre Eu e mundo externo, visando a autopreservação [*Selbsterhaltung*]. Ou seja, o mesmo movimento que em dadas circunstâncias e intensidades produz uma aproximação e construção a favor da vida, pode, em outras circunstâncias e intensidades, produzir uma destruição das fronteiras do Eu com o mundo externo. Esse estado fusional é descrito por Freud (1921/2011, p.25) como uma condição em que “nem mesmo a autopreservação [*Selbsterhaltung*] se faz valer”. Voltando ao exemplo do bebê, entendemos que sem essa separação do interno e do externo, não haveria um exame adequado da realidade e as necessidades básicas para sobrevivência não seriam atendidas a longo prazo. Aqui fica evidente a dualidade da pulsão de vida e morte, que se encontram amalgamadas em diferentes medidas, “posto que, para que algo seja destruído, é preciso ter antes ocorrido uma construção e vice-versa” (Durski & Pinheiro, 2010, p.60).

Dando continuidade na análise do texto *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, nos deparamos com a questão da identificação, que também está presente nesses dois fenômenos e, conforme o autor, é “a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa” (Freud, 1921/2011, p.60). Já demonstramos em nossas pesquisas como foram organizadas, na segunda tópica, as proposições referentes a identificação e a essencialidade dela na formação do Eu. Vamos, portanto, introduzir mais um texto da segunda tópica, *O Eu e o Isso* (Freud, 1923/2011), para possibilitar uma articulação mais aprofundada do Eu e da identificação na obra freudiana.

No texto *O Eu e o Isso*, Freud deixa o patológico um pouco de lado e investiga o Eu em sua constituição geral, visando compreender melhor essa instância na “parte da psique, na qual ela prossegue, e que se comporta como inconsciente” (Freud, 1923/2011, p.29). Nesse mesmo ano, 1923, Georg Groddeck introduz o termo “Isso” derivado do pronome alemão neutro da terceira pessoa do singular (*Es*), que é utilizado por Freud para as conceituações presentes em seu texto (Plon e Roudinesco, 1998). Segundo Laplanche e Pontalis (1967/2001), a expressão “Isso” chama atenção de Freud “na medida em que ilustra a ideia desenvolvida por Groddeck de que somos vividos por forças desconhecidas e indomáveis” (p.219), além disso, o termo coincide com a linguagem utilizada espontaneamente por pacientes em expressões como “*isso* foi mais forte que eu”, ou “*isso* me veio de repente” (p.219). Sendo assim, Freud (1923/2011) propõe que o indivíduo é um Isso psíquico – irreconhecido e inconsciente – e que possui em sua superfície o Eu, desenvolvido a partir do sistema perceptivo.

A representação gráfica utilizada por Freud (1923/2011, p.30) é de “que o Eu não envolve inteiramente o Isso, mas apenas à medida que o sistema Pcp forma a sua superfície [do Eu], mais ou menos como o ‘disco germinal’ se acha sobre o ovo”. Não existe, portanto, uma separação nítida entre eles, o Eu se prolonga nesse ser psíquico inconsciente denominado de Isso. “Mas também o reprimido conflui com o Isso, é somente uma parte dele. O reprimido é claramente separado do Eu apenas pelas resistências da repressão; pelo Isso pode comunicar-se com ele” (p.30). Sendo assim, a proposta freudiana é do Eu como a parte do Isso modificada pelo contato direto com o mundo externo. “As percepções têm, para o Eu, a mesma importância que as pulsões para o Isso. Mas o Eu está sujeito ao influxo das pulsões assim como o Isso, do qual é apenas uma parte especialmente modificada” (p.50). O Eu tem a função de fazer prevalecer o princípio da realidade sobre o princípio do prazer – que vigora no Isso –, ou seja, a difícil tarefa de satisfazer as moções pulsionais provenientes do Isso, mas considerando as exigências da realidade e do mundo externo. Para evidenciar essa relação, Freud (1923/2011) utiliza de uma metáfora:

A importância funcional do Eu se expressa no fato de que normalmente lhe é dado o controle dos acessos à motilidade. Assim, em relação ao Isso ele se compara ao cavaleiro que deve pôr freios à força superior do cavalo, com a diferença de que o cavaleiro tenta fazê-lo com suas próprias forças, e o Eu, com forças emprestadas. Este símile pode ser levado um pouco adiante. Assim como o cavaleiro, a fim de não se separar do cavalo, muitas vezes tem de conduzi-lo aonde ele quer ir, também o Eu costuma transformar em ato a vontade do Isso, como se ela fosse a sua própria (p.31).

Entretanto, o próprio autor enfatiza que se o Eu fosse apenas uma parte do Isso que, por influência do mundo externo e do sistema perceptivo, foi modificado, seria algo simples. Mas para compreensão dessa instância outras questões precisam ser consideradas, como a

identificação e a gradação do Eu, que fora citada em nosso segundo capítulo, chamada de *ideal do Eu* – ou Supereu. Ao ideal do Eu “atribuímos funções como auto-observação [*Selbstbeobachtung*], consciência moral, censura do sonho e principal influência na repressão” (p.67-68). Daremos início retornando, agora, para a investigação do processo de identificação na relação objetal e a relação desse processo com a instância do Isso.

Se um tal objeto sexual deve ou tem de ser abandonado, não é raro sobrevir uma alteração do Eu, que é preciso descrever como estabelecimento do objeto no Eu, como sucede na melancolia; ainda não conhecemos as circunstâncias exatas dessa substituição. Talvez, com essa introjeção que é uma espécie de regressão ao mecanismo da fase oral, o Eu facilite ou permita o abandono do objeto. Talvez essa identificação seja absolutamente a condição sob a qual o Eu abandona seus objetos. De todo modo, o processo é muito frequente, sobretudo nas primeiras fases do desenvolvimento, e pode possibilitar a concepção de que o caráter do Eu é um precipitado dos investimentos objetais abandonados, de que contém a história dessas escolhas de objeto (Freud, 1923/2011, p.36, grifo nosso).

Freud (1923/2011) propõe que essa transformação de uma escolha erótica de objeto em uma alteração no Eu pode, também, ser uma via do Eu controlar as pulsões do Isso. Assumindo alguns traços do objeto, o Eu pode oferecer a si próprio como objeto de amor – ou ódio – transformando a libido objetal em libido narcísica. Ou seja, ocorre uma dessexualização, abandonando a meta sexual e redirecionando esse investimento para o próprio Eu. Referente a esse movimento pulsional, Freud (1923/2011, p.37) pontua que “talvez a sublimação ocorra por intermediação do Eu, que primeiro converte a libido objetal sexual em libido narcísica, para depois dar-lhe quiçá outra meta”. Vale ressaltar, que após essa distinção entre Eu e Isso, a teorização freudiana do texto *Introdução ao Narcisismo (1914)* referente a um reservatório de libido, fica destinada ao Isso. Essa libido citada acima, que se encaminha para o Eu nos processos identificatórios, produz o denominado narcisismo secundário.

As influências da identificação na constituição do Eu são duradouras e iniciam na mais tenra idade. As primeiras identificações são descritas já na fase pré-histórica do complexo de Édipo e são caracterizadas como a forma mais primitiva de ligação afetiva. Conforme o texto *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, a criança, ao demonstrar um interesse nos genitores, passa a desejar ser como eles – tomando-os como ideal – e, simultaneamente, possui-os como objeto libidinal. “No primeiro caso o genitor é aquilo que se gostaria de *ser*, no segundo, o que se gostaria de *ter*” (Freud, 1921/2011, p.62). Essa identificação, segundo Freud, não se dá por consequência de um investimento objetal, “é uma identificação direta, imediata, mais antiga do que qualquer investimento objetal” (p.39). Conforme Plon & Roudinesco (1998) “Freud esclareceria um pouco depois, em *O Eu e o Isso*, que é difícil distinguir a identificação do investimento, diferenciar a modalidade do *ser* da modalidade do *ter*” (p.364). Nesse momento

da segunda tópica, a noção de identificação é enriquecida, uma vez que as instâncias, antes descritas como sistemas inscritos por imagens, recordações e conteúdo, passam a serem descritas como resquíscios variados das relações objetais (Laplanche e Pontalis, 1967/2001).

Conforme pontuam Laplanche e Pontalis (1967/2001, p.228) “essas identificações formam uma estrutura complexa na medida em que o pai e a mãe são, cada um por sua vez [e simultaneamente], objeto de amor e de rivalidade”. Conforme pontuado em nosso segundo capítulo, o processo de identificação é, em si, ambivalente. Nessa relação entre identificação, ambivalência e Complexo de Édipo, se mostra essencial considerar que a bissexualidade psíquica está presente em todo esse processo:

Uma investigação mais penetrante mostra, em geral, o complexo de Édipo mais completo, que é duplo, um positivo e um negativo, dependente da bissexualidade original da criança; isto é, o menino tem não só uma atitude ambivalente para com o pai e uma terna escolha objetual pela mãe, mas ao mesmo tempo comporta-se como uma garota, exibe a terna atitude feminina com o pai e, correspondendo a isso, aquela ciumenta e hostil em relação à mãe. Essa interferência da bissexualidade torna muito difícil compreender as primitivas identificações e escolhas objetais, e ainda mais difícil descrevê-las de modo inteligível (Freud, 1923/2011, p.41).

Essas tendências – simultaneamente amorosas e hostis – em relação aos genitores, irão se agrupar resultando em uma identificação com o pai e uma identificação com a mãe, “a identificação com o pai mantendo o objeto materno do complexo positivo e ao mesmo tempo substituindo o objeto paterno do complexo contrário; [e a identificação com a mãe, em que] as coisas sucederão de forma análoga” (Freud, 1923/2011, p.42). O essencial para a continuidade de nossas investigações se refere ao resultado do estabelecimento dessas identificações simultâneas que, de algum modo, se ajustam uma à outra – com diferentes direções e intensidades para cada indivíduo – e sucedem em uma alteração do Eu. Esse processo constitui um precipitado do Eu que conserva uma posição especial na psique, denominada como ideal do Eu, ou Supereu.

Entendemos com a análise de uma parcela dos usos do *Selbst* nos artigos citados, que esses movimentos pulsionais desembocam em dinâmicas passíveis de serem categorizadas como “organizações psíquicas”. Essas organizações iniciam em um Isso indiferenciado do externo e regido pela pulsão de morte e vida – princípio de Nirvana e Prazer – que, por meio da pulsão de autopreservação [*Selbsterhaltungstriebes*] e da relação com os objetos, representantes desse mundo externo, levam a instauração do princípio da realidade. O Eu é a resposta a demanda psíquica de organizar e satisfazer a ambivalência pulsional e os três princípios: preservando a vida, respeitando a realidade e satisfazendo, mesmo que parcialmente, as pulsões do Isso. Vale ressaltar, que ao surgir, esse Eu também passa a ser objeto dessas pulsões – o Eu

é paradoxalmente produto e destino das pulsões. Nossas investigações ajudaram no entendimento da relação da *dinâmica pulsional de retorno ao ponto de partida com a dualidade entre pulsão de vida e pulsão de morte*. Iremos dar seguimento buscando compreender como a inserção do conceito de Supereu, na segunda tópica, ajuda na articulação proposta por essa pesquisa.

### 4.3 *Selbst* e o fator qualitativo da pulsão

Na obra freudiana, o conceito de Supereu aparece pela primeira vez no artigo *O Eu e o Isso* (Freud, 1923/2011). Apesar de ser o primeiro uso que o autor faz do termo, as proposições teóricas referentes ao Supereu são derivadas de uma extensa elaboração iniciada em 1914, com o texto *Introdução ao Narcisismo* (Plon & Roudinesco, 1998). Conforme apresentamos em nosso segundo capítulo, nesse artigo Freud já propõe um ideal do Eu que surge como substituto do narcisismo primário. Freud afirma que a formação desse ideal aumenta as exigências do Eu e favorece a repressão. Por fim, sinaliza o que pode ser interpretado como uma hipotetização do conceito de Supereu: “não seria de admirar se encontrássemos uma instância psíquica especial, que cumprisse a tarefa de assegurar a satisfação narcísica a partir do ideal do Eu e que, com esse propósito, observasse continuamente o Eu atual, medindo-o pelo ideal” (Freud, 1914/2010, p. 41-42). Segundo Plon & Roudinesco (1998, p.744), o Supereu tem suas raízes mergulhadas no Isso e exerce, “de maneira implacável”, a função de medir e julgar o Eu. Iremos, portanto, investigar a proposta freudiana do Supereu e as relações dessa instância com *O Eu e o Isso* (Freud, 1923/2011).

Vale ressaltar que, conforme pontuado por Plon & Roudinesco (1998), até então, na obra freudiana, o autor utiliza ideal do Eu e Supereu como sinônimos, o que torna as funções do Supereu ambíguas. Em alguns momentos é atribuído ao Supereu uma função de ideal e de proibição e, em outros momentos, uma função repressora. Apenas em 1933, na trigésima primeira conferência de introdução a psicanálise que Freud apresenta um quadro mais preciso das funções do Supereu. Iniciaremos, portanto, tratando do Supereu e do ideal do Eu como sinônimos, assim como Freud propõe no artigo *O Eu e o Isso*.

Em suas observações com pacientes, Freud (1923/2011, p.33) identifica que “há pessoas nas quais a autocrítica [*Selbstkritik*] e a consciência moral, ou seja, ações psíquicas altamente valorizadas, são inconscientes e, enquanto tais, produzem os efeitos mais importantes”. Essa instância desenvolvida no Eu foi denominada como ideal do Eu e “lhe atribuímos funções como auto-observação [*Selbstbeobachtung*], consciência moral, censura do

sonho e principal influência na repressão” (Freud, 1921/2011, p.67-68). Uma importante elaboração teórica proposta por Freud (1923/2011) na segunda tópica, é a delimitação de que o Supereu, ou ideal do Eu, não pode ser definido somente como resíduo das primeiras escolhas objetais do Isso, uma vez que possui uma “enérgica formação reativa a este” (Freud, 1923/2011, p.42). Nas palavras do autor (p.42-43), a relação do Supereu com o Eu vai além do imperativo: “assim (como o pai) você deve ser”; ela compreende também a proibição: ‘Assim (como o pai) você não pode ser’, isto é, não pode fazer tudo o que ele faz; há coisas que continuam reservadas a ele”. Essa díade do ideal do Eu é resultado de seu encargo – e de sua origem – na repressão do Complexo de Édipo. Essa repressão necessita de um trabalho árduo, uma vez que os sentimentos pelos pais são intensos e repletos de ambivalência. Conforme apresentado anteriormente, considerando a bissexualidade psíquica, ambos genitores são objetos de amor e, simultaneamente, objetos de ódio, percebidos como um obstáculo para a realização dos desejos edípicos. Para a resolução desse conflito, o Eu infantil se fortifica emprestando – por meio da identificação –, em alguma medida, a força dos próprios pais para realizar essa repressão.

Esse ato de empréstimo terá severas consequências, o Super-eu conservará o caráter do[s] pai[s], e quanto mais forte foi o complexo de Édipo tanto mais rapidamente (sob influência de autoridade, ensino religioso, escola, leituras) ocorreu sua repressão, tanto mais severamente o Supereu terá domínio sobre o Eu como consciência moral, talvez como inconsciente sentimento de culpa (Freud, 1923/2011, p.43).

Para Freud (1923/2011), “o ideal do Eu é, portanto, o herdeiro do complexo de Édipo” (p.45) e, conseqüentemente, resultado dos impulsos e expressões mais importantes e potentes do Isso. Ele é “o representante de nossa relação com os pais. Quando pequenos nós conhecemos, admiramos, tememos estes seres elevados; depois os acolhemos dentro de nós” (p.45). Os desejos edípicos são frutos de um investimento pulsional muito potente do Isso nos objetos parentais. Partindo do princípio do prazer, a tendência seria a busca pela realização desse desejo de tomar o lugar de um genitor e possuir o outro como objeto de amor. Entretanto, o medo da castração se manifesta como uma consequência de tomar o lugar de um dos genitores e, conforme o exame da realidade, demonstra para a criança uma impossibilidade em realizar esse desejo. Apesar dessa renúncia, o montante de investimento libidinal voltado aos genitores precisa de um direcionamento e, ao retornar para o Eu, cabe a este dar um destino que, de alguma forma, mesmo que parcialmente, satisfaça o Isso. A saída encontrada é por meio da identificação.

A identificação, conforme expressa de forma exacerbada na melancolia, possui a característica de modificar o Eu e atribuir a ele traços do objeto. Ou seja, utilizando da identificação o Eu consegue promover uma modificação em si, introjetando as exigências e

interdições desses objetos parentais e, assim, redirecionando o investimento do Isso para si mesmo, que agora possui traços dos objetos em seu caráter. Nesse momento do desenvolvimento o Eu ainda é “fraco” (Freud, 1923/2011, p.60) e com essa identificação, foi introduzido nele “os mais imponentes objetos” (p.60). Esse movimento de retornar um investimento tão potente para esse Eu em desenvolvimento traz consequências duradouras, formando um precipitado denominado como ideal do Eu. Deve ser considerado, ainda, a ambivalência da relação com os cuidadores, pois o redirecionamento desse investimento para o Eu é carregado tanto de amor, como ódio. “Estabelecendo [o Supereu], o Eu assenhorou-se do complexo de Édipo e, ao mesmo tempo, submeteu-se ao Isso. Enquanto o Eu é essencialmente representante do mundo exterior, da realidade, o Supereu o confronta como advogado do mundo interior, do Isso” (Freud, 1923/2011, p.45).

O Supereu conserva esse aspecto de confrontamento do Eu por toda a vida, sendo o “monumento que recorda a anterior fraqueza e dependência do Eu” (Freud, 1923/2011, p.60). Ou seja, “assim como a criança era compelida a obedecer aos pais, o Eu submete-se ao imperativo categórico do seu Supereu” (p.60). O conflito entre o Eu e o Supereu reflete a oposição entre real (mundo externo) e psíquico (mundo interno). Segundo Freud (1923/2011), a comparação do Eu com seu ideal faz surgir a tensão entre as expectativas conscientes e as realizações do Eu, conduzindo ao juízo referente a própria insuficiência e produzindo sentimentos como humildade e culpa. Esse papel que foi inicialmente dos pais, é exercido posteriormente por figuras diversas de autoridade, “suas injunções e proibições continuam poderosas no ideal do Eu, e agora exercem a censura moral como consciência. [...]. Os sentimentos sociais repousam em identificações com outras pessoas, com base no mesmo ideal do Eu” (p.46). Um exemplo citado pelo autor, é o sentimento moral e social, que pela análise da realidade e do mundo externo, se mostram essenciais para a sobrevivência do indivíduo integrado na sociedade, que se vê obrigado a superar a hostilidade, recorrendo a uma identificação com o inimigo inicial. Assim como descrito em nossas investigações do *Totem e Tabu*, por meio do mito da horda primeva.

No âmbito da clínica, Freud (1923/2011), evidencia a reação terapêutica negativa, como uma manifestação de uma culpa inconsciente originada dessa consciência moral – que está intimamente ligada ao Complexo de Édipo, pertencente ao inconsciente. Nesse fenômeno clínico, o autor identifica pacientes que “quando lhes é dada esperança e mostrada satisfação com a marcha do tratamento, parecem insatisfeitos e geralmente pioram seu estado” (p.61). Ou seja, os analisados possuem neles algo que se opõe à cura, qualquer aproximação dela é temida como se fosse um perigo. A proposta do autor é de que essa reação negativa ao tratamento se

dá por um fator “moral”, um sentimento de culpa que se satisfaz no castigo em forma de sofrimento. O sentimento de culpa se mantém “mudo” (p.62) para o paciente, não sente culpa e não se diz culpado, apenas doente. A manifestação dessa culpa é, portanto, a resistência à cura. Apesar de essa ser uma manifestação extrema, Freud afirma ser um mecanismo presente, em menores medidas, no funcionamento geral dos neuróticos.

Freud (1923/2010) oferece alguns exemplos da dinâmica da culpa, como em algumas formas de neurose obsessiva e na melancolia. Na neurose a culpa é muito forte, entretanto não se justifica para o Eu, com isso o paciente se mostra indignado com essa sensação de culpa e rejeita esse sentimento. Entretanto, a análise mostra que existem, de fato, impulsos reprimidos que alicerçam esse sentimento de culpa, “o Supereu, aqui, sabe mais sobre o Isso inconsciente do que o Eu” (Freud, 1923/2011, p.64). Na melancolia, por sua vez, o Eu não ousa se opor a essa culpa, se vê realmente como culpado e se submete ao castigo. A diferença se dá, pois na neurose os impulsos do Isso que se opõem ao ideal do Eu estão direcionados para o exterior, mas na melancolia o objeto que gerou a ira do Supereu sofreu identificação e, portanto, está acolhido no próprio Eu. Essas situações descritas evidenciam a independência existente entre o Supereu e o Eu consciente, assim como as íntimas relações entre o Supereu e o Isso inconsciente. Vale ressaltar que, apesar dessa independência, o Supereu é parte desse Eu e, portanto, foi originado também a partir das percepções sensoriais (conceitos e abstrações) e continua acessível ao consciente a partir delas. “Mas a energia do investimento não é levada a esses conteúdos do Supereu a partir de percepção auditiva, da instrução, da leitura, mas nas fontes no interior do Isso” (p.66). O Supereu manifesta-se, portanto, essencialmente como crítica, que é percebida pelo Eu como culpa (Freud, 1923/2011).

A investigação dessa relação do Supereu com o Eu também leva Freud (1923) a abordar algumas percepções sobre a função do Eu no aparelho psíquico. Ele tem uma relação direta com o sistema perceptivo, é o coordenador temporal dos processos psíquicos, submetendo-os à prova da realidade. Domina, também, o acesso a motilidade e os processos de pensamento. Esse aparente “domínio é mais formal do que factual” (Freud, 1923/2011, p.69). No que diz respeito a ação, Freud afirma que “o Eu tem posição semelhante à de um monarca constitucional, sem cuja sanção nada pode se tornar lei, mas que precisa refletir muito, antes de impor seu veto a uma proposta do parlamento” (p.69). O Eu se enriquece a partir das experiências provenientes do mundo externo, mas retira libido do Isso enquanto empenha-se em subjugar-lo, transformando os investimentos objetivos do Isso em configurações do Eu. “O Eu se desenvolve da percepção das pulsões ao domínio sobre elas, da obediência as pulsões à

inibição delas” (p.70). Em todo esse processo, existe uma forte presença do Supereu – uma formação reativa aos processos pulsionais do Isso.

Freud (1923/2011) categoriza esse Eu como uma pobre criatura submetida a uma tripla servidão, que sofre com as ameaças de três perigos: “do mundo exterior, da libido do Isso e do rigor do Supereu” (p.70). O Eu se vê, portanto, entre três espécies de angústia. Ele busca mediar a relação entre o Isso e o mundo, submetendo o Isso ao exame da realidade e, simultaneamente, usando do acesso a motilidade para fazer com que o mundo leve em conta os desejos do Isso. “Com sua atenção ao mundo real, oferece-se ao Isso como objeto libidinal e procura guiar para si a libido do Isso” (p.70). Freud denomina o Eu como um “escravo submisso, que roga pelo amor do amor” (p.70) – o Isso. No texto *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (Freud, 1921/2011), o autor também aponta algumas importantes asserções sobre a relação entre o Eu e o Supereu (ideal do Eu):

Até agora compreendemos apenas os casos em que o objeto foi abandonado porque se mostrara indigno do amor. Então ele é novamente instaurado no Eu, através da identificação, e severamente julgado pelo ideal do Eu. As recriminações e agressões dirigidas ao objeto vêm a se manifestar como autorrecriminações [*Selbstvorwürfe*] melancólicas (1921/2011, p.98).

Freud (1921/2011) sinaliza nesse texto mais alguns efeitos presentes na relação do Eu com o Supereu com o prefixo *Selbst*: autocrítica [*Selbstkritik*], auto-congratulação [*Selbstbeglücktheit*], autorrecriminação ou condenação do Eu [*Selbstvorwürfen*] e autorrebaixamento [*Selbsterniedrigung*]. Utilizaremos das teorizações propostas acima para articular um pouco melhor a dinâmica pulsional nessa relação do Eu com seu ideal. Conforme citado, o Supereu se manifesta como crítica, porém essa crítica é sentida pelo Eu como culpa. Podemos tentar organizar esses termos utilizados por Freud com o prefixo *Selbst* por essa lógica, considerando o efeito sentido pelo Eu. Em nosso segundo capítulo, discutimos os investimentos de amor e ódio, introduzindo agora a segunda tópica podemos evidenciar o aspecto qualitativo pulsional. O circuito pulsional, que se estabelece no encontro entre o impulso e objeto, gera uma determinada sensação que pode ser sentida – qualitativamente – de diversas formas pelo Eu, conforme discutido no texto *Problema Econômico do Masoquismo* (Freud, 1924/2011).

Conforme já pontuamos, inicialmente o bebê encontra-se em um estado de indissociação com o mundo externo, nesse estado existe apenas a busca por incorporar o que é prazeroso e expulsar aquilo que é desprazeroso. O movimento inicial da pulsão é, portanto, de união (pulsão de vida) e separação (pulsão de morte). Freud (1932/2010, p.31) afirma que “além do impulso de conservar a substância vivente e aglomerá-la em unidades sempre maiores,

deveria existir um outro que lhe fosse oposto, que se esforça por dissolver essas unidades e reduzi-las ao estado primordial, inorgânico”. Essa ambivalência união/separação se desdobrar na ambivalência amor/ódio, respectivamente. Ao amor fica associado o prazer, a atração e a aproximação; ao ódio fica associado o desprazer, a repulsa e a separação. No artigo *A negação*, Freud (1925/2011) propõe a “função intelectual do juízo” (p.278), que nos ajuda a compreender um pouco essas relações entre união e separação. O juízo tem duas importantes funções: “deve adjudicar ou recusar a uma coisa uma característica e deve admitir ou contestar a uma representação a existência na realidade” (p.278). Ou seja, a primeira função é delimitar se algo deve ser incorporado ou expulso. Além dessa delimitação, surge a necessidade de identificar se esse “algo que se acha no Eu como representação pode ser reencontrado também na percepção (realidade)” (p.279). Segundo Freud (1925/2011), a experiência revela que além do objeto de satisfação ser categorizado como “bom” e, conseqüentemente, ser acolhido no Eu, é importante que esse objeto se ache no mundo exterior, para caso necessário seja possível apossar-se dele.

Considerando que toda representação é proveniente de uma percepção, em um primeiro momento, entende-se que a existência dessa percepção já é uma prova da realidade desse objeto. Entretanto, a capacidade de reproduzir na imaginação um objeto que não está necessariamente presente no exterior, exige que um novo exame da realidade seja feito. “A meta inicial e imediata do exame de realidade não é, portanto, encontrar na percepção real um objeto correspondente ao imaginado, mas sim reencontrá-lo, convencer-se de que ainda existe” (Freud, 1925/2011, p.280). Outro aspecto importante ressaltado por Freud (1925/2011), é que mesmo encontrando o objeto na realidade externa, este pode ser diferente do imaginado, ou seja, a reprodução da representação não foi reproduzida no imaginário de forma totalmente fiel. Essa distinção entre o objeto imaginado e o objeto na realidade é essencial para a distinção entre o subjetivo e o objetivo. Podemos usar como exemplo da importância desse processo, a relação do indivíduo com o alimento. A representação de um alimento na imaginação não é suficiente para satisfazer a necessidade proveniente da fome, ou seja, é essencial que seja viável apossar-se desse objeto, para que a vida do organismo seja preservada. Entretanto, ao destruir o objeto (comida) para incorporá-lo, é necessário um novo exame da realidade, visando reencontrá-lo. O autor conclui afirmando que “reconhecemos, como condição para que se instaure o exame da realidade, a perda de objetos que um dia proporcionaram real satisfação” (p.280). Com isso, concluímos que: (1) o movimento inicial da pulsão é quantitativo e, essencialmente, de aproximação e separação – pulsão de vida e morte; (2) o movimento de separação pode, eventualmente, desembocar na destruição de objetos e isso se faz necessário para a instauração

do princípio de realidade; (3) os fatores delimitados como “amorosos” ou “hostil”, são atribuição posteriores.

Sendo assim, podemos considerar que esse circuito pulsional – inicialmente quantitativo –, é um montante de investimento gerado pelo Isso para apropriar-se das fontes de prazer e afastar-se das fontes de desprazer, satisfazendo, assim, a dualidade pulsional. Na instância do Isso não há consideração de juízo de valor, moral ou temporal, a lógica organizadora é do inconsciente. Entretanto, esse processo demanda o contorno de um Eu que tem, como parte de suas funções, o acesso a motilidade e a percepção. Essa parcela consciente do Eu passa a participar da mediação desses montantes pulsional, instaurando também uma lógica e organização consciente, que busca satisfazer as pulsões e, concomitantemente, corresponder aos ideais do Eu, a moral, a cultura, a cronologia. Esse investimento, inicialmente quantitativo, passa a ser sentido pelo Eu de forma qualitativa, como: crítica, congratulação, recriminação, rebaixamento, amor, ódio, entre outros. Considerando esse funcionamento, entendemos que antes da formação do Eu a pulsão não teria esse caráter qualitativo. Paradoxalmente, o Eu é constituído pela dinâmica pulsional e, simultaneamente, se torna objeto dela.

Ao abordar a pulsão de morte no *Problema Econômico do Masoquismo* e em *Eu e o Isso*, Freud associa a “destrutividade” a pulsão de morte, usando de termos como suicídio [*Selbsttötung*] e da autodestruição [*Selbsterstörung*]. Iremos investigar as articulações da pulsão de morte – aquilo que escapa ao ‘amansamento’ libidinal – com a destrutividade e, em especial, com sua forma mais extrema: a morte.

#### **4.4 *Selbst* como destruição e morte**

Retomando o texto *O Eu e o Isso* (1923), identificamos o seguinte uso do prefixo *Selbst*: “o doente obsessivo, ao contrário do melancólico, jamais chega realmente ao suicídio [*Selbsttötung*], ele é como que imune ao perigo da autodestruição [*Selbsterstörung*], muito mais protegido contra ele do que o histérico” (Freud, 1923/2011, p.67). Ademais, o autor enfatiza que a autodestruição é proveniente de uma “cultura da pulsão de morte” (p.67). Vamos tentar articular um pouco melhor essas relações entre a pulsão de morte e a destruição dirigida ao Eu.

Assim, o impulso seria inclusive forçado ao serviço de Eros, na medida em que o ser vivo aniquilava outras coisas, animadas ou inanimadas, em vez de a si mesmo. Inversamente, os limites impostos a essa agressão dirigida ao exterior teriam de

intensificar a autodestruição [*Selbsterstörung*], aliás sempre presente (Freud, 1923/2011, p.67).

Nesse trecho fica evidente a concepção de que destinar essa agressão a um objeto exterior é fator essencial para evitar uma autodestruição [*Selbsterstörung*]. Outro aspecto interessante é a dualidade entre pulsão de vida e morte, uma vez que o impulso de aniquilar objetos se faz presente a favor da pulsão de vida. Assim como descrevemos anteriormente, na dualidade do impulso de aproximação como pulsão de vida e a completa indissociação do Eu com o mundo externo como pulsão de morte, esse trecho propõe algo similar. No texto *O Eu e o Isso*, um trecho chama atenção no que se refere a destruição e a morte:

Ante as duas espécies de pulsões ele não se mantém imparcial. Com seu trabalho de identificação e sublimação presta ajuda a pulsão de morte na subjugação da libido, mas arrisca tornar-se objeto dessas pulsões e mesmo perecer. A fim de prestar esse auxílio, teve de encher-se ele próprio de libido; com isso torna-se representante de Eros, e quer então viver e ser amado. Mas, como o seu trabalho de sublimação tem por consequência uma disjunção pulsional e liberação das pulsões de agressão no Super-eu, ele se expõe, em sua luta contra a libido, ao perigo dos maus-tratos e da morte (Freud, 1923/2011, p.71).

A destruição é uma consequência do processo de aproximação e separação com o objeto, necessário para a instauração do princípio de realidade. Quando o Eu se faz objeto da libido e incorpora traços dos objetos externos, ele se torna, também, passível dessa tentativa de separação. Dentre as possibilidades de separação – ou destruição – Freud cita o suicídio [*Selbsttötung*] na melancolia, como a tentativa de destruir o objeto, agora identificado ao próprio Eu. O autor também delimita a existência de uma proteção do neurótico contra a autodestruição [*Selbsterstörung*], fazendo referência a dinâmica de existir um objeto no mundo externo que possa ser destruído. Na melancolia, por exemplo, o componente destrutivo sádico se instala no Supereu e se volta contra o Eu, uma vez que ele se encontra identificado ao objeto que deseja expulsar. “O que vigora no Supereu é como que pura cultura da pulsão de morte, e de fato este consegue frequentemente impelir o Eu à morte, quando o Eu não se defende a tempo de seu tirano” (Freud, 1923/2011, p.67). Nesse sentido, na neurose obsessiva, a conservação do objeto externo garante a segurança do Eu, uma vez que os impulsos amorosos podem ser convertidos em impulsos destrutivos destinados ao objeto.

Laplanche e Pontalis (1967/2001) enfatizam a inexistência de moções pulsionais puras, ou seja, costumamos nos deparar com as duas pulsões – de vida e de morte – em proporções variadas. Sendo assim, a pulsão de morte costuma ser percebida quando está evidenciada pelo erotismo, sem ele ficaria subtraída à percepção. Trazendo para essa discussão aspectos elaborados anteriormente nessa pesquisa, algumas indagações sobre essa

destrutividade surgem. Quando Freud expõe suas asserções referentes ao princípio do Nirvana, ele delimita que, inicialmente, o retorno a um estado de completa constância – que tem como único desdobramento possível a morte – é o objetivo de toda vida. Entretanto, as demandas de conservação, do indivíduo e da espécie, se manifestam por meio do princípio do prazer que reivindica a vida e posterga a morte. Essa reivindicação ocorre, segundo as descrições do autor, por meio da libidinização dos objetos e, eventualmente, do próprio Eu, que por meio da identificação pôde se tornar objeto das próprias pulsões. Dentro dessa lógica, a pulsão de morte é considerada como aquilo que foge do amansamento feito pela libido (pulsão de vida). O próprio autor reforça que é difícil saber o quanto da pulsão de morte ‘escapa’ desse processo.

Conforme debatemos em nosso primeiro capítulo, uma característica da relação libidinal – e da sexualidade – é que a satisfação é autoerótica, proveniente de um circuito de satisfação alucinatório, se satisfaz com as representações subjetivas do objeto, vinculadas parcialmente a realidade externa. Voltando a questão da pulsão de morte, se a considerarmos como não libidinizada, partiremos do pressuposto que ela não possui essa mesma possibilidade de se satisfazer alucinatoriamente, ou seja, está fora do registro da sexualidade. Seria possível supor, então, que ela demanda um objeto na concretude da realidade.

#### 4.5 Considerações finais

Neste capítulo utilizamos o prefixo *Selbst* como norteador para a compreensão de quatro aspectos da teoria freudiana: (1) a preservação da vida; (2) a dualidade pulsional; (3) o fator qualitativo da pulsão; e (4) a destrutividade.

Inicialmente, ao propor o princípio do prazer e o autoerotismo, Freud evidencia a satisfação que se instaura *apoiada* em uma função que serve a preservação da vida e é *desviada* para um outro objetivo. Nesse sentido, podemos citar a relação do bebê com o chuchar, que está apoiada na função de alimentação e passa a proporcionar uma satisfação sexual autoerótica. Entretanto, mesmo com essa satisfação autoerótica, o chuchar não supre a fome, ou seja, é uma exigência da vida – e da pulsão de autoconservação [*Selbsterhaltungstriebe*] – que exista uma modificação adequada da realidade, desembocando na satisfação dessa necessidade básica. Fica evidente a importância da instauração do princípio da realidade para a autoconservação [*Selbsterhaltungstriebe*].

Ao propor a pulsão de morte, juntamente ao princípio de Nirvana, Freud delimita que o objetivo de todo organismo é retornar a um estado anterior, sem excitações. Ou seja, o objetivo de toda vida é a morte. A função da pulsão de vida, e da autoconservação [*Selbsterhaltung*], é

de adiar a conclusão desse objetivo e proporcionar a conservação do organismo e da espécie. Um aspecto essencial dessa proposta freudiana, é que essas duas pulsões, de vida e de morte, formam uma dualidade, uma vez que se encontram amalgamadas em diferentes proporções. Uma forma de compreender melhor essa dualidade é a partir das dinâmicas de união e separação. O autor delimita a união como um aspecto da pulsão de vida, enquanto a separação é um movimento da pulsão de morte. Ao discorrer sobre as formações de grupos, Freud pontua que a união das grandes massas se dá pelo amor – libido – e, assim como no apaixonamento, existe um certo tensionamento das fronteiras entre o Eu e o mundo externo. Junto com essa aproximação ocorre uma diminuição do autorrespeito [*Selbstachtung*], associado a diminuição da consciência de si [*Selbstbewußtsein*] e ao aumento da abnegação [*Selbstaufopferung*]. Existe, ainda, um retorno – em maior ou menor medida – a um estado anterior da psique, onde existia um sentimento de íntima ligação do Eu com o mundo externo. Tanto a união dos grupos, como o apaixonamento, são mecanismos que agem a serviço da manutenção da vida.

Esse estado de união, quando alcança um extremo, pode levar a uma indistinção entre o Eu e o mundo externo. Esse movimento de retorno para um estado fusional pode coincidir com a pulsão de morte – e com o princípio de Nirvana –, uma vez que segue uma tendência de retorno a um estado anterior de organização pulsional, contrapondo-se a consciência de si [*Selbstbewußtsein*] – ou sentimento do Eu. O princípio da realidade se faz necessário para que exista a manipulação adequada do ambiente e das situações, conforme citamos anteriormente, pois assim é possível suprir as necessidades básicas para a sobrevivência. Nessa dinâmica, o contorno do Eu é essencial, pois o retorno a um estado fusional com o ambiente – ou com o outro –, pode deixar de ser um movimento de aproximação, destruir a alteridade e, conseqüentemente, inibir a autopreservação. Algo semelhante a essa operação ocorre na identificação, uma vez que o objeto, ou parte dele, é destruído e incorporado no Eu. Em resumo, a dualidade pulsional se dá nessa dinâmica em que o mesmo movimento que em dadas circunstâncias e intensidades produz uma aproximação e construção a favor da vida, pode, em outras circunstâncias e intensidades, produzir uma destruição e separação a favor da morte.

Como resultado desses processos paradoxais no circuito pulsional, Freud identificou algumas organizações psíquicas que ele descreveu teoricamente com a divisão em instâncias denominadas como: Isso, Eu e Supereu. O organismo se dá, inicialmente, como um Isso indiferenciado do externo e regido por esse impulso de buscar um estado anterior, livre de excitações. Aqui, identificamos o princípio de Nirvana que age a favor da pulsão de morte. Como resultado das exigências da vida e da preservação do indivíduo, faz-se necessária uma libidinização desses impulsos, o princípio do prazer entra em ação com objetivo de adiar o

objetivo último da vida – a morte. Entretanto, para que essa autopreservação [*Selbsterhaltung*] ocorra de forma eficaz, um exame da realidade se faz necessário. Essa concepção do mundo externo da realidade, que se diferencia de um mundo interno – psíquico –, dá sustentação para que sejam construídos contornos do Eu, que o separam do mundo externo e do outro. Entretanto, esse Eu é, também, constituído por partes desses outros via identificação, mecanismo que se faz necessário como saída satisfazer parcialmente as pulsões, sem desconsiderar a realidade. Em adendo, o caráter atemporal da psique, leva as camadas anteriores a continuarem em funcionamento, ou seja, regredir a um estado precoce da organização psíquica é um fenômeno comum e presente em toda vida dos sujeitos – assim como Freud identificou na transferência clínica observando a repetição. Sendo assim, em vários momentos a divisão Eu-outro, ou eu-mundo externo, assim como a consideração da realidade em detrimento da fantasia, pode sofrer oscilações.

Entendemos que esses processos pulsionais necessários para que a dualidade pulsional se organize, resultam, portanto, em uma distinção do mundo interno e externo. Essa demanda de uma satisfação das pulsões do Isso e da consideração da realidade, torna necessário que o Eu incorpore – por meio da identificação – parte dos objetos amorosos e possa oferecer a si próprio como objeto de amor (e de ódio), transformando libido objetal em libido narcísica. O Eu se dá, simultaneamente, como produto e destino das pulsões, complexificando a ideia inicial freudiana de um Eu das percepções conscientes, para um Eu que é parcialmente inconsciente. Essa concepção de Eu também nos proporciona entender o prefixo *Selbst* não necessariamente como um movimento de retorno ao Eu, mas como um movimento de retorno ao ponto de partida. Isso se dá, pois, não existia um Eu a priori. Voltando a questão de identificação, Freud ressalta que é muito difícil diferenciá-la do investimento libidinal. Investigando esse fenômeno, o autor retoma o complexo de Édipo, evidenciando a organização da terceira instância citada: o Supereu. Essa instância é considerada como herança do Complexo de Édipo, resultado da angústia de castração, que leva a um potente conflito. A saída possível para satisfazer esse intenso desejo relacionado aos primeiros objetos amorosos do Isso e ainda satisfazer o exame da realidade – e a inserção na cultura –, é a identificação com essas figuras parentais. Conforme pontuamos, a relação com os pais – primeiros objetos de amor – é extremamente ambivalente, assim como a identificação. Os pais são vistos como aquilo que a criança gostaria de ser – ideal –, mas também como representantes da interdição para a realização de um desejo e a necessidade de corresponder a uma demanda da realidade e da cultura. Ao incorporar esses objetos de amor, o indivíduo incorpora, também, objetos de ódio e interdição, que agora constituem parte do seu Eu. O Supereu se dá como um precipitado do Eu que representa essa

incorporação ambivalente, uma formação reativa aos processos pulsionais do Isso, essencial para mediação psíquica entre desejo e realidade, tornando possível a preservação do organismo individual e a manutenção da inserção em uma cultura.

Entretanto, compreendemos que essa formação ambivalente, permeada por ideais parentais e culturais, mas também por ódio, têm outras consequências. A relação entre Supereu e Eu é descrita por Freud como produtora de diversos efeitos, identificados por nós por meio do prefixo *Selbst*, como: autocrítica [*Selbstkritik*], auto-congratulação [*Selbstbeglücktheit*], autorrecriminação ou condenação do Eu [*Selbstvorwürfen*] e autorrebaixamento [*Selbsterniedrigung*]. Conforme investigamos a relação entre a dualidade pulsão de morte (separação) e pulsão de vida (aproximação) com a função do juízo da realidade, foi tornando-se evidente que o movimento inicial da pulsão é quantitativo e, essencialmente, de aproximação e separação. Porém, em algumas circunstâncias o movimento de separação pode desembocar na destruição de objetos. Essa destruição se faz necessária, em dada medida, para a instauração do princípio de realidade. Com isso, podemos afirmar que os fatores delimitados como “amorosos” ou “hostil”, são atribuições posteriores. A pulsão é inicialmente um montante quantitativo que é sentido pelo Eu de forma qualitativa, atribuindo definições como “bom/mal”, “amor/ódio”, “destruição/construção”, que se apresentam amalgamados em diferentes proporções.

Referente a essa destruição, destacamos algumas asserções freudianas. O autor evidencia que a destruição age a serviço da pulsão de morte e, com isso, alguns dos efeitos qualitativos que tornam possível identificar esse fenômeno são o suicídio [*Selbsttötung*] e a autodestruição [*Selbsttötung*]. Quando o Eu se torna objeto da pulsão ele próprio pode ser alvo dessa tentativa de separação que, por vezes, desemboca em uma destruição. Para Freud, a existência de um objeto externo bem delimitado, como na neurose, proporciona uma certa proteção para que essa destruição não se volte contra o Eu. Em casos como da melancolia, torna-se mais intenso o movimento de autodestruição [*Selbsttötung*]. Uma questão que evidenciamos, entretanto, é que essas são formas de identificar a pulsão de morte quando ela está amalgamada com uma pulsão libidinizada, que torna mais fácil seu reconhecimento. Entretanto, Freud cita a possibilidade de existir um montante de pulsão de morte que se encontra fora do registro da sexualidade (não libidinizado), portanto sem a possibilidade de se satisfazer auto eroticamente – na fantasia. Surge, assim, a questão que finaliza esse capítulo: seria possível supor que o impulso destrutivo da pulsão de morte, diferentemente do impulso erótico, precisa contornar um objeto na concretude da realidade para se satisfazer?

## 5. CONCLUSÕES

Conforme a metodologia utilizada em nossa pesquisa (Pinheiro, 2022), partimos de questões clínicas e desenvolvemos um percurso teórico na obra freudiana. Objetivamos, com isso, uma formalização teórica mais aprofundada de nossas questões de pesquisa: *como acontece a estruturação do sentimento de si? Quais fatores compõem essa estruturação? O que baliza os tipos de afeto que um indivíduo destina a si mesmo?* Sendo assim, chegamos ao momento de retorno à clínica e, para isso, iremos primeiramente apresentar nossas conclusões e, em seguida, ensaiar algumas interlocuções entre nossas investigações e as questões clínicas que dispararam essa pesquisa. Ademais, pontuaremos questões que surgiram nesse percurso e proporcionam uma continuidade da pesquisa em trabalhos posteriores.

Quando iniciamos o percurso teórico, logo nos deparamos com a hipótese de Marilene Carone, de que o prefixo *Selbst* – usado com frequência por Freud após o artigo de *Introdução ao Narcisismo* – poderia indicar um movimento pulsional de retorno ao Eu. As questões articuladas no primeiro capítulo foram essenciais para localizar conceitos fundamentais para o desenvolvimento posterior da pesquisa, como: sexualidade, complexo de Édipo, autoerotismo, princípio do prazer/realidade e, ainda, uma compreensão específica do conceito de pulsão proposto por Freud. Tomamos a posição de um entendimento sobre a pulsão como circuito, sem excluir o aspecto biológico e, simultaneamente, sem abreviar sua definição a um impulso. As asserções apresentadas nessa pesquisa sustentam a pulsão como resultante do encontro entre impulso e objeto, que tem um desdobramento em satisfação e retorna ao ponto de início – ou seja, a pulsão como resultado desse encontro entre uma necessidade biológica e a satisfação prazerosa adquirida com essa satisfação. A necessidade de uma relação com o outro (objeto), e um retorno ao ponto de partida, é evidenciada na constituição pulsional do sujeito. Essa proposta parte do pressuposto de que o indivíduo toma, simultaneamente, o papel de iniciador/controlador e de afetado da situação, colocando o sujeito como participante ativo na constituição do próprio circuito pulsional – que não existe a priori. Além disso, possibilita o entendimento de que esse afeto direcionado a si mesmo é parte fundamental – e inevitável – desse circuito.

O registro pulsional, composto por uma imensidão de encontros com objetos parciais de satisfação, é emaranhado com as necessidades de autopreservação (construção) e, da mesma forma, com as necessidades de destruição. Conforme proposto em nossas investigações, a pulsão de vida e de morte se encontram amalgamadas e, portanto, diferentes proporções de ambas estarão presentes em toda manifestação do circuito pulsional. Seguindo essa mesma

lógica, a ambivalência amor/ódio se faz presente em todo investimento de objetos libidinais. Nosso segundo capítulo teve enfoque na dualidade amor/ódio, sustentado nos conceitos de narcisismo e melancolia. Nesse momento de sua obra, Freud inaugura a proposta de um Eu que também pode ser erigido como objeto de investimento pulsional ambivalente, ou seja, passível de se tornar objeto de amor/ódio, crítica/satisfação, cuidado/negligência. Algumas importantes constatações do respectivo capítulo foram: (1) a proposta de um destino pulsional de retorno ao Eu que passa a ser entendido como objeto de investimento libidinal; (2) a evidenciação da ambivalência presente nesse investimento libidinal, ou seja, o Eu que é investido e tomado como objeto de amor, também é – inevitavelmente – investido e tomado como objeto de ódio; (3) a proposta de uma consciência moral, resultando na constatação de uma parte dissociada do Eu, que se contrapõe à outra e faz dela uma avaliação crítica conforme os ideais erigidos pelo sujeito; (4) a constatação da importância do processo de identificação – e sua relação com a ambivalência e os ideais – na constituição do Eu, por meio da assimilação e apropriação de aspectos presentes em seus objetos de amor/ódio.

A partir dessas asserções, o terceiro capítulo deu enfoque essencialmente em quatro aspectos: a preservação da vida, a dualidade pulsional, o fator qualitativo da pulsão e a destrutividade. A questão da preservação da vida fica evidente na exemplificação do chuchar, uma vez que o bebê, apesar de se satisfazer autoeroticamente nesse movimento, não consegue suprir a fome. Ou seja, ele ainda precisa de uma ação específica que modifique adequadamente a realidade externa, para que alcance o alimento e, assim, faça a manutenção do organismo e da espécie. Nesse processo, a investigação dos três princípios do funcionamento psíquico foi essencial para a continuidade de nossos estudos.

Freud (1923/2011) delimita o aparato anímico como, inicialmente, um Isso psíquico regido pelo princípio de Nirvana, que trabalha a favor da pulsão de morte – objetivo último da vida. Esse princípio visa aniquilar as excitações, apropriar-se das fontes de prazer e afastar-se das fontes de desprazer, retornando a um estado anterior da vida pulsional onde não há oscilações de excitação. Com a demanda da preservação da vida, essa pulsão de morte é libidinizada e, assim, os princípios do prazer e da realidade trabalham a favor da pulsão de vida e passam a coexistir com o princípio de Nirvana. Esse exame da realidade vai proporcionando que o indivíduo faça uma distinção entre mundo interno e mundo externo, o que permite o contorno de um Eu – constituído pela dinâmica pulsional e, simultaneamente, seu objeto de investimento. Conforme as relações objetais se consolidam por meio da identificação, os pais se tornam os primeiros objetos de amor e, novamente, o princípio da realidade e a preservação da vida vigorarão. A exigência derivada da angústia de castração leva ao abandono parcial

desses objetos – que permanecem investidos na fantasia como objetos sexuais e, na realidade externa, como objetos de amor –, preservando o organismo. Esse movimento de introjetar esses objetos retirando a erotização resulta em um retorno de investimento libidinal tão potente para o Eu em desenvolvimento, que traz consequências duradouras, formando um precipitado denominado Supereu. Esse precipitado é reativo aos processos pulsionais do Isso, essencial para mediação psíquica entre desejo e realidade, tornando possível a preservação do organismo individual e a manutenção da inserção em uma cultura. Sendo o Supereu uma formação reativa aos desejos do Isso, sua rigorosidade é proporcional à intensidade de contrainvestimento necessária em relação às pulsões do Isso. Essa organização se dá na tentativa do aparato psíquico em satisfazer os desejos pulsionais, mas, concomitantemente, respeitar o exame da realidade – autopreservação –, inserir-se em uma cultura e corresponder a um ideal do Eu. A partir disso, podemos ter uma noção da complexidade que se organiza na segunda tópica da teoria freudiana, uma vez que o conflito – e a insatisfação – é uma premissa pulsional.

Aprofundando os estudos na dualidade pulsão de vida – construção e união – e pulsão de morte – destruição e separação –, é possível compreender que estes encontram-se completamente amalgamados. Para que algo seja destruído, é preciso que tenha sido construído antes. Só é possível existir união se existir alteridade – separação. Em dada intensidade, uma união pode se tornar fusão e, assim, tornar-se separação. Da mesma forma, construir é uma forma de destruir o estado anterior de algo. A partir disso, concluímos que: (1) o movimento inicial da pulsão é quantitativo e, essencialmente, de aproximação e separação – pulsão de vida e morte; (2) o movimento de separação pode, eventualmente, desembocar na destruição de objetos e isso se faz necessário para a instauração do princípio de realidade; (3) os fatores qualitativos delimitados como “amorosos” ou “hostis”, são atribuições posteriores. Por fim, ressaltamos o aspecto da destrutividade. Esse movimento de separação que, eventualmente, desemboca em destruição e é descrito por Freud como derivado da pulsão de morte nos chamou a atenção. Ao descrever a pulsão de morte, o autor afirma que ela pode ser delimitada como aquilo que foge do amansamento feito pela libido (pulsão de vida). O próprio autor reforça que é difícil saber o quanto da pulsão de morte ‘escapa’ desse processo. Conforme nosso primeiro capítulo, uma característica primordial da relação libidinal – e da sexualidade – é que a satisfação ocorre de forma autoerótica e, portanto, é um circuito de satisfação alucinatório. Apesar de essa satisfação estar vinculada parcialmente à realidade externa, ela se concretiza na fantasia – com as representações subjetivas do objeto. Sendo assim, surge a questão de que essa parcela de pulsão de morte que ‘escapa’ ao amansamento da libido está fora do registro da sexualidade e, com isso, demanda um objeto na concretude da realidade.

Essas foram as principais considerações que alcançamos por meio de nosso percurso investigativo. A partir delas, algumas reflexões clínicas puderam ser estabelecidas. Inicialmente, partimos da percepção de manifestações clínicas de afetos que os pacientes destinavam a si mesmos. Dentre elas, era perceptível uma variedade de intensidades – desde as mais destrutivas até aquelas difíceis de identificar – e de formas de nomear as sensações relacionadas a esses afetos. Existiam, ainda, distintas saídas encontradas pelos analisandos para elaborar, organizar e destinar esses afetos. Muitas dessas dinâmicas – que agora entendemos como derivadas do circuito pulsional – me pareciam incoerentes à primeira vista. Essa delimitação, de ser algo que me parecia “incoerente”, vinha de uma percepção equivocada da derivação desses afetos. Inicialmente, ao ouvir os relatos dos pacientes, eu fazia uma leitura incompleta dos aspectos vinculados a eles. Ao mapear as questões práticas do dia a dia, surgia uma impressão de que o afeto que destinavam a si não condizia com essa realidade factual do mundo externo e objetivo. Ou seja, em muitos momentos, esse direcionamento de ódio/amor, crítica/satisfação, destrutividade/construção parecia ser afetado por algo que excedia o trabalho que possuíam, a forma como se inseriam nos círculos sociais, em como tinham alcançado determinados objetivos de vida, como ocupavam determinados status social e afins.

Inicialmente, quando identifiquei em minha clínica esses direcionamentos de afetos para o Eu, parti de uma concepção – simplista – de que se tratava majoritariamente de satisfação ou insatisfação na busca por ideais. Após acompanhar esses pacientes por alguns anos, foi perceptível que a complexidade desse fenômeno ultrapassava essa busca e, além disso, ultrapassava as factuais da realidade do mundo externo daquele indivíduo. Vale ressaltar que os ideais, a cultura e a realidade do mundo externo são fatores essenciais; sua importância não pode ser subestimada e/ou ignorada. A noção com a qual me deparei é de uma complexidade que vai além desses fatores e que se enlaça neles, ou seja, uma noção de que a insatisfação é uma premissa pulsional.

Após o percurso na obra freudiana, percebo que o entendimento da pulsão como circuito foi o primeiro grande passo no avanço de minha pesquisa. Toda relação objetal – seja com objetos externos ou internos – pressupõe, portanto, um retorno pulsional ao ponto de partida. Conforme propusemos anteriormente, o sujeito está em uma posição média reflexiva nesse movimento, ou seja, simultaneamente ativo e passivo. Se considerarmos a pulsão apenas como um impulso que leva o sujeito à satisfação, seria coerente que a conclusão de um determinado ideal erigido fosse eficaz – e suficiente – para gerar afetos positivos direcionados a si mesmo. Entretanto, quando pensamos no circuito pulsional, essa relação se faz mais complexa, pois o retorno, assim como o investimento, passa por todo um aparelho psíquico que

visa satisfações paradoxais. Ademais, o circuito evidencia o entendimento de que o investimento no outro é, em última instância, também um investimento em si mesmo.

As articulações teóricas apresentadas no segundo capítulo – narcisismo, melancolia, identificação e ambivalência – proporcionaram mais algumas reflexões. Conforme investigamos as asserções sobre um Eu que pode ser objeto de amor da própria pulsão, a ambivalência se tornou aspecto essencial na pesquisa. Freud articula, ao investigar o mecanismo da identificação na relação objetal, que o investimento nos objetos libidinais é, por pressuposto, ambivalente. Sendo assim, a relação com o Eu tem essa mesma característica: o investimento de amor é permeado, também, por ódio. Essa dualidade coexiste em diferentes proporções em todo investimento do sujeito no próprio Eu e no outro. A importância clínica desse fator se dá na possibilidade de escutar, para além de diversas outras dinâmicas presentes, simultaneamente, a relação e o direcionamento de afetos de um sujeito para si mesmo a partir das relações dele com os objetos de amor, uma vez que a relação objetal é permeada por identificação.

É muito comum, na clínica, relatos de situações em que os indivíduos sentem algum tipo de incomodo relacionado às pessoas às quais são vinculados afetivamente – seus objetos de amor. Como forma de lidar com esse incômodo, por vezes, ocorre um investimento hostil nesse objeto, alguns exemplos são: xingamentos, críticas, punições. Muitas vezes, esse movimento desemboca em brigas e atritos que, posteriormente, levam o paciente a descrever o surgimento de sentimentos de culpa, autocrítica, raiva de si mesmo, autopunição, entre outros. Ou seja, em um movimento de direcionar ódio ao outro – sadismo –, em última instância, considerando o retorno pulsional ao ponto de partida, o indivíduo também direciona ódio a si mesmo – masoquismo. Da mesma forma, é possível observar um investimento que, inicialmente, se mostra amoroso e, em dada instância, retorna como ódio. Um exemplo dessa dinâmica, da ambivalência amor/ódio, está comumente presente na relação com os pais. Vários pacientes relatam tomar decisões em suas vidas – escolha de qual graduação cursar na faculdade, com quem se relacionar, que religião seguir, entre outros – acreditando ser possível satisfazer um desejo dos pais. Relatam essa vontade de dar orgulho, retribuir tudo o que lhes foi proporcionado, demonstrar respeito, entre outros objetivos que podem ser qualificados como investimentos de amor. Entretanto, é um movimento que se desenrola, em vários dos casos que atendi, em uma insatisfação com a própria decisão, que se manifesta como raiva de si, indisposição para realizar as tarefas diárias, insatisfação recorrente com a própria vida e, em alguns momentos, até mesmo ideações suicidas. Nesses casos, é possível identificar um investimento amoroso no outro, que retorna com essa qualidade de ódio a si mesmo.

Essas dinâmicas de sadismo/masochismo e amor/ódio se fazem presentes nos mais distintos investimentos libidinais, coexistindo em diferentes proporções. Posto isso, nosso objetivo foi enfatizar como o investimento no outro gera – simultaneamente – um investimento no Eu. Apesar de termos evidenciado a ambivalência, da mesma forma é possível que um investimento de amor no outro retorne como amor ao Eu. Freud cita essa dinâmica quando define como um ideal de amor aquele em que o investimento no Eu e no objeto se tornam quase indistinguíveis; nas palavras do autor, estão “em sintonia com o Eu” (Freud, 1914/2010, p.125). Essa percepção muda drasticamente as formas de escutar o direcionamento de afetos na clínica, pois torna possível ouvir esse direcionamento para o Eu quando um sujeito discorre sobre sua relação com o outro.

Dando seguimento, a destrutividade foi outro aspecto muito importante que gerou transformações em minha escuta clínica. A hipótese de um montante de pulsão de morte que se encontra fora do registro da sexualidade e que, portanto, não possui a possibilidade de se satisfazer na fantasia, pressupõe a necessidade da pulsão em contornar um objeto na concretude da realidade. Analisando esse aspecto na clínica, podemos citar algumas situações que chamam atenção. Em diversos casos clínicos, é possível observar esses direcionamentos qualitativos, que identificamos norteadas pelo prefixo *Selbst*, dentre eles: autocrítica, autocongratulação, autorrecriação, auto rebaixamento, amor-próprio, ódio próprio, entre outros. Estas são relações objetivas da ambivalência libidinal amor/ódio. Entretanto, em certos casos clínicos, é possível identificar que apenas essa satisfação na fantasia não é o suficiente para suprir uma demanda pulsional. Alguns analisandos apresentam uma necessidade de destruição voltada ao próprio corpo e ao outro. Podemos citar como exemplo a automutilação, em que existe um desejo por destruir – em alguma escala – o próprio corpo. Os relatos da automutilação na clínica vêm muito vinculados a essa exigência de ver, na concretude do corpo, as marcas da destrutividade causada pela mutilação. É possível, ainda, observar indivíduos que precisam ver em um objeto externo – um outro – essa mesma destrutividade. Retomando a questão do circuito, muitas vezes a destrutividade direcionada ao objeto de amor se torna, simultaneamente, uma destrutividade de si mesmo, uma vez que destruir um objeto investido libidinalmente é um fator de grande sofrimento para um indivíduo.

Por fim, compreendemos, a partir da proposta sobre a repetição e sobre a transferência na teoria psicanalítica, que a relação com o analista se dá, também, nesse mesmo formato. Todas essas ambivalências e esse fator destrutivo da pulsão irão contornar a relação analista/analizando, demandando um manejo adequado que impacta diretamente neste retorno pulsional ao ponto de início. A questão transferencial e os manejos possíveis na clínica se

enlaçam intimamente com a pergunta que finalizou nosso último capítulo: podemos supor que o impulso destrutivo da pulsão de morte, diferentemente do impulso erótico, precisa contornar um objeto na concretude da realidade para se satisfazer? E, agora, adicionamos: partindo dessa hipótese, quais seriam os manejos possíveis, na clínica, para lidar com esse direcionamento destrutivo da pulsão?

Deixamos em aberto essa investigação como uma proposta para trabalhos posteriores de pesquisa, visando ampliar a construção teórica que teve início com essa dissertação e, com isso, aprimorar constantemente nossa escuta e manejos clínicos.

## 6. REFERÊNCIAS

- Brandão, J. S. (1989) Mitologia Grega. Editora Vozes (Vol. III.)
- Camacho, R. G. (2003). Em defesa da Categoria de Voz Média no Português. *Rev. D.E.L.T.A.* 19(1). 91-122. <https://doi.org/10.1590/S0102-44502003000100004>
- Cavalcanti, C. A. T, & Poli, M. C. (2018). Tragédia grega e psicanálise: a outra cena e o Édipo. *Memorandum*, 34(1), 131-149
- Coelho, P. (1992). *As Valkírias*. Companhia das Letras.
- Durski L. M.; & Pinheiro, N. N. B. (2010). Como suportar o insuportável de nossos pacientes? Uma reflexão sobre o manejo clínico do além do princípio de prazer. *Estudos de Psicanálise*, 34(8), 53-52.
- Freud, S. (1996). Interpretação dos sonhos: parte II. In: *Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud – Volume V: A Interpretação dos Sonhos (II) e Sobre os Sonhos*. (1ª ed., pp.02-186) (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (2006). A sexualidade na etiologia das neuroses. In: *Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud – Volume III: Primeiras publicações psicanalíticas*. (4ª ed., pp.151-167). Imago. (Trabalho original publicado em 1898)
- Freud, S. (2010). Além do Princípio do Prazer. In S. Freud. *Obras completas, volume 14: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos*. (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1920)
- Freud, S. (2010). Introdução ao Narcisismo. In: *Freud, S. Obras completas volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. (Paulo César de Souza, Trans.; 1ª ed., pp.09-37). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2010). *O Mal-estar na Cultura*. L&PM Pocket. (Texto original publicado em 1932)
- Freud, S. (2010). Os instintos e seus destinos. In: *Freud, S. Obras completas volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. (Paulo César de Souza, Trans.; 1ª ed., pp.38-60). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2010a). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In: *Freud, S. Obras completas volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre a técnica e outros textos*. (Paulo César de Souza, Trans.; 1ª ed., pp.81-91). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (2010b). Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”). In: *Freud, S. Obras completas volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos*

sobre a técnica e outros textos. (Paulo César de Souza, Trans.; 1ª ed., pp.09-80). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911)

Freud, S. (2011). A negação. In: *Obras completas, volume 16: O Eu e o Id, "autobiografia" e outros textos*. (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1925)

Freud, S. (2011). O Eu e o Id. In: *Obras completas, volume 16: O Eu e o Id, "autobiografia" e outros textos*. (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1923)

Freud, S. (2011). O Problema Econômico do Masoquismo. In: *Obras completas, volume 16: O Eu e o Id, "autobiografia" e outros textos*. (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1924)

Freud, S. (2011). Psicologia das Massas e Análise do Eu. In: *Obras completas, volume 15: psicologia das massas e análise do Eu e outros textos* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1921)

Freud, S. (2012). Totem e Tabu. In S. Freud. *Obras completas, volume 11: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1912-1913)

Freud, S. (2013). *As pulsões e seus destinos*. (Pedro Heliodoro Tavares, Trans.; 1ª ed). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1915).

Freud, S. (2014a). Conferência 13: Traços arcaicos e infantilismo dos sonhos. In: Freud, S. *Obras Completas Volume 13: Conferências Introdutórias a Psicanálise*. (Paulo César de Souza, Trans.; 1ªed., pp.216-232). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1916-1917)

Freud, S. (2014b). Conferência 21: O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In: Freud, S. *Obras Completas Volume 13: Conferências Introdutórias a Psicanálise*. (Paulo César de Souza, Trans.; 1ªed., pp.344-365). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1916-1917)

Freud, S. (2015). Sobre as teorias sexuais infantis. In: Freud, S. *Obras Completas Volume 8: O Delírio e os Sonhos na Gradiva, Análise da Fobia de um Garoto de Cinco Anos e Outros Textos*. (Paulo César de Souza, Trans.; 1ªed., pp. 272-286). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1908)

Freud, S. (2016a). Luto e melancolia. In S. Freud. *Obras completas, volume 12: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das letras. (Texto original publicado em 1917)

Freud, S. (2016b). Tradução de Marilene Carone: Luto e Melancolia. *Jornal de Psicanálise* 49(90), 207/224. (Trabalho original publicado em 1917).

Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Freud, S. *Obras Completas Volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos.* (Paulo César de Souza, Trans.; 1ª ed., pp.13-172). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)

Garcia-Roza, L. A. (2008). *Introdução à Metapsicologia Freudiana: Volume 3: artigos de metapsicologia.* Zahar. (Trabalho original publicado em 1995)

Gimenes, R.; Santos, J. F. S. (2022) O Mito de Édipo: Os impasses nos contos de fada. *Leitura Flutuante* 14(1), 82-97. <https://doi.org/10.23925/lf.v14in1.57549>

Kaufmann, P. (1996). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud a Lacan.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1993)

Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário da Psicanálise.* (Pedro Tamen, Trans.; 4ªed.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1967)

Masson, J. M. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess: 1887-1904.* (Vera Ribeiro Trans.; 1ª ed.). Imago

Pereira, M. E. C. (2000). Bleuler e a invenção da esquizofrenia. *Rev. Latinoam. Psicop. Fund.* 3(1). 158-163. <https://doi.org/10.1590/1415-47142000001011>

Pinheiro, N. N. B. (2022). Pesquisa em psicanálise na universidade: uma proposição metodológica. In N. N. B. Pinheiro, R. S. Peres & S. N. Cordeiro (Orgs), *Pesquisas em psicanálise: reflexões teóricas e ilustrações práticas* (pp 13-27). Pedro & João

Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise.* Zahar

Vieira, T. (2011) *Édipo Rei de Sófocles.* Perspectiva